



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na 15ª
reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES)**

Palácio do Planalto, 01 de dezembro de 2005

Bom, primeiro, eu não sabia que era a última reunião deste ano. Segundo, dizem que o Presidente não tem que pedir desculpas, mas eu estou lá em cima recebendo notícias de que o Wagner está querendo terminar a reunião há muito tempo. E nós estávamos tentando fazer uma telefonema para o Tony Blair, para poder ver se discutimos a questão da rodada de Doha, que está nos preocupando, porque os países que podem ceder não estão querendo ceder, e nós vamos ter, o Celso deve ter falado com vocês, nós vamos tentar ver se ainda fazemos um esforço colocando o Brasil à disposição de fazer toda a flexibilidade que estiver ao alcance do Brasil para que a gente alcance um sucesso na rodada de Doha.

Não é fácil. É mais fácil vender suco de laranja na China do que fazer alguns países entenderem que o subsídio agrícola prejudica os países mais pobres. Não o Brasil, porque o Brasil tem condições competitivas. Mas países, sobretudo africanos e países aqui da América Latina. Vocês podem ter certeza que o Brasil vai cumprir a sua parte.

Não estava previsto eu falar hoje, aqui, mas eu preciso falar. Esse é o dilema. Nós temos uma semana em que tudo começou de forma muito promissora, com notícias boas, e uma semana que vai terminar com algumas notícias que não acalentam nenhum de nós.

Eu acho que duas coisas boas aconteceram esta semana. Primeiro, os números da PNAD. Confesso a vocês que eu estava, há muito tempo, esperando para que a gente soubesse se tinha surtido algum efeito, não apenas a política de crescimento que teve em 2004, mas, sobretudo, a política social que o governo implementou. E os efeitos apareceram na pesquisa, numa



demonstração de que investir na parte mais pobre da população, naquela que nem é assalariada ainda, significa a gente fazer uma distribuição de renda, e os resultados aparecem nos indicadores de qualquer instituto que fizer a pesquisa.

De forma, Patrus, que valeu a pena acreditar no Bolsa Família, não ser desestimulado nunca, quando alguma matéria saía, negativa, desesperadora, ou seja, o dado concreto é que valeu a pena fazer a política social, coordenada pelo teu Ministério, como valeu a pena a gente acreditar que o crescimento econômico é a base para que a gente possa fazer as outras políticas. Obviamente que todo mundo sabe que 2004 foi um ano acima da média dos últimos 12 anos no Brasil, e nós colhemos o resultado também com reflexos na política social.

E a outra notícia que eu considero boa, nem sei se a imprensa brasileira deu destaque, porque hoje eu ainda não vi os jornais, mas foi o acordo que nós fizemos com a Argentina ontem. Eu acho que nós demos um passo gigantesco na relação do Brasil com a Argentina. E o Celso me mostrava ali alguns dados de onde cresceram muito as exportações brasileiras e o Furlan citou os números. Eu acho que os números poderiam ser melhores, mas melhor do que está, ou seja, nem vocês mesmos acreditavam que pudesse ser melhor a nível de exportação.

Eu acho que o Furlan, além de apresentar os números, vai ter que, um dia, apresentar para nós algo mais do que os números, mostrar porque o Brasil está crescendo tanto nas suas exportações em alguns países que, no começo do nosso governo, alguns tratavam com muito pessimismo. O crescimento das nossas exportações para a América do Sul é uma coisa surpreendente, ou seja, não foi a América do Sul que descobriu o Brasil, foi o Brasil que descobriu a América do Sul, foi o Brasil que deu importância na sua relação com a América do Sul e os resultados estão aí. Eu penso que, quanto mais todos os países tiverem um mínimo de crescimento, a tendência natural é as exportações brasileiras crescerem cada vez mais para este Continente. E



também para os países africanos, ou seja, o pouco que eles podem comprar certamente o Brasil tem chance de colocar seus produtos lá. Eu acho que isso tem muito a ver com o que pode possibilitar a gente fazer o resultado positivo na política social.

O acordo com a Argentina me chamou a atenção, Celso, por uma coisa que eu, depois de três anos e tantas reuniões, vi, ontem, pela primeira vez. Ontem, pela primeira vez, nós fizemos uma reunião que não era tensa, uma reunião onde a parte brasileira e a parte Argentina estavam otimistas, e onde a parte brasileira e a parte Argentina estavam acreditando que os dois lados teriam que flexibilizar para que nós pudéssemos chegar ao termo em que nós chegamos. E posso dizer para vocês que foi um encontro dos mais promissores que eu participei entre dois países, porque eu senti que as duas delegações – não sei se porque o Corinthians está com muitos jogadores argentinos e isso tem a ver com o clima – ou seja, o dado concreto é que o clima, ontem, era um clima de muito otimismo das duas partes, muito positivo. E acho que, portanto, nós demos um passo extremamente importante. Eu digo sempre o seguinte: se a Argentina e o Brasil estiverem bem, a América do Sul toda estará bem. O Brasil e a Argentina são o pêndulo desse negócio e eu acho que, ontem, demos um passo extremamente importante.

Duas notícias que me deixaram... me fizeram pensar um pouco mais. Primeiro, a cassação do José Dirceu. Acho que o Congresso Nacional tem soberania para tomar as decisões e votar naquilo que a gente gosta e naquilo que a gente não gosta. A única coisa que eu lamento, é que o José Dirceu tenha sido cassado antes de terem provado alguma coisa contra ele. Eu tinha dito há um mês atrás, no Programa Roda Viva, que do jeito que as coisas caminhavam o Congresso se via quase que na obrigação de cassar o José Dirceu, porque se não cassasse seria negar tudo o que foi feito. Acho que o Congresso tomou uma decisão, a história vai se encarregar de dizer se foi certo ou não, mas eu acho que faltou provar para a sociedade que o Zé tinha



cometido o decoro parlamentar pelo o qual ele foi acusado. Acho que todo mundo aqui sabe a relação de amizade, de carinho, que eu tenho pelo José Dirceu, todo mundo sabe o quadro político importante que ele é, se ele errou ou não a história vai julgar. O dado concreto é que eu acho que poderiam, antes de julgá-lo, ter provado o que diziam do José Dirceu e não fizeram isso ontem. Eu acho que a história vai se encarregar de colocar as coisas mais às claras para todos nós nos próximos meses, quem sabe nos próximos anos.

A segunda coisa foi a questão do PIB. E aqui eu queria dizer para vocês que como eu venho acompanhando isso, eu já esperava que fosse um trimestre ruim, mas não esperava que fosse o número que foi. Entretanto, eu acho que não é motivo também para que a gente não acredite no que vai acontecer em 2006. Eu trabalho com a convicção, com a certeza que o Brasil entrou num caminho de estabilidade e de desenvolvimento que não tem retorno. Obviamente que nós sempre temos tempo de fazer os reparos que precisaremos fazer naquilo que precisar ser reparado

Mas eu quero dizer para vocês uma coisa muito séria, até por lealdade àquilo que vocês têm dado de contribuição ao governo, muitas demandas de vocês que ainda sequer foram discutidas na coordenação política do governo e que vamos ter que discutir, porque vocês vão começar o trabalho do ano que vem, nós vamos ter que prestar contas num pouco da demanda que vocês apresentaram este ano, porque senão vocês vão dizer: “para que o Conselho, se as nossas demandas não são levadas em conta na discussão do conselho político?” Elas vão ter que ser levadas em conta.

Mas eu quero dizer para vocês, por essa lealdade, que eu, primeiro, continuo acreditando que não há nenhuma razão para que qualquer ser brasileiro não acredite que o Brasil vai continuar crescendo. E pode crescer muito mais fortemente.

Há indícios na economia, há indícios no comportamento das pessoas, há indícios no BNDES de que isso vai acontecer. O que nós precisamos é saber



qual é o tempo em que isso vai acontecer e precisamos aí trabalhar, enquanto governo, enquanto instituições do governo, enquanto empresários, para saber esse tempo, porque não podemos permitir, em hipótese alguma, que a gente não comece 2006 dando sinais para a sociedade de que o nosso crescimento vai ser mais vigoroso, mais forte do que foi em 2005, 2004. Eu nem conto 2003, porque 2003 foi o ano em que a gente entrou para preparar a casa para começar a governar este país.

De forma que eu estou até esperando que o (inaudível) inaugure todas as pedras fundamentais que tem que lançar esses dias, que a Vale do Rio Doce faça a sua, que a Petrobras faça a sua. Mas que outras empresas comecem a pensar que o Brasil continua sendo a grande possibilidade de desenvolvimento neste Continente, e dentre os países emergentes, um país que tem grandes possibilidades.

Nós não tomaremos nenhuma atitude. Quero que vocês saibam da minha decisão pessoal. Nenhuma atitude será tomada em função das eleições de 2006. Nenhuma atitude que possa “cheirar” à sociedade brasileira, que nós estamos fazendo aquilo que, secularmente, é feito no Brasil. Num ano eleitoral a gente faz todas as bondades desnecessárias que se faz no Brasil e depois que termina as eleições, aquelas bondades se transformam em prejuízo para os próximos quatro anos. Não faremos. Com a mesma tranquilidade que nós enfrentamos 2003, nós enfrentaremos o ano eleitoral, que é sempre um ano muito difícil no Brasil, um ano de muita especulação, um ano de muitos altos e baixos, em que as pessoas põem medo, fazem terrorismo. Eu, como já participei de muitas, eu tenho claro qual é o clima criado num processo eleitoral. Isso não moverá, quero que vocês saibam, a cabeça do Presidente da República.

Nós estamos conscientes e consistentes de que as coisas estão no caminho certo, de que as coisas podem ser ajustadas aqui e ali, mas estamos



conscientes de que não há por que não continuar acreditando de que o que nós plantamos é o que o Brasil precisa.

Eu sei que para muita gente parece pouco, mas o resultado da PNAD, para mim, pessoalmente, é motivo de orgulho. Os sindicalistas que estão aqui na frente, dos mais importantes deste país, sabem que pelos menos há 20 anos eram raros nos mais combatentes sindicalistas, a começar do Ministro do Trabalho ao presidente de Osasco, ao presidente da CUT, eram raras as categorias mais combativas do Brasil que conseguiam um aumento acima da inflação. Eram raros. Nós tivemos toda a década de 80 e parte da década de 90 em que a gente fazia greve para evitar mais prejuízo. E eu, João Felício, fiquei extremamente feliz quando vi os dados do Dieese, de que em 2005, 85% dos acordos feitos pelas categorias de trabalhadores no Brasil, ou foram iguais ou superiores às taxas de inflação com ganho de real.

Esse dado publicado do PIB, ontem, eu gosto muito de..., eu tenho um assessor aqui chamado José Graziano, que toda vez que saem os macrodados, eu peço para me estudar os microdados porque, às vezes, no micro a gente encontra coisas. Os dados de ontem, me chamou a atenção duas coisas: apesar do terceiro trimestre ter caído, o consumo da família cresceu e os salários cresceram, então, tem um indício importante. Quem trabalha no comércio sabe que vai ter um natal promissor, sabe que vai ter um natal muito vigoroso. É lógico que nós tomamos medidas antes para o fato que você ter uma política de juros elevados não evitasse que tivesse dinheiro no mercado.

Eu quando fiz campanha, e vou terminar dizendo isso, eu fiz campanha me esgoelando pelo Brasil que a poupança interna era 17% do PIB, e o grande dilema daquela campanha era como fazer a poupança interna crescer. Nós nunca discutimos no governo, aliás, marquei uma reunião, preparei o Guido Mantega para fazer uma apresentação para a gente sobre como crescer a poupança interna. Nem chegamos a fazer a reunião e a poupança interna está



hoje em 24% do PIB. Esse foi um fato inusitado que justifica o crescimento de 2004 e que justifica a possibilidade que a gente tem de fazer a economia crescer mais.

Algumas medidas que nós tomamos ainda não aconteceram no Brasil. A Lei da Afetação, que garantiu ao Sistema Financeiro Privado financiar habitação no Brasil e que pegaram os empresários da construção civil desprevenidos porque, de repente, tinha 13 bilhões de reais para investir no setor e não havia uma preparação do setor para tomar esse dinheiro, certamente acontecerá no ano de 2006.

Eu acho que 2006 será um ano em que a dona Zilda vai poder cuidar melhor das crianças da Pastoral, acho que o Marinho vai poder formar mais gente, acho que os sindicatos vão poder fazer acordos melhores e eu acho que, possivelmente, nós possamos afirmar, em qualquer momento, que nós consolidamos definitivamente um outro jeito de encarar as coisas aqui no Brasil.

Quando este Conselho se reúne, o que me dá tranqüilidade é saber que qualquer pessoa que vier depois de nós, qualquer um, se tiver juízo, manterá o Conselho funcionando, talvez não com todos que estão aqui, porque vai dizer: “não, esses participaram daquele governo, então nós vamos ter que tirá-los”. Talvez seja um outro. Mas, de qualquer forma, para qualquer Presidente que tenha o ouvido do tamanho da boca é importante ter um Conselho como este, para ouvir até as coisas que não concorda, mas é bom ouvir, eu acho extremamente importante. Eu sou testemunha, tanto das conversas que eu tive com o Jaques Wagner, como com o nosso companheiro Tarso Genro, do trabalho inestimável que vocês prestaram aqui no debate. Possivelmente não tenhamos aprofundado alguns temas que precisaríamos aprofundar, nem sei se possível discutir política cambial num cenário com muita gente, ou discutir política de juros num cenário com muita gente, ou discutir outras coisas num cenário com muita gente.



Mas o dado concreto é que o fato de o PIB ter decrescido é um alerta para nós: olhe, vamos ver o que aconteceu direitinho, vamos ver o que a crise política tem de incidência nisso, vamos ver o que a política de juros tem de incidência nisso, vamos ver porque os empresários não fizeram os investimentos, alguns que estavam previstos fazer que não foram feitos, para que a gente não tome nenhuma medida... isso aqui é que nem medicina, se o médico for operar uma pessoa dizendo: “eu acho que ele tem tal coisa”, não dá certo.

Então, nós temos que, agora, ver o seguinte: o quarto trimestre, certamente, dará indícios fortes de que a economia vai continuar crescendo, mas eu acho que nós precisamos definir claramente que nós entramos numa rota de redução dos juros, a política cambial reclamada desde janeiro, desde o Furlan a muitos empresários amigos meus, até agora não mexeu na política de câmbio, ou seja, não mexeu no crescimento das nossas exportações.

Eu me lembro que eu recebi a indústria automobilística no começo do ano e estava tudo acabado: “não dá mais, acabou o mundo, não estamos vendendo”, ou seja, o que eu sei é que todo mês ela bate recorde atrás de recorde nas exportações.

O que eu acho extremamente delicado é que, viu, Wagner, precisava se criar de vez em quando, talvez aqui no Conselho, com outras pessoas... de vez em quando a gente fazer reuniões setoriais só para ver o seguinte: como resolver o problema do setor de calçados no Brasil? Esse tem um problema real. E o problema real do setor de calçados não é do mercado interno, é que nós estamos perdendo competitividade numa disputa com um país que produz nove bilhões de pares de calçados por ano, contra nós que somos o segundo, que produzimos 900 milhões.

Então, na hora em que a gente perde uma fatia do mercado externo, recuperar aquilo leva muito e muito tempo. Mas é um problema que nós temos que ajudar a resolver. Como é que nós resolvemos? Tentando trazer o setor, o



Furlan já convidou algumas vezes. Eu vou até comprar um par de sapatos a mais para ver se ajudo. Mas é importante que a gente veja que o problema nosso de competitividade é um problema que não depende apenas de política interna nossa, depende dos ajustes que tem que se fazer nas nossas negociações internacionais.

E outros setores... porque muitas vezes, Wagner, nós transformamos um problema de um setor num problema nacional. Nós temos um problema no setor têxtil, uma parte do setor têxtil não tem problema de competir com a China porque nós temos mais qualidade, outra parte tem. Então, essa parte que tem nós precisamos chamar separadamente, quem sabe em reuniões, e discutir. Porque uma coisa tem que estar clara: já é assim, mas, daqui para a frente, todos vocês têm consciência, quem exporta sabe disso, e o governo já aprendeu isso, que não tem moleza nas negociações internacionais. Não tem moleza, cada um está defendendo o seu mercado com unhas e dentes, cada um quer vender mais até do que pode produzir, e esse equilíbrio é que pode permitir que a gente possa reajustar alguns setores da economia brasileira que estão ficando defasados nessa competitividade.

Acho que vocês deveriam saber do seguinte, ainda: eu não acho que a gente possa ficar dando Feliz Natal com um mês antecedência ou 25 dias. Como eu espero me encontrar com alguns de vocês em algum lugar, ainda este ano, eu só quero dizer o seguinte: se eu tivesse que dizer alguma coisa sobre o Conselho, eu diria: valeu a pena. Valeu a pena a gente criar esse Conselho, como valeu a pena criar o Fórum Nacional do Trabalho, que produziu uma mudança na estrutura sindical, que agora está parada no Congresso Nacional porque muitas vezes as pessoas não se manifestam no Fórum e vão se manifestar depois. Mas está lá, aprovado.

Nós temos outras coisas para fazer e, de preferência, vamos tentar fazer junto com vocês, até porque, meu caro, eu digo sempre o seguinte: o que falta para os dirigentes descobrirem é que eles são passageiros, e se eles são



passageiros, quanto mais compromissos eles assumirem com aqueles que são quase eternos porque não têm mandato, ou seja, têm funções, seria melhor, muito melhor.

Outro dia eu fui ao Ceará e eu disse que, quem sabe um dia, no Brasil, não sei se no Brasil, um candidato não precise ter programa de governo. Ele pode até ter um programa dele, alguma coisinha que ele quer fazer, mas o Brasil deveria definir quais são as coisas que são consideradas essenciais para os próximos 15 ou 20 anos e transformar aquilo quase numa obrigatoriedade que cada governo que entrasse teria que... pode fazer o que ele quiser, mas aquelas obras ele tem que fazer, porque quando terminar aquela nós vamos poder pensar mais 20 ou 30 obras importantes.

E uma delas, que está me preocupando e nós estamos trabalhando para ver se apresentamos novidades este ano, é a questão da educação. Quer dizer, nós estamos trabalhando fortemente nisso, trabalhando para que o Congresso Nacional aprove o Fundeb, porque ele é a base dos passos seguintes, mas também para ver se a gente inclui alguns milhares de jovens nas universidades brasileiras porque se a gente crescer um pouco mais nós poderemos ter o risco de ter alguma mão-de-obra qualificada ausente do mercado. E todo mundo sabe que energia elétrica, mão-de-obra qualificada e mercado são condição *sine qua non* para que o país possa crescer e para que o país possa ser mais rico.

Por isso, Jaques Wagner, eu sei que o pessoal todo aqui te elogia pela tua brilhante coordenação. Não sei se são todos baianos, mas a baianidade do Wagner dá um toque melhor no Conselho. Quero te agradecer pelo trabalho que fez, quero agradecer a paciência de vocês. A paciência de vocês é muito importante porque se eu perceber que vocês têm paciência, quando eu subo para a minha sala, eu também falo: eu também tenho que ter paciência para que a gente possa fazer as coisas certas.

Meus parabéns e obrigado por tudo que vocês nos ajudaram.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do Seminário para Investidores – Brasil e Parceiros
São Paulo-SP, 02 de dezembro de 2005**

Bom dia aos nossos convidados,

Bom dia aos nossos ministros e ministras,

Eu quero começar agradecendo a aceitação do convite feito pelo nosso governo para que pudéssemos ter, aqui, o conjunto de empresários investidores no Brasil, para que pudéssemos mostrar um pouco, não apenas aquilo que somos, mas aquilo que pretendemos ser num futuro muito próximo. Há algum tempo, fizemos uma reunião em Genebra, depois fizemos uma reunião em Nova Iorque, depois fizemos uma reunião em Tóquio, e eu dizia que era preciso, depois da aprovação de alguma estruturação na nossa legislação, que nós convidássemos um grupo de empresários estrangeiros e brasileiros para que nós pudéssemos mostrar o que está acontecendo no Brasil. Por isso eu quero agradecer, outra vez, a disponibilidade de vocês, de virem a São Paulo para participar deste evento.

O Brasil e a América do Sul se apresentam hoje como uma enorme fronteira de oportunidades para os investidores de todas as partes do mundo. Estamos reconstruindo a geopolítica e a infra-estrutura de uma região que reúne mais de 300 milhões de habitantes, com um PIB superior a 1 trilhão de dólares.

Durante séculos, essa riqueza viveu desconhecida de si mesma. Agora, um continente inteiro redescobre a vocação para crescer de forma cooperada e solidária numa comunidade de nações. Unir mercados, abrir fronteiras, intensificar o comércio, atrair investimentos e ampliar a justiça social é a



agenda da América do Sul no século XXI.

O Brasil é um parceiro privilegiado desse renascimento continental. Não por acaso, nossas exportações devem chegar a 117 bilhões de dólares este ano. De Norte a Sul do continente, nosso país participa de projetos prioritários, que vão redesenhar as fronteiras do comércio, dos transportes, das comunicações, da energia e das oportunidades.

Falo, por exemplo, de obras em marcha como a Rodovia Interoceânica que liga o Brasil ao Pacífico, no Peru. Falo da ponte sobre o rio Orinoco, na fronteira com a Venezuela. Falo da hidrelétrica San Francisco, no Equador. Falo da ponte Assis Brasil – Iñapari, na fronteira peruana. Falo das parcerias no setor de energia com o Paraguai, a Venezuela e a Bolívia. Falo do desenvolvimento multilateral da região do rio Madeira. Falo dos gasodutos na Bolívia e na Argentina. Falo da segunda ponte sobre o rio Paraná, na fronteira com o Paraguai. Falo do corredor bioceânico entre Santos e Antofagasta, no Chile. Falo de uma nova ponte sobre o rio Jaguarão, na fronteira com o Uruguai. E falo da duplicação da auto-estrada do Mercosul, que estreitará ainda mais nossos laços com os irmãos argentinos.

Criamos no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, BNDES, um departamento especializado em integração latino-americana, com carteira de projetos de 2,6 bilhões de dólares. Temos hoje, no mínimo, um grande projeto de integração física em andamento em cada um de nossos parceiros continentais.

Eis a diferença substantiva entre o que acontece hoje e a integração sonhada no passado. O processo, agora, avança intensamente sobre pontes, estradas, usinas, comércio e gasoduto.

Quero chamar a atenção dos senhores e das senhoras para esse fato histórico: estamos realizando um dos mais importantes projetos de integração continental do mundo, no século XXI. Estamos vivendo um poderoso processo de mobilização de recursos, de vontade política e de energia cultural e



humana. É para participar dessa marcha, que já mudou a face comercial e política da América do Sul, e que irá mudá-la ainda mais nos próximos 10 anos, que exortamos a participação dos senhores e das senhoras.

Um outro grande mercado desponta na História. O fluxo crescente do comércio continental em produtos e serviços gerou uma dinâmica irreversível. Ela é a melhor garantia de remuneração ao capital que aqui foi investido. Significa dizer que investir no Brasil hoje, diferentemente do passado, equivale também a participar de um encadeamento virtuoso de projetos e oportunidades que, há muito, não se observava na arquitetura regional.

O Brasil rechaça qualquer pretensão hegemônica na integração regional. Todavia, seja pelo porte, seja pela sofisticação de nossa estrutura industrial e financeira, temos consciência das responsabilidades adicionais que nos cabem nessa trajetória.

Nossa economia está credenciada a desempenhar esse papel histórico. Hoje, ela reúne uma combinação ímpar de estabilidade com geração de empregos e distribuição de renda.

Desde 1995, a pobreza não caía tanto no Brasil. A tal ponto que em 2004, com onze anos de antecedência, atingimos a primeira Meta do Milênio, de reduzir à metade a miséria no país.

Temos hoje a menor taxa de desemprego dos últimos cinco anos; pela primeira vez, desde 1996, a renda média do trabalhador parou de cair; o consumo das famílias cresce e há confiança no ambiente de negócios.

Uma parcela significativa da indústria brasileira ganhou nervos e musculatura como nunca teve no passado. Portanto, estão líquidas, são mais rentáveis, ampliaram a produtividade e reduziram o seu endividamento externo e interno.

Qualquer que seja o indicador pelo qual se avalie este momento, em que pesem oscilações conjunturais da economia, o que se constata é o impulso renovado para crescer e se transformar. Ele está ancorado numa robusta



convergência de investimentos públicos e privados, como não se via há mais de duas décadas no nosso país.

A Petrobras prevê uma inversão de 53,5 bilhões de dólares em novos projetos até 2010, com geração de 280 mil empregos diretos e indiretos. Vamos dobrar a malha brasileira de gasodutos. Até 2007, serão aplicados 2,6 bilhões de dólares para a implantação de mais 4.600 quilômetros de redes no Norte, Nordeste e Sudeste. Mais de 250 mil novos empregos serão gerados pelos 3 bilhões de dólares em novos investimentos atraídos por essa infraestrutura.

Este ano, pela primeira vez, os investimentos em ferrovias vão ultrapassar os valores aplicados pelo BNDES em transporte rodoviário. Mais que uma mudança de portfólio, trata-se de uma redefinição de prioridades de uma economia que assumiu sua vocação exportadora. A partir de 2006, até 2010, os investimentos no setor serão da ordem de 2,5 bilhões de reais por ano. Na semana passada, iniciamos a construção da nova ferrovia Transnordestina, que terá recursos de 4,5 bilhões de reais e ligará os nove estados do Nordeste aos portos de Pecém, no Ceará, e Suape, em Pernambuco. Nossa previsão é de que o transporte ferroviário cresça 20% no país em 2006, com encomendas de vagões superiores a 7.500 unidades.

Quatorze novas usinas hidrelétricas estarão habilitadas para construção em 2006. Licitamos, este ano, linhas de transmissão para integrar definitivamente a rede nacional de energia. Garantimos oferta suficiente de energia para afastar, de uma vez por todas, o risco de estrangulamentos inaceitáveis como o que ocorreu em 2001 no nosso país.

O setor siderúrgico brasileiro iniciou um novo ciclo de investimentos que deve somar mais de 12,7 bilhões de dólares até 2015. No segmento químico e petroquímico as inversões programadas passam de 17 bilhões de reais. No total, projetos no valor de 20,4 bilhões de dólares nos setores siderúrgico, de refino de petróleo, químico, papel e celulose estão em andamento, com ciclo de



maturação até 2010.

O governo, através do BNDES, participa ativamente desse esforço de expansão de nossa base produtiva e exportadora, em especial, com recursos aplicados em grandes projetos de celulose e siderurgia, envolvendo até 50% do investimento previsto.

Nosso otimismo se apóia no chão firme das decisões refletidas e de uma estratégia vitoriosa. Estamos fazendo uma transição benigna de um passado marcado pela estagnação para um ciclo de verdadeiro desenvolvimento econômico e social.

O Brasil trocou uma inserção externa dependente e subordinada por uma participação soberana e cooperativa no comércio internacional. O fluxo do comércio exterior saltou de 13% do PIB, nos anos 90, para mais de 26%, atualmente. Nossas reservas quadruplicaram. Há superávit em contas correntes. O risco-país foi drasticamente reduzido. A dívida externa recuou. Descontadas as reservas, ela se equipara às exportações previstas para 2006.

Este país lidera as exportações mundiais de carne, soja, café, açúcar, suco de laranja e álcool. Mas também exporta automóveis, celulares e aviões. Quase 55% de nossas vendas são de manufaturados. Os industrializados de média e alta intensidade tecnológica têm participação crescente nos embarques. São parâmetros importantes de um país no qual já estão presentes 400 das 500 maiores multinacionais do Planeta. Essa é a hora de ampliar a parceria com o nosso desenvolvimento. Para isso, tomamos uma série de medidas nos últimos meses com o objetivo de facilitar as exportações e desonerar o investimento produtivo, totalizando uma renúncia fiscal da ordem de 5,7 bilhões de reais ao ano.

Estamos convidando os senhores a investir para compartilhar a matriz energética mais limpa e sustentável do Planeta no século XXI. A energia hidrelétrica atende 90% de nossa indústria. O Brasil será auto-suficiente em petróleo ainda neste ano. Produzimos 15 bilhões de litros de álcool a preços



imbatíveis no mercado de combustíveis renováveis. O programa do Biodiesel, nesta primeira etapa, substituirá 800 milhões de derivados de petróleo por combustível extraído de soja, mamona e girassol.

Tenho a certeza que esse horizonte fala alto a quem enxerga longe. Nele, o Brasil desponta como um parceiro diferenciado, uma ponte sólida e democrática para ingresso no mercado sul-americano e mundial. Estamos de braços abertos para recebê-los, numa relação madura de respeito e transparência.

Aprendi, em minha longa trajetória de negociações, que os bons acordos contemplam os interesses dos dois lados da mesa. Mais do que simplesmente adicionar fôlego a um momento singular da nossa História, queremos firmar compromissos compartilhados de longo prazo, que gerem riqueza com justiça, e democracia, com oportunidades para todos.

Meus amigos, minhas amigas,

Quero terminar dizendo a todos vocês aquilo que eu dizia no primeiro ano do meu mandato, em vários debates com empresários. O Brasil, durante a sua história recente, teve inúmeras oportunidades de crescer, de se desenvolver e de se transformar num país definitivamente desenvolvido.

Muitas vezes, precipitações políticas, muitas vezes, pressões, às vezes justas, mas feitas nas medidas equivocadas, fizeram governantes enveredarem pelos caminhos fáceis que se tornaram difíceis ao longo do tempo e, ao invés de avançar, o Brasil experimentou retrocessos.

Houve um momento na história do Brasil em que se negava o papel do Estado, tudo que fosse do Estado não valia nada. Houve um momento na história do Brasil em que se negava até a empresa nacional, de que o que importava era o que o mercado globalizado determinava, como se nós não pudéssemos, enquanto Nação soberana, determinar um modelo de desenvolvimento, definição das prioridades que o Brasil precisava.

Desde que nós tomamos posse eu tenho sido um provocador, eu diria,



benigno, dos empresários nacionais. Ao invés de dizer que a empresa nacional é inferior à empresa multinacional, e ao invés de dizer que a empresa nacional tem que fechar para a entrada de uma empresa multinacional, não foram poucas as vezes em que eu desafiei as empresas nacionais a virarem empresas multinacionais. É com muito orgulho que assistimos, hoje, empresas brasileiras tendo uma inserção no mundo de forma extraordinária e, à mesa nós temos dois exemplos, a Companhia Vale do Rio Doce e o nosso amigo Gerdau do grupo Gerdau.

O que nós queremos é que mais empresas brasileiras assumam essa dimensão multinacional, essa dimensão globalizada, para que nós não sejamos tratados como se fôssemos eternamente pequenos e não fossemos competitivos como somos em muitas áreas em que os senhores, aqui no Brasil, participam com seus investimentos ou em parcerias com empresários brasileiros.

O Brasil não pode, em nenhum momento, permitir que qualquer que seja a circunstância, em função de um ano eleitoral – e eu faço questão de reiterar isso na frente dos empresários e dos trabalhadores, toda vez que sou chamado para um debate – não haverá, em função do ano eleitoral, nenhuma tomada de posição do governo que possa colocar em perigo, em risco, o que nós conseguimos criar nesses três anos de sustentabilidade, de seriedade e de perspectiva de o Brasil ser um país que tenha, definitivamente, um crescimento de longo prazo, um ciclo virtuoso de crescimento para que a gente possa, não apenas desenvolver o Brasil, mas para que possamos, além de desenvolvê-lo, fazer a justa distribuição de renda que ao longo da história não foi feita.

Durante 20 anos, os trabalhadores brasileiros, por mais que lutassem, eram poucas as categorias de trabalhadores que conseguiam fazer acordos acima da inflação. Normalmente as categorias menos organizadas perdiam nos acordos coletivos. Vejam a boa coincidência, pela primeira vez, nas últimas décadas, as empresas brasileiras ganham mais do que os bancos, lucram mais



do que os bancos.

E pela primeira vez, em 20 anos, os trabalhadores brasileiros, este ano, 85% dos acordos salariais foram feitos acima da inflação, com ganhos reais, definitivamente melhorando a vida dos trabalhadores. Isso sintetiza o quê? Sintetiza uma máxima que nós acreditamos: quanto mais a empresa ganhar, mais chances os trabalhadores terão de ter os seus dividendos pela sua participação no resultado do ganho dessas empresas.

E nós sabemos que para as empresas ganharem, nós precisamos investir em tecnologia. Por isso estamos formando, este ano, a marca dos 10 mil doutores que prometemos em 2003. Por isso estamos anunciando este ano mais quatro universidades federais, e hoje vou lançar a pedra fundamental da Universidade Tecnológica do ABC; inauguramos a universidade tecnológica no Paraná; e vamos fazer quatro universidades federais, 32 extensões, das quais cinco são faculdades que serão transformadas em universidades federais. E, ao mesmo tempo, estamos construindo 32 escolas técnicas.

E por que estamos fazendo isso? Porque acreditamos que o Brasil não parará de crescer. Não se preocupem com o índice do terceiro trimestre, não se preocupem porque embora tenha me deixado chateado, porque você sempre espera números altamente positivos, os indicadores demonstram que a economia vai crescer, e vai crescer de forma sólida, em 2006. E, se Deus quiser, vai crescer em 2007, 2008, 2009, 2010, porque eu espero, em qualquer lugar do mundo que encontrar com vocês, sendo presidente ou não sendo presidente, ouvir de vocês a frase de que a empresa de vocês está ganhando dinheiro no Brasil e não que a empresa de vocês quebrou por estar no Brasil.

E queremos carregar junto conosco nessa trajetória, um trabalho intenso, que vocês têm acompanhado, criando uma consciência no Continente, em todos os países que fazem fronteira com o Brasil, de que não é possível um país crescer sozinho, é possível o Brasil crescer e, junto com o Brasil, crescer a Argentina, crescer o Uruguai, crescer Paraguai, Colômbia, Peru, Equador,



Chile, e todos aqueles que pertencem à América do Sul, porque assim a gente vai ter a certeza de que o século XXI vai ser para nós, na América do Sul, o que foi o século XIX para a Europa, o que foi o século XX para os Estados Unidos. E isso só será possível se vocês tiverem a ousadia de acreditarem tanto na integração da América do Sul, na perspectiva de crescimento do Brasil, como nós acreditamos.

O que eu estou dizendo a vocês é que tenham a certeza, de uma vez por todas, o Brasil não cometerá os erros que já foram cometidos historicamente.

Queremos olhar para a história, para o nosso passado, e aproveitar tudo aquilo que já foi feito de bom pelos outros governos, porque o Brasil não começou conosco e tampouco terminará conosco; queremos aproveitar as boas lições para aperfeiçoá-las; queremos aproveitar as coisas que nós sabemos que foram ruins para extirpá-las de uma vez por todas da política brasileira.

Em economia não existe mágica, em economia existe seriedade, existe transparência, existem passos a serem dados, do tamanho da nossa perna. Não adianta ficar olhando para a China, não adianta ficar olhando para os Estados Unidos, não adianta ficar olhando para alguém que cresceu mais ou menos do que nós. Não adianta. Nós temos que olhar para nós, para a nossa indústria, para a nossa cultura, para a nossa política, para as nossas possibilidades, e aí sim, juntos, nós poderemos encontrar o momento certo de tomar as medidas certas para que o Brasil passe para o rol dos países ricos.

Ontem, eu fiz um telefonema ao Tony Blair, e dizia ao Primeiro-Ministro inglês: as negociações da Rodada de Doha são de tamanha magnitude para o mundo subdesenvolvido e, sobretudo, para os países mais pobres, que nós não temos o direito de permitir que os nossos assessores negociem sem que haja participação direta dos Presidentes da República ou dos Primeiros-Ministros na decisão final. É uma negociação muito difícil e eu disse ao



primeiro-ministro Tony Blair: se nós, governantes do mundo, queremos provar que estamos querendo fazer uma política justa, onde os países que já conquistaram a sua cidadania, a sua riqueza, o seu bem-estar social, tomem posições para permitir que os países mais pobres possam vender aquilo que produzem na agricultura. Se a gente quiser provar que estamos falando sério, num mundo mais justo, sem terrorismo, com democracia e com paz, eu disse a ele: o senhor, que é o coordenador do G-8, neste momento, convoque o G-8 e convoque cinco países emergentes, a qualquer dia e a qualquer hora, nós certamente, a hora em que juntarmos os Presidentes da República, poderemos encontrar o caminho de uma boa negociação, o que os nossos interlocutores até agora não encontraram.

Eu acho que se nós fizermos isso, veja que não estamos falando pelo Brasil. o Brasil, quando se trata do agronegócio, não temos medo de competir com qualquer país do mundo, não estamos falando pelo Brasil, estamos falando pelos países da África, estamos falando pelos países mais pobres da América Latina e estamos falando pelos países mais pobres do mundo, que têm na agricultura a única possibilidade. Eu tenho certeza de que se o primeiro-ministro Tony Blair conseguir convencer o G-8 de que essa reunião é importante, nós teremos, meu caro Roberto Rodrigues e meu caro Furlan, certamente, o sucesso na Rodada de Doha, que não estava previsto.

Se não acontecer, e não houver acordo, fiquem certos: os ricos continuarão mais ricos e os pobres continuarão mais pobres e as Metas do Milênio dificilmente serão alcançadas. E, certamente, nós não conseguiremos fazer isso sem que os empresários do mundo inteiro, do Brasil e de qualquer país do mundo assumam junto com o Estado a responsabilidade de construir este mundo que todos nós sonhamos.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Pólo Tecnológico da Tim**

Santo André-SP, 02 de dezembro de 2005

Meu companheiro Hélio Costa, ministro das Comunicações,
Meu companheiro Marinho, ministro do Trabalho,
Senador Aloizio Mercadante,
Deputado federal Jamil Murad,
Deputado federal professor Luizinho,
E deputado federal Vicentinho,
Meu querido companheiro João Avamileno, prefeito de Santo André,
Meus amigos deputados estaduais,
Meu caro João Carlos Meirelles, secretário estadual de Ciência,
Tecnologia e Desenvolvimento Econômico,
Prefeitos e prefeitas da região presentes a este evento,
Senhor Carlo Buora, diretor-executivo do Grupo Telecom Itália Pirelli,
Senhor Giorgio della Seta, presidente da Pirelli do Brasil e da Telecom
Itália América Latina,
Vereadores aqui presentes,
Senhor Mário César Pereira de Araújo, presidente da Tim do Brasil,
Meus amigos, minhas amigas,
Meu caro, querido companheiro Mino Carta, que homenageia a colônia
italiana,
Caro Roberto Daza,
Embaixador Azambuja,



Meus amigos e minhas amigas,

Não estava prevista a fala do Presidente, mas quando fazemos uma visita numa cidade como Santo André, que faz parte da minha vida, mesmo tendo nascido em Garanhuns, quando visitamos um pólo tecnológico da magnitude desse que a Tim está montando aqui, onde antes foi uma grande fábrica da Pirelli, e quando presenciamos jovens, meninas e meninos, com idades de 18 a 23, 22, 21 anos de idade trabalhando com a cara extraordinariamente feliz, como nós vimos nesse call center da Tim, eu não poderia deixar de dizer algumas palavras.

Sem repetir o que aqui já foi dito, mas para dizer a vocês que o Brasil está vivendo um momento em que grandes definições precisam ser tomadas, pensando no Brasil que nós queremos para os próximos 15, 20 ou 30 anos. E para esse Brasil do futuro que precisamos construir, nós precisamos ter em mente que não existe outra coisa mais importante a fazer a não ser acreditar na formação intelectual e profissional da nossa gente.

Ao sair daqui, nós vamos dar o pontapé inicial na Universidade Tecnológica do ABC. Essa semana, demos o pontapé inicial na Universidade Tecnológica do Paraná. Depois vamos dar um pontapé inicial numa nova Universidade Federal no Recôncavo Baiano e, depois, vamos dar o pontapé inicial numa outra universidade federal, na cidade de Dourados, no Mato Grosso do Sul. E, depois, vamos transformar cinco faculdades existentes hoje em cinco universidades federais. E, depois, vamos fazer 27 extensões de universidades federais, que normalmente estão nas capitais, para o interior do país. E, depois, vamos dar o pontapé inicial em 32 escolas técnicas.

Tudo isso, junto com a extraordinária criatividade do nosso Ministério da Educação, através do ministro Fernando Haddad e do Tarso Genro, quando era ministro, de criarem um programa educacional como o ProUni, que transformou algumas isenções de impostos em bolsas de estudos, e



conseguimos, em janeiro deste ano, introduzir 112 mil jovens a mais nas universidades particulares, com uma coisa muito interessante, Vicentino, 38 mil jovens afrodescendentes. Eu penso que um número nunca visto na história do nosso país.

E este ano já foi feito o Enem, e este ano, possivelmente, tenhamos mais 100 mil vagas ou 112 mil vagas, para que a gente possa, em pouco tempo, entre as escolas públicas e os convênios com as escolas particulares, nos próximos quatro anos, quem sabe, atingir 760 mil novos estudantes universitários fora aqueles tradicionais das escolas já existentes.

E ainda este mês nós deveremos tomar medidas importantes para garantir mais possibilidade de mais jovens poderem entrar na universidade, porque ou fazemos isso – e fazemos, companheiros deputados, os deputados aprovarem o Fundeb com uma certa urgência, para que ele comece a funcionar já no próximo ano – ou nós iremos fazer com que a população brasileira perca mais um ano de oportunidade para melhorarmos a qualidade do ensino fundamental e, sobretudo, darmos aos jovens dos estados mais pobres as oportunidades que as crianças e adolescentes dos estados mais importantes do Brasil, do ponto de vista financeiro, já tiveram.

E estamos fazendo isso porque acreditamos que esse é o caminho que pode levar o Brasil a sair do eterno clube dos países em vias de desenvolvimento e passar a ser um país definitivamente desenvolvido. Fazer com que o Brasil, que há pouco tempo atrás era um país exportador de produtos *in natura*, de matéria-prima, e que hoje é um país que exporta não apenas a soja ou o minério de ferro, mas que exporta celular. Este ano serão dois bilhões de dólares de exportação de celulares. Exportamos aviões, e exportamos aviões para os Estados Unidos, exportamos aviões para o Canadá, que concorre conosco na produção de aviões. Mas exportamos, também, outros produtos manufaturados que representam, hoje, praticamente 50% das



nossas exportações, que saíram de 60 bilhões para 117 bilhões e, se Deus quiser, no ano que vem chegaremos a 150 bilhões de dólares de exportação.

Isso numa demonstração de que o Brasil entrou em um momento virtuoso da sua história. Eu digo sempre que nós não podemos perder a oportunidade de permitir que o Brasil dê um salto de qualidade. Um salto de qualidade, quando a gente visita um call center como este e vê essa quantidade imensa de jovens trabalhando, meninas e meninos que, se não tivessem esta oportunidade, estariam possivelmente em casa ou sentados no sofá vendo televisão ou, quem sabe, estivessem fazendo alguma coisa que, certamente, não seria tão útil quanto estar trabalhando no call center. Jovens esses, todos ainda precisando, quem sabe, entrar na universidade ou terminar a universidade.

Este é o desafio que está colocado para nós. Este é o desafio que está colocado para o estado de São Paulo, para os estados brasileiros e para o Brasil. O Brasil precisa ter em mente que ele só será definitivamente grande quando se transformar em um país que exporta igualmente produtos, máquinas, produtos agrícolas, mas também exporta conhecimento. Aí, sim, nós estaremos dando um salto de qualidade na nossa história.

E a visita a um centro como este é marcante porque, quem tem filhos, sabe perfeitamente bem o que significa a oportunidade de trabalho, a história do primeiro emprego, porque o jovem, embaixador Azambuja, muitas vezes é vítima de incompreensões. Ele sai de casa para procurar o emprego, tem até uma certa formação, mas quando ele chega no local, pedem três anos de experiência. Se ele nunca trabalhou, como é que ele vai ter experiência? Alguém tem que dar uma oportunidade para esse jovem chegar a ter o seu primeiro emprego.

E o call center está dando esta oportunidade. Na visita, eu perguntei para todos com quem eu conversei, meninas e meninos: “é teu primeiro emprego?, é teu primeiro emprego?” Para a maioria absoluta é o primeiro



emprego. Da mesma forma que a maioria absoluta tem como desejo, agora que já tem o seu emprego, voltar a estudar e fazer uma universidade.

Pois bem, vocês da Tim, meu caro Della Seta, deram a oportunidade para esses jovens terem o primeiro emprego. Nós, agora, enquanto Estado brasileiro, precisamos complementar, dando a oportunidade de eles poderem realizar o outro sonho, que é estudar. Esta combinação entre o trabalho e o estudo é o que pode significar a gente fazer com que a nossa juventude, os nossos adolescentes voltem a ter esperança no nosso país e voltem a acreditar que ele será a razão do futuro deste país.

Esses dias, Della Seta, eu fui a Recife inaugurar um programa chamado ProJovem, um programa que teve como objetivo pegar jovens de 17 a 24 anos, que não tinham terminado o ensino fundamental ou que, às vezes, tinham terminado o ensino fundamental e não tinham feito o segundo grau. Nós fizemos um convênio com as 27 capitais, demos a esses jovens uma ajuda, me parece, Emília, de 100, 120 reais... 150 reais a esses jovens para que eles voltassem a estudar e, na parte em que eles não estiverem estudando, eles prestem um trabalho comunitário, arrumado em parceria com a prefeitura.

Aqui em São Paulo se inscreveram 35 mil jovens da periferia, 18 já estão cadastrados; no Rio de Janeiro se inscrevem 29 mil jovens; e eu fui a Pernambuco, na inauguração, na aula inaugural (estão sempre esquecendo água aqui). Um dia eu vou andar com uma garrafa d'água, aqui do meu lado, para não esquecer nunca.

Eu fui a Recife participar da primeira aula do Programa PróJovem – acho que 9 mil jovens se inscreveram. E essa semana eu recebi a seguinte notícia: primeiro, a emoção que toma conta dos professores quando entram na sala para dar aulas para esses jovens, porque eram jovens que estavam no fio da navalha para cair na marginalidade, porque não tinham estudado, não tinham emprego e estavam sem expectativa. Pois bem, esses jovens que fazem os professores chorarem dentro da sala de aula, me deram uma supressa



extraordinária, o melhor aluno de todos os inscritos em Recife, na capital de Pernambuco, é um presidiário, é um jovem que está preso e que sai da cadeia para ir estudar e depois volta para a cadeia. É o aluno mais estudioso do curso.

Por que eu contei essa história para vocês? Porque ela se repete no Consórcio da Juventude, do Ministério do Trabalho, porque ela se repete na Escola de Fábrica, do Ministério da Educação, e porque ela se repete em todos os lugares em que alguém estenda a mão a alguém que não teve oportunidade. Na medida que as prefeituras, os governos estaduais, o governo federal, as empresas, estendem a mão e dizem a um jovem que está desanimado, que não quer mais nada: “vem, que eu vou te dar uma oportunidade”, o sucesso, meu caro Della Seta, o sucesso, meus caros diretores da Pirelli e da Tim, é a fisionomia bonita e alegre desses jovens que nós vimos, ali, trabalhando. Jovens com esperança, jovens com crença. É este país que pode dar certo. Não é um país em que a gente acorda um dia com uma notícia ruim, no jornal, e acha que acabou o país. No outro dia, acorda com uma boa, pensa que salvamos o país. No outro dia, acorda com uma ruim e, outra vez, o país acabou. Não.

Um país é como um ser humano. Certamente o Roberto D’Ávila faz check-up todo ano, está ali com uma cara saudável. Não é porque ele teve um mal-estar agora que alguém pode sair dizendo que o Roberto D’Ávila está doente. Pelo contrário, com essa cara saudável vai viver 100 anos. Eu estou dizendo isso para dizer o seguinte: não é porque saiu uma matéria de que o PIB brasileiro, no segundo trimestre, caiu, que o Brasil está doente. O Brasil nunca esteve tão saudável e com tanta perspectiva de consolidar um tempo virtuoso de crescimento. Esses jovens a quem você está dando emprego, Della Seta, fazem parte dos 3 milhões e 800 mil empregos com carteira assinada que foram criados nesses últimos 35 meses. E, certamente, quando você tiver, aqui, 2 mil e quinhentos jovens trabalhando, eles farão parte do 5 milhões de jovens com carteira profissional assinada que nós pretendemos criar, porque o



ano que vem a economia vai crescer, vamos gerar mais empregos, gerar mais salários, mais distribuição de renda. E aqueles que defendem a teoria do quanto pior melhor, irão continuar defendendo essa teoria, mas ficarão para trás e o povo brasileiro seguirá a sua trajetória vitoriosa.

Muito obrigado e meus parabéns!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
visita à área das futuras instalações da Universidade Federal do ABC**

Santo André-SP, 02 de dezembro de 2005

Meus queridos e queridas companheiros e companheiras do ABC,
Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Meu querido Marinho, ministro do Trabalho,
Meu querido companheiro Hélio Costa, ministro das Comunicações,
Senador Aloizio Mercadante, que foi o relator deste projeto no Senado
Federal,

Nosso querido companheiro – e, eu digo, sempre companheiro – Jamil
Murad,

Nosso querido companheiro professor Luizinho,

Nosso querido companheiro Vicentinho,

Nossos queridos companheiros e companheiras deputados estaduais,

Nossa querida Ana do Carmo aqui presente,

Companheiro Mário Reale,

Companheiro Donizete,

Meu querido companheiro João Avamileno, prefeito de Santo André,

Minha querida companheira Cleuza Repulho, secretária de Educação e
Formação Profissional de Santo André,

Meu caro Luiz Zacarias, presidente da Câmara dos Vereadores de Santo
André,

Prefeito Elói – eu não sabia que você se chamava Alfredo – Elói Pietá,
de Guarulhos,

Meu caro José de Filippi, prefeito de Diadema,



Eu já falei do Jamil Murad, foi o primeiro.

Eu vou, aqui, chamar a atenção do seguinte, olhe: não é fácil a gente fazer um reitor, alguém chegar a ser reitor, reitor é uma coisa importante. Eu vi aqui, todo mundo tratando, porque o companheiro Hermano, o reitor, daqui para a frente, a gente tem que chamá-lo “magnífico reitor”, este é o tratamento que a gente dá a um reitor, é Magnífico Reitor Hermano de Medeiros Ferreira Tavares, reitor pró-tempore da Universidade Federal do ABC,

Meu caro José Custódio, coordenador nacional do MSU,

Companheiros da União da Juventude Socialista, que estão aqui com as suas faixas,

Eu penso que o que menos necessitamos aqui, neste momento, é de discurso, e quero dizer algumas coisas que eu penso sobre o que estamos fazendo aqui, hoje.

O nosso Ministro da Educação já disse que nós temos um plano muito forte para recuperar o tempo perdido das universidades brasileiras, sobretudo nas públicas. Muito forte. Eu penso que... Companheiro Gilson, tudo bem? Chicotão, tudo bem? Chicotinho, tudo bem? Meneguelli, tudo bem?

Eu penso que os nossos deputados, os nossos companheiros, ligados à área da educação, ao longo do tempo vão explicar para a sociedade brasileira – Ô, Zé Ferreira – vão explicar para a sociedade brasileira o que está acontecendo no Brasil quando tratamos de universidade.

Vocês sabem que nós estamos, como já foi dito aqui, fazendo quatro universidades federais novas: esta do ABC, a de Dourados, no Mato Grosso do Sul, a do Recôncavo Baiano, na Bahia, e a dos Pampas, no Rio Grande do Sul. Além disso, nós estamos fazendo 32 extensões universitárias, agora 33 com Guarulhos, que nos cedeu um prédio para a gente fazer uma extensão lá.

Estamos fazendo 32 extensões. O que é isso? É pegar uma universidade federal, como a de São Carlos, por exemplo, pegar alguns cursos



daquela universidade, e levá-los para cidades que não têm universidade. E, normalmente, levar para as cidades pobres do Brasil. Agora mesmo eu fui a Teófilo Otoni, que é uma região do Vale do Mucuri, em Minas Gerais, uma região muito pobre, eu fui lá anunciar, junto com Fernando Haddad, a extensão da Universidade Federal de Diamantina para Teófilo Otoni. E vamos a todos os estados brasileiros fazer isso.

Então, vejam, são quatro novas, 32 extensões, dessas 32... não, 33, porque entrou Guarulhos – dessas 33, cinco já são faculdades que nós iremos transformar em universidades. Se a gente juntar tudo isso que estamos falando, mais o ProUni, que foi uma criatividade extraordinária do nosso Ministério da Educação, Fernando Haddad, e o ministro era o Tarso Genro, nós, a troco de alguns impostos que deixamos de cobrar, criamos as condições para que 112 mil jovens entrassem na universidade brasileira.

Qual é o fato importante disso? É que, desses 112 mil jovens, a preferência foi por estudantes saídos da escola pública da periferia deste país. E o que é mais importante é que nós tivemos 38 mil jovens de origem negra, afrodescendentes, entrando na universidade por conta do ProUni. Eu queria até pedir aos professores, aos reitores... se, em algum momento na história do Brasil, se em algum momento, nós tivemos, de uma única vez, 38 mil jovens, mulheres e homens negros entrando na universidade brasileira.

Além disso, 1.200 indígenas também entraram na universidade. E nós não conseguiríamos fazer isso se não fosse a participação da sociedade, a participação da UNE, que foi muito forte, para ajudar a gente a construir. Vejam, enquanto nós não construirmos todas as universidades públicas que precisamos, nós temos que ter criatividade, ir criando oportunidades para que mais jovens possam estudar. Por isso, ainda este ano, o nosso Ministro da Educação já recebeu a determinação, já tem, na próxima semana, um encontro de vários ministros para produzir uma nova proposta para que a gente possa anunciar ao Brasil mais vagas para alunos na universidade deste país, pública



ou privada. Se for pública, é de graça, se for privada, nós temos que dar bolsa para que os alunos possam estudar neste país.

O que é importante salientar para vocês é que não estamos pensando apenas nas universidades. Estamos pensando na escola técnica, porque o Brasil não pode ter um cidadão que não tem profissão e um engenheiro. É preciso ter o intermediário nesse meio de campo. Isso é que nem um jogador de meio campo, se não tiver a ligação entre o lateral direito e o ponta esquerda, não funciona. Então, é preciso escola técnica. E por isso, também, tomamos a determinação, já anunciada pelo nosso Ministro, de que estamos começando 32 escolas técnicas novas no Brasil, de preferência distribuída pelas regiões do Brasil, para não concentrar tudo em apenas um lugar.

O que isso vai permitir que aconteça no Brasil? Isso vai permitir que, em quatro anos, a gente possa ter criado 760 mil novas vagas para jovens estudarem neste país. Isso, possivelmente, seja mais do que tudo que foi criado nos últimos 30 anos.

Mas o mais importante é que eu quero chamar a atenção dos estudantes para uma coisa importante, já falei com o Ministro. Eu desconfio que nós não estamos preenchendo todas as vagas nas universidades federais já existentes. Eu me lembro que o ano passado, ou melhor, eu me lembro que em 2003 houve um movimento muito forte no Paraná, porque um sindicalista, preocupado porque o filho dele não conseguia estudar, fez um movimento e descobriu que tinha muitas vagas disponíveis e que havia uma decisão, naquela universidade, de que: “não se pode colocar mais alunos, porque vai cansar o professor, porque não sei das contas”, e ficava lá as cadeiras vazias, horários disponíveis sem que os alunos pudessem estudar.

Eu acho que a situação da educação no Brasil é tão importante que, Fernando Haddad, nós precisamos fazer uma operação pente fino, fazer uma espécie de blitz, para a gente não deixar um único horário disponível e uma única cadeira sem um aluno estudando na universidade. Para isso, o Fernando



Haddad disse: “na próxima quarta-feira nós vamos decidir abrir concurso para mais 4 mil professores para preencher as vagas que nós estamos criando”. E, além disso, por trás dos professores vêm mais funcionários administrativos, e as cidades que receberem as universidades vão receber desenvolvimento porque, quando tem uma faculdade na cidade, vai empresa para lá, tem mão-de-obra qualificada, vai hotel, vai professor, vai pesquisador, e nós, então, queremos dar ao Brasil o status, não de um país exportador de soja ou exportador de minério de ferro, nós queremos dar ao Brasil, daqui a alguns anos, o status de um país que exporta tudo, mas o maior valor agregado que nós vamos exportar é a inteligência do povo brasileiro para poder produzir, lá fora, aquilo que nós sabemos produzir.

Por isso, meus companheiros, eu não vou falar de dinheiro aqui, porque tem muita coisa para falar, tem muitas folhas, eu vou deixar para lá e vou dizer o seguinte: eu acho que nós precisamos fazer uma combinação entre os investimentos entre o ensino médio e o ensino universitário com o ensino fundamental. Eu tenho demonstrado essa preocupação ao nosso Ministro, acho que o povo brasileiro inteiro, se perguntar para cada um de vocês, se perguntar para cada jornalista, se perguntar para cada empresário, todo mundo vai dizer o seguinte: o que nós queremos é uma educação de qualidade no Brasil. Para a gente ter educação de qualidade é preciso, na verdade, que os professores tenham uma remuneração justa, é preciso que haja uma remuneração adequada para os professores brasileiros. Ao mesmo tempo, é preciso que essa política de adequação salarial que a gente não pode fazer num único mandato, ou em dois mandatos, ou em três mandatos, que quem vier, o que não foi feito em 20 anos, tem que estar combinada com a melhoria da qualidade da educação no ensino fundamental. Porque no Brasil, nós temos uma deficiência que eu queria relatar para vocês, aqui. No Brasil houve um tempo em que os professores reclamavam das condições de trabalho. Ao invés de melhorar as condições de trabalho, reduziu-se o tempo de aposentadoria



dos professores que, certamente, prefeririam ter uma melhoria no serviço que eles prestam.

Houve um tempo no Brasil em que se começou a detectar que tinha muita criança que repetia, repetia um ano, dois anos, três anos, quatro anos. Daí, sabe o que se inventou? Não precisa mais fazer prova, agora vai ser o chamado ensino continuado, é isso, Fernando? Hein? Progressão automática. Então, o meu filho vai para a escola, senta em uma carteira, o professor fala, termina a aula, ele vai embora, o mesmo todo dia, um ano inteiro. Não tem um momento em que a gente pare para avaliar se o nosso aluno está aprendendo. É preciso saber que o orgulho de um professor não pode ser o de dizer “cumpri minha tarefa e dei as minhas aulas”. Isso não é orgulho, isso é obrigação. Orgulho é dizer “cumpri minha tarefa e estou orgulhoso porque os alunos aprenderam cada palavra que eu falei na sala de aula. Os alunos aprenderam o que eu ensinei”. Quando nós chegarmos a esse nível, nós estaremos dando a educação de qualidade que nós precisamos.

É por isso, Grana, que você não aprendeu muito. É por isso. Eu acho que essa combinação tem que existir, porque um aluno hoje tem que ser exigido, porque o mundo do trabalho está mais exigente, o mundo inteiro, globalizado, está mais exigente. Hoje, para a gente arrumar um emprego, tem muito mais exigência. Todo mundo sabe disso. Então, a escola também tem que ser mais exigente. Eu não quero que a gente volte ao tempo da palmatória. No meu tempo de estudante, quando a gente entrava na sala de aula, naquele tempo era tinteiro com caneta de pena, e a gente ficava brincando de jogar tinta no da frente, a professora pegava uma régua de um metro e metia de quina na cabeça da gente, que a gente passava o resto do dia coçando. Eu não quero isso, de jeito nenhum. Quero paz e amor com as crianças nas escolas, mas eu quero que a gente seja rígido para disciplinar e fazer com que, na sua infância e na sua adolescência, o jovem brasileiro perceba que estudar não é castigo, é a garantia de que ele vai ter um futuro decente, de que ele vai



ter uma profissão, de que ele vai ter um emprego. É esse o Brasil que nós queremos criar.

E queria agradecer aqui aos nossos companheiros do MSU, porque esses dias eu vi, na televisão, uma entrevista com vocês, falando na televisão e prestando um vestibular. Fernando Haddad, eles estão precisando de apostilas. Alguém vai ter que ajudá-los porque eles estão fazendo cursinho popular, eles não podem pagar um cursinho em uma dessas escolas chiques, eles têm que fazer no fundo da igreja, na casa de alguém, então nós precisamos criar condições de fazer as apostilas.

Mas eu quero dizer para vocês uma coisa importante. Criou-se, no Brasil, a idéia de que a escola pública é pior do que a escola privada. Quero chamar a atenção dos educadores aqui para isso. Entretanto, o Fernando Haddad sabe, depois do ProUni, depois que os meninos da periferia entraram na escola, eu tenho recebido informações de dezenas de universidades, dizendo que os melhores alunos, os mais estudiosos, são aqueles companheiros da periferia que conseguiram uma oportunidade para estudar.

Da mesma forma que hoje nós temos programas para a juventude em vários Ministérios. Ao todo são 980 mil alunos, jovens que passam pelo Soldado Cidadão, meninos que são recrutados para servir as Forças Armadas e lá vão aprender uma profissão. Até o Ministério do Trabalho, o Ministério da Educação, a Secretaria da Presidência da República, têm vários programas.

Mas nós criamos o programa ProJovem que é o maior de todos eles, individualmente, e esse ProJovem está tentando resgatar jovens das grandes cidades, por isso começamos pelas capitais, meninas e meninos de 17 a 24 anos que não terminaram a oitava série ou o segundo grau. Nós estamos chamando esses meninos e essas meninas, estamos inscrevendo, na capital de São Paulo foram 35 mil jovens que se inscreveram, estamos pagando uma ajuda de custo para eles, de aproximadamente 150 reais. Esse jovem estuda e presta trabalho comunitário, articulado com a prefeitura.



Isso está possibilitando... Este ano chegaremos a 200 mil jovens, mas nós queremos que este programa tenha uma expansão, a começar das cidades maiores para as menores, para que a gente possa estender a mão e dizer a essa menina, de 17 ou 18 anos, que já tinha perdido a esperança, dizer a esse menino, que tem 18 ou 19 anos, que já tinha perdido a esperança, dizer para eles: “nós, enquanto governo brasileiro, enquanto Estado brasileiro, enquanto prefeituras, nós não podemos aceitar isso como um fato do destino. Isso é um fato causado pela, eu diria, despreocupação que ao longo dos anos o poder público teve com a nossa juventude”.

Eu sei que não é fácil, eu sei que uma grande caminhada começa com o primeiro passo. E nós estamos dando um grande passo para dizer para a juventude brasileira que, se é verdade o que a gente diz em todos os discursos, que a juventude é o futuro da Nação, quando a gente abrir a boca para dizer isso, nós temos que dizer: “o futuro da Nação depende da qualidade da educação que nós estamos dando para vocês”.

Muito obrigado a todos vocês. Muito obrigado, e eu espero poder visitar essa universidade, quando estiver pronta.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na V Conferência Nacional de Assistência Social

Brasília-DF, 05 de dezembro de 2005

Boa noite!

Eu queria pedir à mesa “escusas” porque, não sei se vocês perceberam, o Patrus ficou cansado só de ler a nominata, ou seja, é uma quantidade extraordinária de companheiros e companheiras que já foram citados aqui. Eu gostaria de, como ninguém é candidato a vereador ou a alguma coisa no ano que vem, eu não vou ler a nominata. E também estou com um problema, porque eu não sabia que o Patrus era o primeiro conferencista, fiquei sabendo na hora em que nós nos encontramos, um pouco antes. E agora estou com um dilema, porque grande parte dos números que eu vou falar certamente estará no discurso dele, então eu acho que vou falar de vocês ao invés de falar dos números aqui, porque nós vamos nos entender melhor.

A primeira coisa a fazer é dizer para vocês da alegria que um presidente da República pode ter de vir à abertura desta V Conferência em que vocês estão se propondo a dedicar, nos próximos 10 anos de vida de vocês, quem sabe, às vezes, até levando os familiares ao empobrecimento da relação pessoal, mas vocês estão se propondo a dedicar mais uma parte da vida de vocês para criar o SUAS, ou seja, criar o Sistema Único de Assistência Social no Brasil.

Vocês sabem que denunciaram, aqui, que eu completei 60 anos no dia 27 de outubro. Foi bom, porque senão as pessoas pensam que eu já estou com 70, foi bom.



Mas uma coisa gratificante de estar aqui com vocês é poder dizer para vocês, ou melhor, reafirmar para vocês algumas coisas que eu tenho dito ao longo da minha vida e ao longo das nossas relações. Quando um presidente da República, ou um prefeito, ou um governador de estado, deixar de exercer o seu mandato, ao cumpri-lo, o que fica de mais importante na sua passagem pelo governo possivelmente não seja apenas a quantidade de conquistas que as pessoas tiveram, se ganharam 10 ou ganharam 20, se ajudou 1 milhão ou dois milhões, isso é muito importante. Mas a coisa mais sagrada que pode existir no exercício de um mandato é a gente poder avaliar se, terminando o mandato, nós criamos um outro padrão de relação com a sociedade brasileira e se o Estado e o governo criaram condições para que as instituições da sociedade civil se sentissem co-participantes das definições das políticas públicas colocadas em prática por um governo.

É por isso que no nosso governo – eu não tenho o número agora – mas, certamente, já fizemos desde 2003 até hoje, de 18 a 20 conferências nacionais. Já houve conferências, todas que vocês puderem imaginar. Esta é a segunda de vocês no nosso governo, nesses dois anos de mandato. Eu não estou falando desde que vocês resolveram fazer conferências, eu estou falando no nosso governo. Esta é a segunda de vocês, como já houve a segunda das Cidades, vai haver a segunda do Meio Ambiente. Ou seja, todas as conferências nacionais e, o que é mais importante, em todas elas o governo está presente de corpo e alma.

Gratificante para um governante é poder ouvir as pessoas falarem. Tem muita gente que acha que um governo, ou no nosso caso, a gente só gosta de ouvir elogios. Eu acho que são poucos os políticos que desejam apenas ouvir elogios. É importante ouvi-los, quando são verdadeiros. Da mesma forma que é importante ouvir a crítica, quando ela é verdadeira, e dar à crítica a mesma importância que nós damos aos elogios. Isso é fundamental para que a nossa relação seja verdadeira, porque senão nós teremos uma relação não tão



verdadeira e vocês conhecem historicamente as pessoas que estão aqui na mesa. Muitos de vocês convivem como assistente social, comigo, desde 1979, quando eu participei do 1º Congresso dos Assistentes Sociais deste país.

E, portanto, nós não temos razão para mentir uns aos outros. Nós temos que ser verdadeiros com vocês, naquilo que a gente pode fazer; vocês, verdadeiros conosco, naquilo que vocês entendem que é correto fazer, e nós sempre haveremos de chegar a um denominador comum, em que se possa dizer, no final: estamos avançando, não com a pressa que nós gostaríamos, mas não com a lerdeza que avançamos nesses anos todos. Estamos avançando de verdade.

E eu vou citar um avanço que nós tivemos aqui. Eu penso que foram poucas as vezes que homens e mulheres dedicaram a sua vida para se formar, se especializar, tentar atender, de corpo e alma, os mais carentes deste país, muitas vezes os sem-cidadania, muitas vezes, e na maioria das vezes, os sem-emprego, os sem-salário, os sem-casa, os sem-carro, os sem-telefone, e tantos outros “sem” por aí. Vocês não ouviram aqui, neste encontro, até agora, nenhuma vez, as palavras: “nós estamos gastando mais ou estamos gastando menos”. Porque a grande mudança – e para alguns parece pequena, mas para mim é essencial – é que, neste governo, política social não é gasto, é investimento. E um investimento que, certamente, trará muitos benefícios se entendermos assim.

Porque historicamente, no Brasil, “eu vou dar 50 bilhões não sei para quem” é investimento; “eu vou dar 40 milhões não sei para quem” é investimento; “eu vou dar não sei para quem” é investimento. Agora, quando é para dar um centavo ao pobre, é gasto. E na minha cabeça, e na minha consciência, cada real que a gente puder destinar a fazer um pouco de política assistencial, de fazer um pouco de política social, na forma em que for possível fazer, em função das necessidades, também dependendo da região das pessoas, nós temos que ver como investimento.



Porque, esses dias, eu assisti um programa de televisão, e tem muita gente no nosso meio, mais à direita, mais à esquerda, mais ao centro, tem muita gente que gosta de filosofar com a miséria dos outros, e tem muita gente que diz: “mas essa política é assistencial, aquela outra é assistencial, isso é proselitismo”, e vai por aí fora.

Bolsa Família, Patrus, “isso é pouquinho, vai dar 65 reais, 70, isso não é justo, o que era preciso era dar um emprego”. Esse é o nosso sonho. Agora, quando eu vi as mulheres do Rio Grande do Norte devolverem o cartão do Bolsa Família, porque elas, depois de receberem durante um determinado tempo, com aquele dinheirinho conseguiram construir um meio de vida para não precisar mais dele, eu tive mais força... Se tiver gente do Rio Grande do Norte aqui, podem contar, o que me marcou foi uma mulher dizer o seguinte: “eu recebi o primeiro Bolsa Família, eu comprei um pouco de pintinho. Recebi o segundo Bolsa Família, comprou outro pouco de pintinho. Ganhei o terceiro, comprei...” Hoje, ela nos dá o Bolsa Família porque os pintinhos que ela comprou já se transformaram em frangos e galinhas e ela hoje está criando galinha caipira e vendendo ovo na feira, e não precisa mais do Bolsa Família, e devolveu o cartão para nós.

Significa o quê? Significa que, para ela, não tinha proselitismo, para ela não tinha política assistencialista. Para ela, aqueles 65 reais que ela recebeu, talvez fosse o máximo que ela recebeu na vida dela. Porque tudo na vida tem que ter a importância em função da nossa realidade. Quem é do Nordeste sabe quantas vezes trabalhadores do campo passam o ano inteiro sem ver uma nota de 10 reais, uma nota de cinco. Aqui nos grandes centros, a gente nem liga. Dá até de gorjeta. Mas lá significa o almoço e a janta de uma parcela da população.

Então, pensar em assistência social, é pensar o seguinte: tem um tipo de gente que não precisa mais. Eu digo que tem um tipo de gente que não precisa mais de nós, do Estado e não precisa da assistência social. Você pega uma



categoria muito organizada, bancários, você pega os metalúrgicos, são trabalhadores com carteira profissional assinada, são trabalhadores com salário razoável, se comparado à média nacional, são trabalhadores de sindicatos fortes, então esses não precisam das políticas sociais do governo. Para esses, o que nós queremos é que eles tenham liberdade de conquistar o máximo possível.

E aqueles que vocês tão bem conhecem, aqueles que ainda não têm emprego, aqueles que ainda não têm habitação, aqueles que não têm acesso à saúde, aqueles que não têm salário, aqueles que não têm nada, que moram por esse mundo afora como nômades, sem (inaudível) de uma prefeitura ou de outra. Esses precisam do Estado brasileiro, e é para esses que o Estado tem que definir prioridades, para tirá-los da condição de pobreza absoluta e elevar à posição de cidadania.

Essa política que só é possível ser feita quando a gente tem cabeça, ou melhor, quando a gente tem a paciência de ouvir. Ouvir, ouvir uma vez, ouvir duas vezes e, quem sabe, ouvir muitas vezes para que a gente seja convencido de que estamos no caminho certo.

Esses dados que o Patrus falou aqui, além de ele mostrar... Eu sugeri ao Patrus que, quem sabe, abrisse um espaço neste encontro para que vocês pudessem ver. Porque a verdade é a seguinte: muitas vezes as coisas boas que nós fazemos aparecem pouco, ou se aparecem, aparecem um dia. Agora, as coisas ruins, são como notícia, elas andam depressa e ficam martelando, e todo mundo aqui sabe que, neste país, houve alguém que imaginava o seguinte: “esse governo não vai dar certo. Eles não sabem governar, não vão cuidar dos pobres, não vão fazer nada. Então vai ser um fracasso”. E agora tem muita gente nervosa porque o fracasso virou sucesso. Tem muita gente irritada. Muita gente irritada.

E tem muito mais gente irritada quando a gente faz comparação. A gente pode comparar qualquer número, o número de doutores formados neste país, o



número de dinheiro investido em ciência e tecnologia, o número de dinheiro investido na agricultura familiar, o número de dinheiro investido na assistência técnica, o número de dinheiro colocado em política social. A gente pode pegar o número que quiser, e a gente pode compará-los todos. Lógico que não fizemos ainda grande parte das coisas que nós sonhamos fazer. Agora, quando eu vi os dados da PNAD e, contra a vontade dos nossos adversários que diziam que a política social tinha sido um fracasso, e a gente descobre que nós conseguimos, em três anos, diminuir a pobreza mais do que eles em 10 ou 20 anos, é motivo de orgulho. Vocês estão lembrados, no dia da posse eu dizia: “se, ao terminar o meu mandato, as pessoas estiverem tomando café, almoçando e jantando, já terá valido a minha passagem pelo governo”.

Hoje eu sei que nós podemos muito mais, e cada pesquisa que for feita, cada pesquisa que for feita pelo IBGE, em 2005 vai melhorar, 2006 vai melhorar. E por que vai melhorar? Porque nós estamos trabalhando para isso. Mas nós não conseguiríamos metade do que nós conseguimos se não fosse o trabalho de vocês e a crença de vocês de trabalhar nas entidades, ouvir desaforos. Nem sempre é fácil trabalhar com prefeitos, nem sempre é fácil trabalhar, às vezes penetrar na política de uma prefeitura é muito complicado. As pessoas prefeririam que não tivesse vocês, porque se não tivesse vocês, poderia ser mais fácil dizer que fez, mas não fez.

Eu sei como é que funciona isso. Por isso eu quero dizer para vocês que, muito mais do que um discurso, muito mais do que qualquer coisa, o dia de hoje valeu, não porque encontrei aqui um grupo de homens e mulheres dispostos a aplaudirem ou a vaiarem o Presidente. Porque eu encontrei aqui um grupo de homens e mulheres que estão dizendo “presidente Lula, independe de que governo esteja neste país, independe do partido que governe, o que nós queremos é uma política para ajudar os pobres deste país e não uma política para ajudar a um partido ou a um governo”.

E aí eu fico satisfeito, porque quando vocês propõem o SUAS, vocês



estão propondo uma política definitiva, vocês estão propondo uma política definitiva para dizer a quem quer que venha a governar este país: “olhe, vocês são apenas governo. Agora, este país tem política social definida em lei, aprovada no Congresso Nacional e a gente não vai mudar”. Eu me lembro quando nós aprovamos o SUS na Constituição de 1988, eu me lembro, os conservadores deste país, quantas críticas fizeram ao SUS. Bastava uma pessoa morrer em um hospital, para dizerem “é por conta do SUS”. Bastava uma criança estar doente e não ser atendida, “é por conta do SUS”. E o SUS amargou vários anos. Estou vendo o Nahas ali, nosso querido médico lá de Minas Gerais, ele sabe. O SUS passou a ser vítima de tudo e criticado por tudo.

Hoje as pessoas se dão conta de que o SUS ainda não é uma perfeição, mas nós nunca tivemos nada igual ao SUS para cuidar da saúde pública deste país. Da mesma forma, podem ficar certos, mulheres e homens do meu Brasil, que vocês também vão ser criticados. Vão ser criticados porque na hora em que a gente institucionalizar um instrumento como este, em que as pessoas, ao invés de tratar vocês como homens e mulheres de segunda classe, querendo se meter na política deles, eles vão descobrir que essa política não é do Presidente, essa política não é do governador, essa política não é do prefeito. Essa política é do Brasil.

Muito obrigado, meus parabéns e boa sorte.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de cumprimentos e apresentação dos oficiais-generais recém-promovidos

Palácio do Planalto, 07 de dezembro de 2005

Excelentíssimo senhor José Alencar, vice-presidente da República e ministro da Defesa,

General-de-Exército, Jorge Armando Félix, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional,

Minha querida companheira Marisa,

Almirante-de-Esquadra Roberto de Guimarães Carvalho, comandante da Marinha,

General-de-Exército Francisco Roberto de Albuquerque, comandante do Exército,

Tenente-Brigadeiro-do-Ar Luiz Carlos da Silva Bueno, comandante da Aeronáutica,

Senhores oficiais-generais,

Senhoras e senhores integrantes das Forças Armadas,

Meus amigos e minhas amigas,

Mais uma vez estamos reunidos no Palácio do Planalto para os cumprimentos do presidente da República aos oficiais-generais recentemente promovidos.

Em primeiro lugar, quero manifestar minha grande satisfação em poder compartilhar a alegria deste momento tão significativo com os senhores, seus familiares e amigos.

Vejo que o esforço e a dedicação de cada um dos promovidos estão



sendo agora recompensados com esta promoção, que é resultado inquestionável dos méritos e qualidades pessoais e profissionais demonstrados ao longo da carreira.

Esta é uma solenidade que se reveste de simbolismo próprio, traduz o reconhecimento às tradições das Forças Armadas e contribui para estreitar o conhecimento mútuo entre o presidente da República e os oficiais-generais das Forças Armadas.

Vejo o oficial-general como um profissional de grande conhecimento geral, larga vivência e elevada capacidade de trabalho, resultado de um longo processo de preparação.

Esta promoção é, portanto, um marco na carreira profissional dos senhores e a garantia de que, com a renovação dos escalões mais elevados das Forças Armadas, a continuidade dos valores que as definem e identificam continuará assegurada. Esta é também uma forma e uma oportunidade de homenagear as próprias Forças Armadas, que, secularmente, mantém a renovação de seus quadros de forma criteriosa, garantindo assim a continuidade de suas instituições.

Vejo as Forças Armadas como uma instituição democrática, coesa e devotada ao seu papel constitucional de garantia da defesa da pátria. Uma instituição que desempenha com afinco suas missões cotidianas de preparo e adestramento nas escolas, nos quartéis e navios, formando jovens profissionais e reservistas, realizando ações cívico-sociais e atividades inovadoras de desenvolvimento da tecnologia nacional.

Não podemos deixar de reconhecer a contribuição prestada pelos militares no esforço deste governo em promover justiça social. Nesse sentido, o Serviço Militar tem se constituído em verdadeiro exemplo de inclusão social, na medida em que oferece a milhares de jovens, anualmente, a oportunidade de acesso a novos conhecimentos, o que lhes proporciona maiores chances de obterem trabalho e renda com dignidade.



Merecem destaque as ações das Forças Armadas no Nordeste e na Amazônia, como a participação na construção de estradas e açudes, na distribuição de alimentos e água, na contribuição dada às campanhas de vacinação e no atendimento médico-odontológico.

Esses serviços, realizados por meio dos pelotões de fronteira, dos navios de assistência hospitalar e do transporte aéreo, muitas vezes são as únicas referências da presença do Estado brasileiro nas regiões mais longínquas do nosso país.

Trata-se de um trabalho social árduo, já tradicionalmente desempenhado pelas Forças Armadas, que nem sempre conta com a divulgação e o reconhecimento merecidos.

Hoje em dia, está mais clara para a população brasileira a percepção de que a defesa do país não constitui responsabilidade única das Forças Armadas.

Todos os segmentos da nossa sociedade devem se envolver nessas questões e as Forças Armadas têm demonstrado estar abertas a essa realidade e receptivas às sugestões que surgem dos debates nos mais diversos níveis sociais.

No contexto internacional, nosso país se distingue como um pólo de equilíbrio para a região, por suas características geográficas, pela estabilidade de suas instituições e pela fidelidade aos princípios constitucionais democráticos que regem nossas relações internacionais. Princípios que se traduzem na busca da solução pacífica dos conflitos, no respeito à autodeterminação dos povos, na igualdade entre os Estados e na não-intervenção nos assuntos internos de outras nações.

O Brasil precisa, portanto, dispor cada vez mais de Forças Armadas compatíveis com a sua estatura política e econômica, equipadas e adestradas para defender os interesses nacionais e garantir a soberania e a integridade territorial.



Os senhores bem sabem o quanto demanda em termos de investimentos o reaparelhamento e a modernização dos meios de defesa nos níveis adequados.

Temos de confiar que teremos condições de resolver esses e outros problemas na medida em que avancemos nesse novo ciclo de desenvolvimento em que o país ingressou.

Senhores almirantes, senhores generais e brigadeiros,

O Brasil espera muito dos senhores. São múltiplos os desafios a enfrentar e é grande a responsabilidade de conduzir os destinos das nossas Forças Armadas.

Peço-lhes que mantenham a mesma motivação e espírito profissional cultivados ao longo de suas carreiras e transmitam aos seus subordinados a confiança que temos no futuro das nossas Forças Armadas e do nosso querido Brasil.

Renovo meus cumprimentos com votos de muitas felicidades pessoais e profissionais a todos os promovidos, extensivos aos seus familiares.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de posse da nova Executiva Nacional do PSB**

Hotel Nacional - Brasília - DF, 07 de dezembro de 2005

O Eduardo Campos não é tão alto, mas ele levanta o microfone como se fosse, então, cria embaraço para quem vem depois.

Se eu ler toda a minha nominata aqui, quando eu terminar o pessoal já estará cansado mas, de qualquer forma, eu quero cumprimentar o meu companheiro José Alencar, vice-presidente da República,

Quero cumprimentar o meu companheiro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Quero cumprimentar o meu companheiro Ciro Gomes, ministro da Integração Nacional,

Quero cumprimentar o meu companheiro Agnelo Queiroz, ministro do Esporte, que está de parabéns porque hoje foi aprovado na Câmara o seu Projeto de Lei da Time Mania, que vai resolver os problemas ou, pelo menos, ajudar a resolver os problemas dos times que precisam sobreviver,

Meu querido Walfrido dos Mares Guia, ministro do Turismo, que está eufórico hoje porque cada vez que ele me encontra, fala que nós batemos um recorde no turismo,

Meu querido companheiro Jaques Wagner, ministro da Coordenação Política do nosso governo, que tem cara de carioca mas é baiano, para todo mundo saber,

Meu querido Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Meu querido companheiro Eduardo Campos, presidente do PSB,

Meu querido companheiro Roberto Amaral,

Senhoras e senhores embaixadores acreditados junto ao meu governo,



Nossa querida governadora Wilma de Faria, governadora do Rio Grande do Norte,

Meu caro José Reinaldo Tavares, governador do Maranhão,

Nossa querida senadora Patrícia Gomes,

Senadores Antonio Carlos Valadares, Cristovam Buarque, o Suplicy já se foi, pelo que eu fui informado, não está aí,

Deputados Alexandre Cardoso, Beto Albuquerque, Eunício Oliveira, Francisco Olímpio, Gonzaga Patriota, Isaías Silvestre, Jorge Gomes, José Múcio, alguns já foram embora mas se eu não citar eles ficam sabendo, então é melhor citar,

Jurandir Góia, Luciano Leitoa, Renato Casagrande, Ricardo Berzoini,

Senhores prefeitos, Ricardo Coutinho, de João Pessoa; Serafim Correia, de Manaus; Saudade Braga, de Nova Friburgo,

Meu querido companheiro Renato Rebelo, presidente do PC do B,

Senhor Carlos Siqueira,

Senhor... o Suassuna já foi embora,

Queridos companheiros e companheiras do PSB,

Queridos e companheiras, eu não vou dizer da família Arraes, porque a esposa do Eduardo senta ali e fica fiscalizando cada gesto dele, então eu vou me conter nos elogios à dinastia Arraes.

Bem, meus companheiros, vocês sabem que falar como presidente da República é diferente de falar como presidente do PT ou militante político, porque as palavras são carregadas de maior responsabilidade e de maior atenção.

Eu nunca tinha vindo num encontro do PSB porque, na verdade, eu fui a alguns encontros, eu fui num encontro em que o PSB decidiu me apoiar em 1989, depois eu não pude ir ao outro encontro porque o PSB tinha candidatura própria. Depois, eu fui convidado e cá estou participando deste encontro.



Não poderia deixar de ser diferente. Embora eu não conheça todas as pessoas do PSB, a verdade é que ao longo da minha história política, não apenas enquanto petista ou enquanto presidente da República, mas enquanto militante político, não foram poucos os momentos, não são poucos os anos e não são poucos os lugares do país em que já nos encontramos em algum momento, fazendo alguma coisa juntos. Portanto, é uma relação muito forte, a minha pessoal com o PSB, como a do PT, embora tenha divergências em outros lugares, com os companheiros do PCdoB. Portanto, aqui eu estou como se estivesse na minha casa, como se estivesse em uma reunião de irmãos e companheiros. Não faço diferença em estar em uma reunião aqui ou em uma reunião do PCdoB, do PT e de outros partidos aliados que têm, junto conosco, construído o que nós conquistamos até agora.

Quando o companheiro Ricardo Berzoini assumiu a direção do PT, eu disse a ele que queria fazer uma reunião com a Executiva do partido, e não fiz ainda porque não teve agenda – estou viajando amanhã para o Uruguai, para a reunião do Mercosul – mas, na próxima semana, quero ver se faço. E quero já dizer ao Eduardo que eu quero fazer uma reunião com a Executiva do PSB, depois quero fazer uma reunião com a Executiva do PCdoB, e depois, quem sabe, com a Executiva dos outros partidos políticos para discutir alguns assuntos pertinentes ao futuro do que nós queremos construir.

Quero dizer para vocês algumas coisas que eu considero importantes. Aliás, hoje eu dei uma entrevista em cadeia nacional, pela rádio CBN, pela Bandeirantes e pela rádio Jovem Pan, em que eu dizia que o instituto da reeleição não é minha paixão. E eu dizia, claramente, que para alguém ser candidato a reeleição existem tantas condicionantes que é preciso contar até dez, depois repetir outra vez até dez e depois contar mais dez, até que se decida claramente a viabilidade, as possibilidades, as conclusões, o que você pretende. Não é um automaticismo que você aperta como se apertasse uma máquina de jogar qualquer coisa em um bingo e desse o resultado final. Não é



assim, minha cabeça não funciona assim, e por isso eu tenho dito aos meus companheiros do PT que a verticalização não é minha paixão. A verticalização – Eduardo Campos, companheiros do PCdoB, do PT, do PDT – não é minha paixão.

Eu acho que um casamento tem que ser por amor, um casamento não pode ser obrigatório, as pessoas se casam quando querem se casar. E eu disse isso quando fiz aliança com o PMDB, o Ciro sabe disso, o Eduardo Campos sabe disso, o PT sabe disso, quando eu fiz aliança com o PMDB, e convidei o PMDB para vir ao Ministério, eu disse a todos do PMDB, ao presidente do Senado, ao presidente José Sarney, na época, ao ministro Eunício, o seguinte: “olha, eu não quero que vocês tenham compromisso de me apoiar nas próximas eleições. Não quero. Por conta da obrigação de uma lei, eu não quero. Vocês terão que apoiar, primeiro, se eu for candidato; segundo, se eleitoralmente for interessante”.

A história mostra que nem sempre você consegue um apoio por conta da verticalização e nem sempre você consegue ganhar uma eleição porque você tem muito tempo na televisão. Se você tiver muito tempo na televisão e não tiver muito o que falar e, mesmo que tenha, o povo não agüenta a cara de um candidato falando muito tempo. Eu acho que nós temos que pensar isso com carinho. Eu acho prudente, companheiro Ricardo Berzoini – eu sei da tomada de decisão da maioria da bancada do PT – eu acho prudente que você, como presidente do PT, o nosso Eduardo Campos, como presidente do PSB, acho que os companheiros do PCdoB devem fazer uma conversa para saber claramente o resultado final disso, se a gente ganha ou se a gente perde porque, muitas vezes, pensamos que estamos ganhando e não estamos ganhando.

Então, é uma coisa extremamente importante porque nós já estamos no governo há três anos, nós já governamos prefeituras importantes, nós já governamos estados importantes, os dois partidos governam estados



importantes para o país, e nós sabemos claramente que o jogo de poder é mais difícil do que um discurso fácil, nós sabemos que todos nós gostaríamos de acreditar que é com o apoio do povo que a gente faz tudo o que tem que fazer. Mas, sem o apoio do Congresso Nacional, da Assembléia Legislativa ou da Câmara de Vereadores, fica muito mais difícil governar.

E a sabedoria que nós temos, de medir a correlação de forças estabelecida no Congresso Nacional, é condição básica para que nós, militantes, saibamos o que está acontecendo no Brasil. É condição básica, é importante que a gente tenha noção da correlação de forças, do jogo de poder que está estabelecido para que a gente possa tomar as decisões, daqui para a frente, mais acertadas do que as que nós tomamos no passado ou das que estamos pensando em tomar hoje. Não custa nada fazermos todas as reflexões que nós temos que fazer para que a gente tome as nossas decisões.

É normal a disputa política, o debate político, é normal que todo mundo queira ter candidato. Nós estamos cheios de aprendizados e de ensinamentos para a gente tirar as nossas conclusões e decidir, em algum momento, conjuntamente, o que fazer neste país.

Da minha parte, eu quero que vocês, do PSB, saibam que qualquer que seja a minha decisão ou qualquer que seja o momento em que eu for discutir isso, eu quero que vocês saibam que vocês serão, através da Direção de vocês, parte integrante no processo de decisão, até porque eu não acredito que a gente construa o que precisa ser construído no país com um partido, ou com dois partidos ou com três partidos, porque não depende apenas de partido, depende de uma combinação de fatores que têm implicações muito grandes na sociedade.

E aí, outra vez o PSB pode nos trazer ensinamentos porque eu sei que, muitas vezes, algumas pessoas, mesmo dentro do PSB, me faziam críticas das alianças que o dr. Arraes fez, algumas vezes, para ganhar as eleições, e foi aquela correlação, aquela relação e aquela aliança que permitiram que ele



ganhasse e que pudesse governar o estado de Pernambuco. Se nós tivermos essa clareza, tudo vai ficar mais fácil, se tivermos clareza da correlação de forças, clareza do tempo em que as coisas têm que acontecer para que a gente possa definir os passos seguintes.

Uma outra coisa que eu queria dizer para vocês é que a minha relação com o PSB... Eu vi aqui o Roberto Amaral falando do Antônio Houaiss. Ele foi... era para ser meu candidato a vice em 1989, depois foi o companheiro Bisol. Eu me lembro do comportamento do dr. Arraes. Eu me lembro que a primeira vez em que eu fui conversar para pedir apoio ao dr. Arraes, ele me dizia o seguinte: “a gente começa com muita justificativa, às vezes a gente pensa que as pessoas não estão compreendendo e começa com um monte de lero lero. O dr. Arraes falou para mim: “ô Lula, não precisa gastar argumento comigo. Eu sei o lado em que eu estou, sei o que eu vou fazer, fique tranqüilo, vamos fazer uma agenda e começar essa campanha, que é o que a gente precisa fazer”. E sempre foi assim a minha relação com ele – o Eduardo Campos sabe, outros companheiros sabem – de muita lealdade, de muito companheirismo. Ele fazia questão que eu não o tratasse como senhor. Eu, da mesma forma, nunca admiti que, quando Presidente, ele me tratasse com deferência, de Excelência ou outra coisa. Companheiro é companheiro para toda a vida, não precisa mudar em função do cargo em que você está sobrevivendo.

Eu me lembro que a última conversa que tivemos com o dr. Arraes foi sobre a questão do desenvolvimento do Nordeste brasileiro. E ele, inquieto, muito inquieto, e eu dizia: dr. Arraes, o senhor vai viver para ver o que vai acontecer no Nordeste, não são poucas as coisas que nós estamos pensando para o desenvolvimento do Nordeste brasileiro. Se levarmos em conta o que vai significar o Programa de Biodiesel, sobretudo, para a região do semi-árido nordestino, eu dizia para ele: se levar em conta o que vai ser a refinaria que vai ser construída no estado de Pernambuco e no Nordeste brasileiro, e levar em conta por uma coisa, porque se dependesse apenas do instinto de ganho de



dinheiro da Petrobras, ela não teria interesse em fazer. É que, para nós, era interessante uma refinaria no Nordeste para que o Nordeste tivesse a mesma chance que já tiveram outros estados do Sul do país. Eu dizia para ele: a sonhada ferrovia Transnordestina, que agora está consagrada com o trabalho muito inteligente e muito hábil de vários companheiros do governo, coordenado pelo Ciro Gomes, um é a engenharia financeira, econômica, e se Deus quiser, logo, logo estaremos dando o pontapé inicial lá. O Ciro carrega o trilho, eu bato palmas para ele e nós vamos começar a fazer aquela ferrovia de 1.800 quilômetros de extensão, ligando o porto de Pecém ao porto de Suape, e o porto de Suape ao porto de Pecém, passando por Eliseu Martins, no estado do Piauí, para trazer a carga da produção daquela região e logo, logo vai ter interligação com outros estados para a gente transformar o Nordeste brasileiro numa coisa que possa garantir que o Nordeste brasileiro tenha perspectivas de sonhar e se desenvolver como outras regiões do país se desenvolveram.

E o canal do São Francisco, que deve ter divergência aqui neste Plenário. Mas a verdade é que o canal do São Francisco, que nós sofisticadamente mudamos de nome e colocamos revitalização, é um dos projetos mais bem elaborados que alguém poderia elaborar. É um projeto que vem sendo aperfeiçoado desde 1846, quando D. Pedro pensou em fazer. Bem, ele foi trabalhado no meu governo, primeiro, pelo vice-presidente José Alencar, que andou por este país, conversou com governadores, prefeitos e construiu uma parte. Depois que o José Alencar me entregou o primeiro grande esboço do projeto, eu passei à mão do ministro Ciro Gomes, para que ele desse a burilada final, os contatos finais e fizesse os debates.

Nós estamos dispostos ao debate, ou seja, o Ciro e a sua equipe estão dispostos a viajar o Brasil inteiro, debater com os que são contra, com os que não são contra, com os que estão a favor, porque o projeto não é para o presidente da República. Eu moro em São Bernardo do Campo, portanto, esse



projeto não vai me beneficiar diretamente, nem eu estou no semi-árido, nem eu estou no estado de Pernambuco, eu estou em São Bernardo do Campo.

Agora, a verdade é que tem 12 milhões de brasileiros que precisam de um gesto e não podem ficar dependendo de caminhão-pipa, não podem ficar dependendo de alguma coisa, alguém precisa fazer alguma coisa. Eu acho o projeto tão importante para lugares mais pobres do país que se eu pudesse, ia propor ao Ciro e a outros ministros do governo, a gente ficar com um balde tirando água de outro lugar e jogando no rio São Francisco para repor aquilo que nós estamos utilizando, para as pessoas beberem água.

Mas o projeto é de uma densidade extraordinária. Primeiro, porque vai manter grande parte dos açudes do Nordeste, da região perene; segundo, porque vai tirar apenas 1% da água; terceiro, porque a gente desapropriou dois quilômetros e meio de cada margem do canal para ver se a gente consegue construir um programa de desenvolvimento para a região; quarto, porque nós estamos fazendo o que alguns... tem gente que defende, com muita seriedade e com muita propriedade, que são contra. Esses nós respeitamos mas, outros, é por interesse político, porque o dado concreto é que, se tivessem tido a preocupação com o São Francisco que nós, que queremos tirar 1% da água, estamos tendo; se tivessem tido a preocupação há 30, 10, 15 ou 50 anos, não tinham permitido transformar todo o cerrado em carvão, não tinham permitido que todas as cidades jogassem esgoto diretamente no rio. Nós poderíamos estar com o rio tranqüilo, não tinha rio poluindo, não tinha nenhuma cidade jogando esgoto. Não fizeram isso. E a nossa proposta – inclusive com um projeto do senador Valadares no Senado, com a PEC – que é construir um Fundo que garanta uma política de revitalização do rio pelos próximos 20 anos, para garantir que sobreviva, recuperando tudo aquilo que foi deteriorado.

Lamentavelmente, o dr. Arraes morreu antes de a gente poder viver esse momento e poder concretizar, porque no próximo dia 16 de dezembro eu vou a Pernambuco, com o presidente Chávez, fazer o lançamento da pedra



fundamental da refinaria. E como eu sei que ele foi uma pessoa que sonhou com isso a vida inteira, seria muito importante que pudesse estar presente. Nós vamos lançar a ferrovia, nós vamos lançar o Pólo Siderúrgico de Fortaleza.

Mas eu acho que, de tudo isso, o que ele estaria mais apaixonado é com o sucesso do Programa de Biodiesel. Eu acho que muita gente não conhece ainda o que pode representar o biodiesel para o Brasil como independência, uma nova matriz energética, renovável, menos poluente, geradora de empregos. Eu fui a Floriano, no Piauí, fazer a inauguração de uma planta que gera 40 empregos na fábrica, de transesterificação – você viu que a palavra agora saiu fácil, porque esta palavra era difícil de falar, transesterificação – e, para cada trabalhador que trabalha na fábrica, é preciso 1.000 trabalhadores no campo. E nós criamos uma lei especial para dar incentivo para o dono da empresa que contrate o trabalho da agricultura familiar, para que a gente possa garantir que ele seja o grande produtor.

De vez em quando, a gente tem umas dúvidas da Petrobras, porque o que não for petróleo, ela acha que não é tão importante, e nós temos que estar ali, sempre pressionando, para mostrar o que pode representar para o mundo essa nova matriz energética chamada biodiesel, que o Brasil tem condições de produzir como nenhum outro país do mundo tem, a preços mais competitivos que qualquer país do mundo e que poderá render ao Brasil... eu estou dando, no máximo, 15 anos para que a gente possa, definitivamente, garantir que o Nordeste brasileiro dê um salto de qualidade de forma positiva, como fizemos com a região Norte do país. Vocês estão lembrados de que nossa primeira atitude foi prorrogar a Zona Franca de Manaus, de 2013 para 2023 porque, muitas vezes, se dependesse apenas dos visionários da economia do Sul, não existiria a Zona Franca de Manaus. E eu digo sempre, só é contra quem não conhece. Quando tomamos posse, estava com menos de 50 mil trabalhadores e, hoje, superamos os 100 mil trabalhadores na Zona Franca de Manaus, em



um crescimento espetacular, maior do que qualquer crescimento da economia brasileira.

Bem, na hora em que nós garantimos que as duas regiões que estavam mais atrasadas do ponto de vista dos investimentos para o desenvolvimento, começam a se desenvolver, nós estaremos criando as condições para que o Brasil cresça de forma mais uniforme, que o Brasil cresça de forma mais justa, que o Brasil possa não ter uma região vivendo a quarta revolução industrial e, a outra, não vivendo sequer a primeira revolução industrial, onde as pessoas ainda trocam o valor do seu trabalho por um pouco de carne seca, um pouco de sal, e um pouco de gasolina, ou óleo diesel, ou querosene. Isso não é feito de uma hora para outra, não é feito com discurso. É feito com anos de trabalho, com políticas consistentes para que possamos dar esse avanço, e muitas vezes, quando fazemos, nem sempre somos compreendidos.

Eu me lembro que eu fui dar o pontapé inicial na obra na rodovia Transoceânica, ligando Assis Brasil, no Acre, ao porto de Ilo, no Peru, e qual não foi a minha surpresa quando eu li uma matéria, aqui no Brasil, dizendo: “o presidente Lula está fazendo uma grande estrada, mas é no Peru”, como se nós estivéssemos pegando o nosso dinheiro e gastando no Peru, ao invés de gastar no Brasil. O que nós estamos fazendo é um processo de exportação de serviços, é exportação da nossa engenharia e fazendo um sonho que os mais velhos que lutaram neste país sabem, que é a ligação e a integração da América do Sul e a nossa chegada ao Pacífico.

Hoje, se vocês perguntassem para mim desses três anos, eu poderia dizer para vocês: eu acho que tem duas coisas ou três coisas que me dão prazer. A primeira, é que nós tiramos o processo de integração da América do Sul do discurso fácil, porque as palavras “integração da América Latina” soavam como se você estivesse comento quiabo e a verdade é que nós, a partir das primeiras reuniões que tivemos, resolvemos transformar a política de integração teórica numa política de integração prática, fazendo com que o



Brasil cumpra o papel de maior economia da América do Sul e, portanto, tem mais responsabilidade. Fazer essa integração sem ter e sem querer hegemonia nessa relação é um desafio que precisa muita humildade na relação com as pessoas.

Hoje, o Brasil está financiando pelo menos um projeto de integração em cada país da América do Sul, pelo menos um projeto de integração em cada país da América do Sul. Acabei de mandar o ministro de Minas e Energia, junto com o ministro da Planificação da Argentina ir à Venezuela conversar com o Chávez e com a PDVSA, para a gente fazer um gasoduto ligando a Venezuela, passando pelo Brasil e chegando à Argentina, para que a gente possa resolver o problema de gás de alguns países da América do Sul, inclusive do próprio Brasil. E, se não entram a Petrobras e a PDVSA, o Estado não tem dinheiro para fazer, portanto, nós vamos ter que utilizar essas empresas sagradas que o povo brasileiro construiu para que a gente faça isso.

Hoje, essa relação está consolidada. Temos alguns problemas mas são menores, e tem uma coisa importante: vocês estão lembrados de que, quando nós tomamos posse, a discussão era que o Mercosul iria acabar. Não só o Mercosul não acabou, como hoje, depois de amanhã, a Venezuela entra no Mercosul definitivamente. O México está discutindo a sua entrada no Mercosul e outros países da América do Sul, certamente, entrarão no Mercosul porque as pessoas estão percebendo que juntos nós poderemos fazer muito mais coisas nas nossas relações internacionais, na OMC, na ONU e em tantos outros lugares que nós temos que ir.

Além de tudo isso, meus companheiros, é preciso mirar com bastante paciência o que aconteceu na América do Sul depois da nossa vitória no Brasil. É preciso mirar o que aconteceu na América do Sul. A quantidade de governos que foram eleitos... não é pouca coisa a eleição do Kirchner na Argentina, não é pouca coisa a eleição do Tabaré no Uruguai, não é pouca coisa a eleição do Nicanor no Paraguai, não é pouca coisa a eleição do próprio Toledo – agora vai



ter eleição – do Equador, que foi o Gutierrez mas que, por problemas, caiu, ou seja, nós tivemos um avanço na América do Sul como há muitos e muitos anos, ou há décadas e décadas não tínhamos. Agora, é preciso criar e cuidar para que a gente dê sustentabilidade, para que esse processo só tenda a melhorar e que não sofra nenhum retrocesso.

Aqui no Brasil, muitas vezes, eu sou criticado por causa da minha relação com o presidente Chávez. Eu quero dizer para vocês que tenho uma relação muito importante com o Chávez, mas muito mais importante é a relação de Estado que o Brasil tem que ter com a Venezuela, porque é um país que tem um potencial de relação com o Brasil extraordinário, e nós não queremos que a Venezuela deixe de ser um país soberano para ser, como foi durante muito tempo, um país dependente apenas de um outro país.

Para nós, a pluralidade nas relações internacionais é o que vai garantir que a gente possa construir uma relação internacional que está dando ao Brasil a força que o Brasil tem hoje nas suas relações. É só viajar que vocês vão perceber qual é a força que o Brasil tem nos foros internacionais hoje. E isso, construído com muita coisa. Essa é a primeira alegria.

A segunda alegria minha são os dados divulgados pelo IBGE sobre a PNAD. Eu acho, Eduardo, que seria extremamente sagrado – e cabe a nós, governo, fazermos isso para contribuir – que os militantes tivessem acesso aos dados da PNAD, porque quando você chega à Presidência da República você é obrigado, pela circunstância do cargo, a acumular mais paciência, mais tolerância. E, nesses três anos, eu tenho ouvido muita coisa importante, críticas, tenho ouvido coisas a favor e tenho ouvido muita gente dizer que os pobres estão mais pobres, que estão largados, e eu vejo, de vez em quando, discursos. E, graças a Deus, saiu a pesquisa da PNAD que eu estava esperando desde junho para mostrar que, em nenhum momento da história do país – salvo entre fevereiro e julho de 1986, com a entrada do Plano Cruzado – em nenhum momento os pobres tiveram a participação na renda que estão



tendo hoje, e três milhões de pessoas que viviam abaixo da linha da pobreza, saíram da linha da pobreza. Esse é o mérito que me deixou feliz, porque havia uma angústia se as políticas sociais estavam fazendo efeito, e vocês sabem que política social neste país era apenas condimento, não era a comida principal.

O Ministério do Desenvolvimento Social, este ano, tem 17 bilhões e, no ano que vem, terá 22 bilhões para fazer política social neste país. Quem é do campo sabe o que significam os investimentos que fizemos na agricultura familiar, quando os nossos queridos Norte e Nordeste não recebiam, praticamente, contratos, porque o dinheiro estava disponibilizado e as pessoas não sabiam como pegar, ou o banco não sabia como emprestar.

Hoje, só no Nordeste brasileiro, nós estamos investindo em financiamento, na safra que terminou em julho, mais de um bilhão e 200 milhões de reais. O Ciro Gomes, quando entrou no Ministério da Integração, o dinheiro dos fundos constitucionais do Nordeste tinham aplicado, naquele ano, 200 milhões de reais. Este ano, já aplicou quatro bilhões de reais. E isso, em algum momento, vai aparecer como desenvolvimento. Isso, em algum momento, vai gerar... é como o dinheiro para saneamento básico. Nós, em dois anos, colocamos mais dinheiro para saneamento básico, 14 vezes mais do que o governo passado. Agora, isso começa a gerar empregos com o tempo, porque até liberar o dinheiro, até a prefeitura fazer licitação, até poder começar as obras, às vezes o dinheiro que você disponibilizou em um ano vai sair um ano e meio, dois anos depois.

Mas esse dado da PNAD, para mim, é uma satisfação, é uma coisa prazerosa, e também um alerta de que nós ainda temos muito que andar neste país. Uma outra coisa que eu falo sempre com os meus amigos do Movimento Sindical. Eu digo sempre o seguinte: eu fui um dos bons dirigentes sindicais deste país, em um momento em que não tinha muitos, era eu e poucos, então, eu poderia ser dos melhores. E passei grande parte da minha vida, eu passei



na porta de fábrica chorando junto com os trabalhadores o desemprego deste país.

Quando a gente, de vez em quando, repara que ainda falta coisa, nós temos que lembrar que este país passou, praticamente, 20 anos parado, e as empresas mandavam trabalhadores embora todos os dias. Eu, uma vez disse ao Meneghelli, que era presidente da CUT, ao Vicentinho, que era presidente do Sindicato: o meu nome lá no Sindicato era “levanta moral”, porque era tanta greve contra o desemprego, que eu dizia “pelo amor de Deus, já estão desempregando, vocês fazem mais greve, vai ter mais desemprego”. É preciso encontrar uma outra solução.

Então, o desemprego foi, durante quase que 20 anos – vocês aí que são estudiosos de economia, façam um levantamento para saber, nesses 20 anos, qual o ano em que a gente teve saldo de emprego positivo? Não precisa analisar governo, não. Peguem ano a ano. E qual é a minha alegria? A minha alegria, são duas com o movimento social. A minha alegria é que nós saímos de uma média de oito mil empregos mensais, por oito anos, para uma média mensal de 109 mil empregos, e dá menos pelos nossos dados... Vejam como nós somos honestos com os nossos dados. O CAGED não foi criado por nós, foi criado em 1992, no governo Itamar Franco, acho que já no governo Itamar Franco. Então, nós utilizamos o CAGED. Mas o PNAD, hoje, ou melhor a PNAD, é porque eu falo o PNAD, pensando no IBGE. Não, é a PNAD, que é o instituto de... é uma pesquisa de amostragem domiciliar, ela demonstra o quê? Ela demonstra que teve três milhões e 800 mil empregos em 35 meses, um número melhor do que o número que nós estávamos trabalhando. Então, agora, como a oposição dizia que o nosso número não era verdadeiro, eu vou utilizar o número, agora, da PNAD, porque agora ninguém pode falar, porque o número é do IBGE.

Então, esse número de empregos, para mim, é uma coisa prazerosa. E a outra coisa prazerosa é que, durante muitos e muitos anos eu, que participei



de quase todas as greves que se fizeram neste país... A gente fazia greve, meu caro Ciro, e voltava a trabalhar sem ganhar absolutamente nada. Está aqui o companheiro Ricardo Berzoini, o Jaques Wagner, que militavam no Sindicato na época, se a gente voltasse a trabalhar, ganhando os dias que a gente tinha perdido na greve, já era uma vantagem, porque depois de 15 ou 20 dias de greve, fica vantajoso receber os dias.

Pois bem, este ano de 2005, 85% dos acordos salariais feitos neste país foram acima da inflação, significando um ganho real para uma parte dos trabalhadores organizados e tende a melhorar muito na medida em que a economia continuar crescendo, e pode crescer mais a cada ano. Agora, para crescer, é preciso que a gente consolide as bases do crescimento. Eu digo sempre o seguinte: olhem, nós temos divergências em muitas coisas, nós poderíamos querer um gol a mais, um gol a menos, quem está na frente da televisão fica torcendo, por que o Náutico não marcou os dois pênaltis? Não marcou porque não tinha que marcar. Não marcou porque... Era a chance.

Na política é a mesma coisa. Possivelmente um dos caras com quem eu discuta mais economia é o Ciro Gomes, conheço o pensamento dele, sei das divergências dele, mas também sei do grau de consciência dele, porque fazer política econômica é como se a gente tivesse um médico em uma sala de cirurgia, o paciente deitado para operar, e 50 do lado de fora, gritando "olha, corta aquele pedaço, tira aquele pedaço ali, corta aquela tripa". O cidadão morreria. E sabe o Ciro Gomes, que já passou por isso, que ser ministro da Economia de um país onde todos pensam que entendem de economia, precisa ter sangue frio senão o paciente morre; precisa ter sangue frio senão cada um... Porque no Brasil é assim, de futebol, medicina e economia, todos nós pensamos que entendemos. Não fale que está doente aqui, porque aparece alguém com um comprimido para você tomar. Então, o país é isso. Agora, eu tenho consciência do que foi a evolução, tenho consciência de que nós poderemos medir os nossos números com muitos governos, tenho consciência



da consistência com que estamos fazendo, tenho consciência de que podemos ter errado aqui ou acolá, mas tenho consciência de que o conjunto da obra é melhor do em qualquer momento que nós vivemos neste país.

E eu conheço a angústia das pessoas, eu convivo, eu acho que tem pouco sindicalista que vai à porta de fábrica como eu já fui depois de presidente eleito. Já almocei, já jantei, já tomei café, ou seja, porque essa é a minha vida. Tem gente que estranha porque acha que eu deveria manter mais a liturgia do presidente, não me aproximando de ninguém, tem que fazer todos os discursos escritos, eu sei que tem essas coisas, mas eu prefiro dizer uma coisa para vocês: o exercício do mandato do presidente da República tem prazo para começar e tem prazo para terminar. De vez em quando aparece um engraçadinho querendo interromper o processo, achando que a democracia não tem que ser respeitada.

Então, veja uma coisa, o mandato tem começo, meio e fim. Agora a nossa relação de confiança não pode ter fim, porque na hora em que ela tiver fim, a gente não consegue construir aquilo que nos motivou a construir a aliança. A grande sabedoria do exercício da democracia é a convivência na adversidade, é a convivência vivendo na adversidade, com contrariedades, às vezes voltando para casa desgostoso, às vezes fazendo crítica àquele, sabe, isso não pode ser motivo de briga, isso tem que ser motivo de sabedoria para a gente saber tomar as decisões que temos que tomar.

Eu acho que o PSB tem sido um parceiro extraordinário na construção dos meus erros e na construção dos meus acertos, mais acertos do que erros. E um dos grandes acertos do PSB, junto com o PT, foi a criação da Olimpíada da Matemática. E quando nós pensamos em criar a Olimpíada da Matemática na escola pública, estava o Eduardo, na época era o Tarso Genro o ministro da Educação. Não faltaram aqueles pessimistas, porque tem gente que nasce azedo e morre azedo. Tem gente que é pessimista por natureza: não, isso não vai dar certo, porque escola pública... o pessoal está despreparado, não vai ter



motivação, não vai entrar. O que aconteceu? Se inscreveram 11 milhões e meio de crianças e participaram das olimpíadas 10 milhões e meio de crianças e o primeiro colocado é um menino aqui de Brasília, cego, quase que surdo, e tirou o primeiro lugar dando a seguinte demonstração: não tem cidadão mais capaz do que o outro, o que precisamos é garantir oportunidade para todos.

Se depender de mim, Eduardo, agora nós vamos fazer, além das olimpíadas da matemática que tem que repetir, nós vamos fazer a olimpíada do português, porque o sucesso é de tal magnitude que o segundo país do mundo em olimpíada, e que tem quase o dobro da nossa população, são os Estados Unidos, com 6 milhões. Então veja que coisa extraordinária a capacidade de participação.

E uma outra coisa para terminar aqui porque eu não vim aqui para falar isso, eu vim aqui para saudar o Eduardo, é a questão do ProUni. O ProUni, que colocou 112 mil jovens na universidade e vai colocar mais 100 agora, no ano que vem e, pela primeira vez na história deste país, só este ano Eduardo, 38 mil afrodescendentes entraram na universidade brasileira, eu não acho que haja momento na história do Brasil em que tantos negros entraram na universidade, 1200 indígenas entraram, e este ano eu espero repetir a dose. Agora nós vamos fazer um estudo, uma operação padrão para saber quantas vagas nós temos nas universidades federais, porque é inadmissível que em um Brasil que tem milhares de jovens na periferia querendo estudar, você tenha, por professor, uma média de 16 alunos, contra 32 alunos, em média, em outros países. Não é possível que a gente tenha uma carteira sobrando, e não é possível que a gente tenha um horário vazio, seja de madrugada, de noite ou ao meio-dia, porque não tem preenchimento de vaga naquela universidade.

Como eu estou convencido de que ou nós fazemos isso ou a cada ano em que a gente atrasar, o Brasil vai perder 10 anos, mandamos o projeto do Fundeb para o Congresso Nacional e, meus queridos deputados, aí está o desafio. O final do ano está chegando, o Fundeb vai colocar 4 bilhões e 300



milhões a mais para a educação. Quem vai ganhar com isso? Não apenas o ensino fundamental mas, sobretudo, a parte mais pobre do Brasil, porque vai ajudar mais o Norte e o Nordeste brasileiros, permitindo que a qualidade da educação possa avançar ainda mais.

Qual foi a belíssima surpresa que nós tivemos? E essa é uma grata surpresa. É que havia um fetiche, no Brasil, de que os alunos das escolas públicas não tinham condições de competir com os alunos das escolas privadas. Pois bem, o Eduardo deve ter acompanhado isso, o Sérgio Rezende. A coisa que nós mais ouvimos dos diretores das escolas em que o ProUni está funcionando é que os alunos que ganharam a bolsa do ProUni são mais estudiosos do que aqueles que estavam já na universidade. Talvez seja pela motivação, talvez seja pela premiação.

O dado concreto é que, em Pernambuco, com o programa ProJovem, o melhor aluno do ProJovem de Recife é um presidiário, que sai da cadeia para estudar e volta depois para a cadeia, e é considerado o melhor aluno de quase nove mil alunos que estudam, ou sete mil alunos, na capital. Bom, isso colocado... eu estou colocando isso para afirmar para vocês o quê? O que nós temos que fazer neste país é consolidar algumas coisas que possam garantir a todos a questão da oportunidade.

O Rio Grande do Norte me deu um exemplo emocionado, liguei a televisão para ver um programa, e aí eu vejo as mulheres de Caicó. Em setores médios da sociedade, para o cara que sai do serviço, vai para o bar tomar uma cerveja, nove horas da noite, oito horas, pode gastar 60, 70 reais, realmente a Bolsa Família é proselitismo, realmente é assistencialismo, não é revolucionário, porque revolucionário é gerar empregos. Obviamente que é, e eu gostaria de gerar 10 vezes mais empregos do que estamos gerando. Mas enquanto não vem o emprego, o Bolsa Família está aí, atendendo oito milhões e 700 mil famílias.

Aí vem as mulheres na televisão, 200 mulheres, não foi uma, me fizeram



um abaixo-assinado e mandaram me entregar aqui. Eu vejo uma mulher na televisão dizendo o seguinte: “olha, eu peguei”, eu não sei se ela pegou 75 reais, “comprei pintinhos na feira”, franguinhos. Para não falar só pintinho, galinhazinha, franguinha, qualquer coisa. Mas ela comprou lá. Depois ela recebeu no segundo mês, comprou mais uma porção. Aí ela se transformou em uma criadora de galinha caipira, e está vendendo ovo caipira na feira. Sabe qual foi a atitude desta mulher? Pegar o seu cartão do Bolsa Família e devolver, dizendo “eu já ganhei a minha cidadania, eu já aprendi a sobreviver. Eu não preciso mais”. E não foi uma, viu Wilma, foram 200 mulheres que me devolveram o cartão.

Queira Deus que apareça mais gente, porque o Bolsa Família não é a solução definitiva dos problemas do pobre, mas é aquela cadeira de descanso na qual ele senta para ser atendido depois, no médico, porque quem fica em pé, esperando o médico, sofre muito mais. Então, esse primeiro-socorro, tem dado uma demonstração extraordinária ao Brasil e eu acho que isso nós vamos construindo, eu sei que alguns querem mais pressa, outros querem menos, eu sou daqueles que o passo tem que ser dado do tamanho da perna.

Toda vez que alguém dá um passo maior pensando que vai ganhar, tem uma distensão e fica seis meses recolhido ali, quietinho no seu lugar, fazendo tratamento. Eu, aos 60 anos de idade, sou da paciência, podem ficar certos de que vocês não vão me ver nervoso nunca, vocês não vão me ver nervoso. De vez em quando, até, eu tenho que acalmar o Ciro e de vez em quando, (Inaudível). Eu acho que algumas pessoas neste país têm que aprender uma lição: elas precisam aprender que a democracia significa alternância de poder e, da mesma forma que um grande empresário pode ser presidente da República, respeitado pelos trabalhadores brasileiros, um trabalhador pode ser presidente da República, respeitado pelos outros segmentos da sociedade, da mesma forma um intelectual pode ser presidente da República. A democracia exige que todos nós respeitemos aquele que foi eleito, é preciso que alguém



que não seja universitário possa ser eleito presidente da República e, nesse aspecto, o Brasil é exemplar.

Se tem um país que hoje pode andar de cabeça erguida e dizer: nós exercemos a democracia em sua plenitude, não só porque elegeram um metalúrgico, mas porque o exercício da democracia é pleno. Eu duvido que algum ministro, em algum momento deste país, debateu o tanto que estes ministros meus debatem todo santo dia, toda santa hora. É conferência nacional de saúde, é conferência nacional de petróleo, é conferência nacional contra, conferência a favor, ou seja, é gente querendo que a gente recupere o que perderam no Collor, que perderam no Getúlio, que perderam no Juscelino, que perderam no Floriano Peixoto e, dentro da medida, nós vamos conversando com todo mundo, acertando com todo mundo, porque não dá para fazer tudo de uma única vez.

Meus companheiros e companheiras, eu peço desculpas pelo adiantado da hora, por falar demais, mas eu quero dizer para vocês: gostem ou não gostem, vocês serão meus cúmplices por muito tempo na história e na mudança que este país precisa.

Meus parabéns à nova direção do PSB e que tudo possa transcorrer dentro do desejo do Partido.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
Reunião de Cúpula do Mercosul**

Montevidéu-Uruguai, 09 de dezembro de 2005

Excelentíssimos senhores presidentes Tabaré Vázquez, da República Oriental do Uruguai; Néstor Kirchner, da República Argentina; Eduardo Rodrigues, da República da Bolívia; Ricardo Lagos, da República do Chile; Nicanor Duarte, da República do Paraguai; Hugo Chávez, da República Bolivariana da Venezuela,

Excelentíssimo senhor Nahas Angula, primeiro-ministro da República da Namíbia,

Senhoras e senhores ministros de Estado,

Senhor José Miguel Insulza, secretário-geral da Organização dos Estados Americanos, OEA,

Senhor Didier Opertti, secretário-geral-geral da Associação Latino-Americana de Integração, Aladi,

Senhoras e senhores embaixadores,

Senhoras e senhores delegados.

Minha primeira palavra é de reconhecimento pelo excelente trabalho desenvolvido pela Presidência Pro-Tempore uruguaia, neste semestre. Estivemos sob a decidida coordenação do presidente Tabaré Vázquez, que hoje nos acolhe calorosamente em Montevidéu.

Não posso deixar de registrar o trabalho da Secretaria do Mercosul, sob a condução do diretor Reginaldo Arcuri, que se empenhou no processo de transformação da Secretaria Administrativa em Secretaria Técnica. Despedimo-nos do companheiro Arcuri com um abraço fraterno, confiantes em que o



próximo diretor saberá dar seguimento ao excelente trabalho realizado.

Nossos agradecimentos estendem-se ao presidente da Comissão de Representantes Permanentes do Mercosul, Eduardo Duhalde. Desde que assumiu o cargo, em 2004, sua incessante atuação como facilitador de consensos e divulgador do nosso processo de integração contribuiu para dar ao Mercosul uma face visível e respeitada por todos.

Dou as boas-vindas ao seu sucessor, o ex-vice-presidente da Argentina, Carlos Álvarez, conhecido por todos nós como companheiro Chacho, grande conhecedor e entusiasta da integração sul-americana.

Senhores Presidentes,

Dentro de poucos meses, celebraremos 15 anos da assinatura do Tratado de Assunção, uma data importante para todos nós. Há pouco mais de uma semana participei, com meu amigo e presidente Kirchner, das comemorações dos 20 anos da Declaração de Iguazu, o embrião do processo que levou à criação do Mercosul.

A grande sintonia e o alcance dos compromissos que marcaram a reunião entre a Argentina Brasil convidam-nos a refletir sobre os resultados alcançados até aqui pelo conjunto do nosso bloco. E nos animam, sobretudo, a discutir entre todos os membros, democraticamente, formas de aprofundar ainda mais a integração de nossa região.

Diz-se que o melhor profeta do futuro é o passado. Se for assim, temos razões de sobra para otimismo, porque a história do Mercosul é uma história de sucesso. O Mercosul foi, e continua sendo, um projeto que todos aprovamos. Ainda mais importante, é cada vez mais percebido por nossas sociedades como algo que nos interessa e que nos convém.

Temos quatro governos firmemente engajados no aprofundamento do bloco e contamos com um ambiente regional altamente favorável à integração.

O sucesso do nosso agrupamento acaba de atrair um novo Estado Parte. Saúdo com um abraço caloroso e amigo o ingresso da Venezuela no



Mercosul, na qualidade de membro pleno o que, seguramente, sinaliza um novo momento de nossa integração.

Estamos empenhados em garantir que a incorporação da Venezuela ao Mercosul se faça sem traumas e prejuízos para a rica e intensa relação desse país com as demais nações do Pacto Andino. O fato de já dispormos de um Acordo de Livre Comércio entre o Mercosul e a Comunidade Andina de Nações facilitará nesse processo. O que queremos é fortalecer a integração de toda a América Sul.

Isso é não só possível, como necessário para enfrentarmos juntos a capacidade competitiva de outros blocos nessa economia crescentemente globalizada.

Estamos ultrapassando as fronteiras do Cone Sul e ganhando uma nova dimensão geográfica e econômica. Não podemos perder de vista, nesse processo de alargamento, o patrimônio invejável que acumulamos nos planos comercial, normativo, institucional e político. O conjunto de regras e experiências negociados deste 1991 deve ser o nosso roteiro principal.

Senhores Presidentes,

O Mercosul é um dos projetos políticos de maior envergadura da história da nossa região. Constitui pilar essencial de uma iniciativa ainda mais ambiciosa, a Comunidade Sul-Americana de Nações.

Vivemos um momento de extraordinária convergência de valores e aspirações em nossa região. Temos o desafio de traduzir essa compatibilidade de agendas para o campo econômico.

Não ignoramos que existem dificuldades. Mas estamos trabalhando com grande empenho para superá-las e estou certo de que teremos êxito. Avançamos na regulamentação da livre-circulação de bens importados, que vai impedir a dupla tributação das mercadorias e a conseqüente distorção do comércio no interior do bloco. Além de justa, essa medida facilitará nossas negociações com outros blocos, como a União Européia.



A partir de 2006, entrará em funcionamento o Fundo para a Convergência Estrutural do Mercosul, que atenderá a uma demanda antiga de reduzir assimetrias existentes entre as economias do bloco. O Focem ajudará a financiar projetos importantes para a integração regional mas, sobretudo, significa nosso compromisso com o desenvolvimento equilibrado dos países do bloco.

Reitero a minha determinação de apoiar ações que gerem benefícios visíveis para as economias menores da região. A elaboração e aprovação, em tempo recorde, do Programa Mercosul Livre de Febre Aftosa, mostrou que somos capazes de trabalhar em conjunto para reagir a crises.

Senhores Presidentes,

Essas conquistas são certamente importantes, mas não são suficientes. Nos próximos anos, teremos que responder pelo menos a três grandes desafios: adotar medidas que tenham impacto imediato no dia-a-dia de nossos povos; dar um novo salto qualitativo no arcabouço institucional do Mercosul; e desenvolver mecanismos criativos para viabilizar novos investimentos e a integração produtiva de nossos países.

Ter uma União Aduaneira consolidada é fundamental. Mas o que isso representa para o cidadão comum? Harmonizar regras é seguramente importante para agilizar os negócios e aumentar a eficiência das empresas. Mas, em que isso se traduz, de imediato, para as nossas populações? É preciso levar o Mercosul ao povo e enraizá-lo em nossas sociedades.

É louvável, portanto, a iniciativa “Somos Mercosul”, do governo uruguaio, que buscou envolver a população e mostrar que este é um projeto de todos.

O governo brasileiro vem participando ativamente, em conjunto com o Foro Consultivo Econômico e Social, dos esforços de envolvimento da sociedade civil no processo de integração. Também estamos empenhados na criação da Rede Mercosul Cidadã, que congrega ONGs representativas dos quatro países do bloco.



O êxito de nossa ação conjunta será ainda maior quando contarmos com instituições fortalecidas que apoiem e complementem o trabalho diário de nossos quatro governos.

Se aceitamos o destino comum da integração regional, temos que ver como natural o reforço da estrutura institucional do bloco. É por isso que felicito, com especial ênfase, o trabalho da Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul na definição do Parlamento regional.

A nova instituição, que será integrada por representantes eleitos por sufrágio direto, contribuirá para dar ao bloco a legitimidade que só pode ser conferida pela vontade popular.

A Comissão avançou muito na tarefa de encontrar uma fórmula que assegure a representação equilibrada de cada um de nossos países, em pleno respeito à igualdade jurídica dos Estados.

Estou confiante de que cumpiremos o prazo de 31 de dezembro de 2006 para a instalação de nosso Parlamento. Temos de encarar, com a mesma determinação, a necessidade de dotar o agrupamento de um braço executivo adequado à crescente complexidade e extensão de nossa agenda comum.

E, como já disse em outras ocasiões, sem prejuízo da localização diversificada de algumas instituições, como é o caso do Tribunal de Assunção, Montevidéu reúne todas as qualidades para tornar-se a Bruxelas do Mercosul.

Ao desafio institucional, soma-se a necessidade de mostrarmos que o Mercosul é capaz de sustentar grandes iniciativas conjuntas na área da produção. Já avançamos muito na construção da infra-estrutura regional.

Nada menos que 43 projetos de integração física da América do Sul estão em andamento desde 2003, por meio de parcerias entre governos, empresas privadas e organismos financeiros regionais. Somente os financiamentos e garantias já aprovados pelo Brasil correspondem a mais de 2 bilhões de dólares. Boa parte desses recursos será aplicada no Mercosul, em obras como a duplicação da Auto-Estrada Mercosul, a construção da segunda



ponte sobre o rio Paraná e da Termelétrica de São José, no Uruguai.

Temos agora de fazer com que o Mercosul seja visto como um espaço econômico verdadeiramente ampliado, onde são realizados investimentos e parcerias para a consolidação de uma política industrial comum. Essas e outras iniciativas contribuirão para dar novo dinamismo econômico à região, multiplicando empregos e melhorando nossa capacidade de inserção soberana no mundo.

Ao mesmo tempo, constato com satisfação o empenho de nossos governos no combate à fome e à exclusão social, através de programas sociais ousados de transferência de renda, de saúde, de educação, de apoio à agricultura familiar ou ao microcrédito.

Na reunião de Porto Iguaçu, o presidente Kirchner e eu conversamos sobre a possibilidade de eleger alguns setores estratégicos para dar início a esse esforço conjunto de desenvolvimento. Concordamos que o setor da construção naval pode servir como um primeiro modelo de um novo tipo de cooperação produtiva. E penso que os demais Estados membros do Mercosul devem somar-se, todos, a essa iniciativa.

Com o mesmo propósito, estou determinando às autoridades brasileiras que identifiquem, no primeiro semestre do ano que vem, pelo menos um projeto de integração produtiva do Brasil com cada país do Mercosul, incluindo, desde já, a Venezuela.

Estou certo de que essas iniciativas, em razão de sua visibilidade e importância econômica e social, produzirão o estímulo necessário para um novo paradigma de desenvolvimento regional.

Senhores Presidentes,

Mais do que nunca, estou convencido de que não há saída individual para nossos países. Quanto mais forte estiver o Uruguai, quanto mais forte estiver a Argentina, o Paraguai, a Venezuela, mais forte estará o Brasil e vice e versa.



Mas, para isso, não basta caminharmos lado a lado, temos que caminhar juntos e com um mesmo destino. E, como disse o poeta: “não há caminho o caminho se faz ao andar.”

Meus amigos e minhas amigas,

Eu queria concluir dizendo umas duas coisas. Primeiro, socializar aqui a conversa que tive com o primeiro-ministro Tony Blair e com o presidente Bush, em função do acordo do encontro que teremos esta semana, em Hong Kong. Alertei ao primeiro-ministro Tony Blair, e alertei ao presidente Bush, e estou querendo falar com a chanceler alemã e com o presidente Chirac de que os nossos ministros, os nossos técnicos, já fizeram todo esforço possível que lhe foi permitido fazer, para tentar, nesse acordo de Hong Kong, uma solução que tornasse os países pobres menos pobres e desse aos países pobres emergentes a possibilidade de ter acesso aos mercados dos países mais ricos, fazendo com que os países ricos diminuíssem o subsídio interno que dão à sua agricultura.

Então, eu resolvi telefonar ao primeiro-ministro Tony Blair e ao presidente Bush e quero conversar com outros dirigentes, que não é possível que uma tomada de posição dessa envergadura, em que estaremos jogando o destino de milhões e milhões de seres humanos, e muitos deles não têm nenhuma força para participar das organizações multilaterais, sobretudo na OMC, não sejam atendidos numa política humanitária, solidária e comercial dos países ricos para os países emergentes. Portanto, essa decisão é tão importante que não deveria ser mais uma decisão a ser tomada pelos nossos técnicos, pelos nossos ministros deveria ser assumida pelos Presidentes da República. Porque, se não fizermos isso, nós vamos fazer com que perdure mais 20 ou 30 anos a situação de desigualdade, a situação de empobrecimento e, quem sabe, até o aumento do terrorismo, se nós não cuidarmos de apresentar para uma parcela enorme da sociedade, a possibilidade de ter acesso ao mínimo de cidadania. E propus a eles, sabendo que antes da



Rodada de Doha era muito difícil, que não termine e que Hong Kong não seja o final, mas permita que, a partir de janeiro, o G-8, convoque o G-20 ou membros do G-20, e vamos tomar uma decisão política do que queremos para o comércio entre os países emergentes e pobres e os países ricos para os próximos 20 anos.

Não existirá um outro momento de tomar uma decisão, e é importante que a gente trate sem nenhuma arrogância, sem nenhuma imposição, mas que a gente trate de fazer com que os representantes dos países ricos se sintam responsáveis pelo fato de não termos evoluído nas negociações que vão se dar agora, em Hong Kong.

Nós, do Mercosul, temos demonstrado ao longo dessas negociações, total disposição de flexibilidade, proporcional às nossas possibilidades, mas precisaríamos deles um gesto um pouco maior, um gesto mais humanitário. Portanto, eu penso que cada um dos presidentes do Mercosul que puder pegar o telefone e ligar para um, na sua contra parte, na Europa e nos Estados Unidos, para começarmos a fazer pressão, porque senão, todos nós passaremos mais 20 anos vendo os pobres ficando mais pobres e os ricos ficando mais ricos.

A segunda coisa que eu queria falar, é sobre a despedida do nosso companheiro Lagos, obviamente que, aqui, o próprio Lagos já conviveu com tantos presidentes que participaram e que vão embora e depois não participam mais de nada... eu disse ontem ao presidente Nicanor, do Paraguai, que possivelmente nós, seres humanos, tenhamos reações e comportamentos diferentes a cada momento. Eu confesso a vocês que cada reunião dessas em que eu participo, não consigo ver vocês como Chefes de Estado, ou seja, um chefe de Estado, é um chefe de Estado e, portanto, pode estar um ou outro que não tem importância. A verdade é que a nossa relação política é uma relação de amizade, tem uma coisa química entre o ser humano que, uns gostam mais de outros, se dão melhor, ou querem mais bem. E eu acho que isso é que vai



fortalecendo o que nós estamos construindo nesse momento no Mercosul, na América do Sul e na América Latina.

Eu volto a repetir sempre: não é pouco o que nós conquistamos nesses poucos anos, se nós lembrarmos que ainda quando o Kirchner não era presidente, eu não era presidente, Tabaré não era presidente, Nicanor Duarte não era presidente, o Mercosul era divulgado pela imprensa dos nossos países como uma coisa falida, como uma coisa que não tinha dado certo. E, em poucos anos, com muita vontade política, participando de muitas reuniões que, às vezes, não delibera nada, mas só o fato de fazermos a reunião, já é um fato importante.

Nós, hoje, não apenas consolidamos o Mercosul como melhoramos substancialmente a relação entre os nossos povos. E muito mais importante, a integração de outros países é uma coisa extremamente importante, com a consolidação da Comunidade Sul-Americana de Nações que, certamente, vai passar por todos os países da América Latina num curtíssimo espaço de tempo. E uma coisa inacreditável, até pouco tempo atrás, o maior parceiro comercial do Brasil eram os Estados Unidos, quem sabe de todos os países aqui, individualmente, depois a União Européia. E nesse pouco tempo em que nós começamos a acreditar em nós mesmos, o maior parceiro comercial do Brasil é a América Latina, já superando os Estados Unidos e a União Européia. Eu penso que isso ainda vai acontecer com quase todos os países.

E o companheiro Lagos tem muito a ver com isso, pela sua postura política, pela sua história, pela credibilidade que dá às reuniões e, portanto, eu penso que a despedida do Lagos não é a despedida de um presidente que não vai ser candidato porque não pode, pela Constituição, mas, quem sabe, esteja se preparando para daqui a alguns anos, quem sabe. Mas é a despedida de um companheiro que, certamente, mesmo não sendo o Presidente do Chile, certamente poderá dar contribuições extraordinárias para que a gente possa continuar fortalecendo esse processo de integração, porque a integração,



presidente Lagos, nada mais é do que nós confiarmos uns nos outros e fazermos com que o nosso povo confie cada vez mais nos outros povos, e sejam cada vez mais irmãos; que quebrems todas as barreiras de preconceitos, as fronteiras, e permitamos que a nossa gente extravase o poder da sua alma, o poder de seu coração, o poder da sua mente. E, certamente, mesmo não tendo mandato, querido Lagos, você sempre, em algum momento, estará participando de algum evento que possa contribuir para que a gente continue fortalecendo essa integração que, eu penso, será uma coisa extremamente sólida num futuro muito próximo.

Meus parabéns e espero que tenha todo o êxito que deseja ter no Chile, e que a gente possa não ter o presidente Lagos aqui mas, quem sabe, acrescentar a participação de mulheres na nossa reunião, porque a coisa aqui está muito machista. Então, meus parabéns, querido. Eu penso que nós temos muitos presidentes no mundo, mas acho que você, presidente Lagos, não é apenas mais um presidente. Eu acho que, quem conhece a história do Chile, que respeita tudo, pode dizer: o Chile já teve muitos presidentes, mas o Lagos não é um presidente, o Lagos é “o presidente”.

Meus parabéns e muito obrigado aos companheiros.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega do Prêmio Jovem Cientista 2005**

Palácio do Planalto, 12 de dezembro de 2005

Meu caro Sérgio Machado, ministro da Ciência e Tecnologia – eu, na verdade, só te chamava de Sérgio Rezende, colocaram um “Machado” aqui, eu nem sabia que você tinha Machado no nome,

Meu querido Hélio Costa, ministro das Comunicações,

Ivan Ramalho, interino do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Altemir Gregolin, interino da Aqüicultura e Pesca,

Deputado Ricarte de Freitas,

Senhor Erney Plessmann de Camargo, presidente do CNPq,

Meu caro José Roberto Marinho, vice-presidente das Organizações Globo e presidente da Fundação Roberto Marinho,

Meu caro Jorge Gerdau – a gente nunca pode falar o nome do Gerdau completo, porque... – Johannpeter, presidente do Grupo Gerdau,

Senhor João Ruy Castelo Branco de Castro, diretor de Projetos Especiais da Eletrobrás,

Meus caros agraciados com o Prêmio Jovem Cientista 2005,

Meus amigos e minhas amigas,

Os prêmios que entregamos hoje representam um incentivo e reconhecimento aos jovens que vêm na ciência e na pesquisa o caminho para melhorar a vida de seus semelhantes e a sua própria, contribuindo, assim, para o desenvolvimento do Brasil.

Talvez muitos não saibam, mas quase todos os vencedores do Prêmio



Jovem Cientista, cerca de 90% deles, segundo o Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento, o CNPq, acabam permanecendo na carreira científica, gerando conhecimentos e inovações fundamentais para toda a sociedade.

Tenho certeza de que essa parceria virtuosa entre o Estado, representado pelo CNPq e a Eletrobrás, e a iniciativa privada, por meio da Fundação Roberto Marinho e do Grupo Gerdau, tem um enorme significado para o futuro do nosso país. Ela está dando condições para que jovens de diferentes classes sociais, tenham cursado o ensino público ou particular, possam manifestar sua criatividade e sua inteligência, colocando-as a serviço do bem comum.

É o caso, por exemplo, de Natália Evelin Martins, a primeira colocada da categoria “estudante de ensino médio”. Aluna do 2º ano de uma escola pública de Belo Horizonte, com 16 anos de idade, ela já está ajudando no combate ao mal que causa a morte de 33 mil pessoas a cada ano no nosso país: a Doença de Chagas. Em seus estudos realizados no Centro de Pesquisas René Rachou, ela propôs o uso de um novo método para diagnosticar, em exame de sangue, com muito mais eficiência, os parasitas que causam a doença.

Com base no trabalho de Natália e, também, no resultado de pesquisas premiadas aqui, relacionadas ao estudo do sangue humano, nossa comunidade científica poderá desenvolver tecnologias que um dia estarão sendo usadas em hospitais, laboratórios e indústrias farmacêuticas. Tudo isso graças às pesquisas iniciadas por vocês, jovens pesquisadores. Quero, portanto, não apenas lhes dar os meus mais sinceros parabéns, mas dizer que vocês são um exemplo extraordinário do que os jovens estão fazendo e podem fazer ainda mais pelo Brasil.

Apreendi, durante minha vida, que quando jovens encontram oportunidades para desenvolver o que há de melhor em si, suas virtudes se transformam em catalisadores para as mudanças positivas de sua vida, de sua



comunidade e de seu país.

Minhas amigas e meus amigos,

O Prêmio Jovem Cientista deste ano contou com a participação de quase 1.200 projetos de pesquisa científica, apenas no ensino médio, um número recorde desde a sua criação, em 1981. Pela qualidade e importância das pesquisas que têm tido nesse prêmio sua motivação inicial, pela ampla divulgação e intensa participação de jovens cientistas de escolas e universidades de todo o Brasil, esse Prêmio já se transformou num dos mais importantes da América Latina.

Há um profundo sentido pedagógico numa premiação como esta, incentivando o amor à ciência e à pesquisa. São centenas, milhares de pessoas que, motivadas por este prêmio, passam a dedicar grande parte de suas vidas, muitas vezes restringindo o tempo de lazer e de convívio com a própria família, a produzir conhecimentos que vão beneficiar a sociedade.

Eu queria dar os parabéns a todos os premiados. Dar os parabéns ao Ministério da Ciência e Tecnologia, dar os parabéns ao CNPq, dar os parabéns à Eletrobrás, dar os parabéns ao José Roberto Marinho e ao Jorge Gerdau e, sobretudo, dar parabéns a todos vocês que se inscreveram, que participaram e concorreram, e que agora, estão sendo premiados pelo esforço, pela dedicação e pela competência de cada um.

Eu digo isso porque ou nós acreditamos que a juventude deste país precisa voltar a encontrar esperança, precisa voltar a encontrar algo em que possa se apegar e acreditar que, a partir dali, é possível construir o mundo dos seus sonhos, ou nós vamos ver mais jovens, mais adolescentes sendo encaminhados para o cumprimento de penas, para prisões, para albergues que, nem sempre, nos interessam.

Eu, ontem, assisti – vou fazer merchandising, aqui, da Globo – o Fantástico, e o Fantástico mostrava o tratamento que jovens estão tendo na Febem e como é a vida das pessoas. E eu fico imaginando se seria possível



esses jovens estarem onde estão agora se, em algum momento de suas vidas, eles tivessem tido a chance de ter um pouco mais de cuidado por parte do Estado, tivessem um pouco mais de cuidado por parte da própria família, e se tivessem tido a oportunidade de estudar como vocês estão tendo.

Eu acho que não é possível resolvermos todos os problemas desses jovens brasileiros apenas com a educação. A educação é uma parte fundamental e necessária, mas eu fico imaginando se nós não teríamos que ter uma política para descobrir concretamente o que leva esse jovem a abandonar a família, a abandonar o seu lar, pai, mãe, irmãos, e se tornar um pequeno delinqüente. Possivelmente nós estejamos tentando puni-lo por um crime que ele cometeu ou por um pequeno delito sem antes descobrir qual foi o delito que se cometeu contra esse jovem na idade em que ele mais precisava de alguma coisa e, quem sabe, precisava da família, quem sabe precisava da orientação correta, quem sabe precisava de uma escola de qualidade, quem sabe precisava das oportunidades que, nem sempre, estão à disposição de todo mundo.

Preocupados com isso, nós criamos, no ano passado, a Secretaria da Juventude para que pudéssemos fazer com que a juventude brasileira tivesse um espaço para criar, elaborar e concretizar as políticas para a juventude. Preocupados com isso, nós fizemos as Olimpíadas da Matemática, que foram um sucesso tão extraordinário que agora vamos ter que criar Olimpíadas do Português, quem sabe amanhã, de Geografia, quem sabe amanhã, vamos criar Olimpíadas para todas as matérias, porque a quantidade de crianças que se inscreveram demonstra que... Dê uma oportunidade, as pessoas estão tão necessitadas que pegarão com as duas mãos.

Pensando nisso, vocês estão acompanhando o que está acontecendo na universidade brasileira. No final do ano passado, preocupado com a necessidade de preencher vagas nas universidades, e porque não tinha todas as universidades que as pessoas queriam, nós fizemos um convênio com



universidades particulares, abrimos mão de alguns impostos que elas tinham que pagar para o governo, transformamos essa quantia devida como impostos em bolsas de estudo e, em fevereiro deste ano, nós tínhamos 112 mil novos alunos nas universidades públicas. Este ano, possivelmente, tenhamos outra vez mais 100, 112 mil alunos, concretizando praticamente 240 mil jovens, que não teriam nenhuma oportunidade de entrar na escola, porque não teriam o dinheiro para pagar, e vão poder estudar.

Além disso, eu faço questão de repetir sempre, nós, ainda este ano, já anunciamos publicamente, já lançamos a pedra fundamental em vários lugares, nós estamos criando quatro universidades federais novas, estamos transformando cinco universidades, cinco faculdades existentes em cinco novas universidades, e estamos criando 27 campi para que a gente possa fazer extensão das universidades federais, que estão nas capitais, para o interior do nosso país.

Além disso, já decidimos a construção de mais 32 escolas técnicas para que a gente possa melhor formar o nosso jovem. E, além disso, nós temos o projeto mais importante no Congresso Nacional, já está lá há alguns meses, e estou torcendo, pedindo para vocês – se conhecerem deputados – telefonarem e pedirem o apoio, porque nós precisamos aprovar o Fundeb, porque o Fundeb é a possibilidade de nós garantirmos, definitivamente, a melhoria da educação para o ensino fundamental brasileiro. Esta é uma condição básica porque serão colocados 4 bilhões e 300 milhões a mais na educação. Se for aprovado este ano, o relator do orçamento já tem que colocar no orçamento do ano que vem mais 1 bilhão e 300 milhões. E se não for aprovado, não vai ter no orçamento, portanto, não começa o Fundeb.

Com isso, nós estamos apenas querendo afirmar para o povo brasileiro e, aqui, afirmar para vocês: não haverá muitas possibilidades para o Brasil dar o salto de qualidade que precisa dar na sua relação internacional, na melhoria da qualidade de vida das pessoas, na melhoria profissional de cada um dos



180 milhões de brasileiros, se nós não fizermos uma revolução na educação brasileira, garantindo a todos um ensino de qualidade, um ensino que permita que os alunos de qualquer escola do Brasil possam competir com alunos de qualquer escola do mundo. Nós temos inteligência, nós temos criatividade, nós temos educadores, portanto, nós estamos dando, definitivamente, o pontapé. Queremos que essas coisas sejam aprovadas porque, a partir daí, nós não vamos poder dizer que falta mais dinheiro, nós não vamos poder dizer que não tem o programa, e vai depender muito da nossa capacidade de executar aquilo que nós queremos fazer.

Se eu entrei aqui neste salão para entregar o Prêmio, com dúvidas de que nós poderíamos não dar conta de todas as necessidades para a educação, depois da entrega do Prêmio, eu sou obrigado a dizer que um país que tem jovens cientistas da qualidade dessas meninas que receberam o Prêmio, e da qualidade desses jovens, não há por que a gente não acreditar que, definitivamente, o século XXI será o século do nosso país.

Muito obrigado e boa sorte.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço
oferecido pelo Presidente da Colômbia, Álvaro Uribe**

Bogotá-Colômbia, 14 de dezembro de 2005

Excelentíssimo senhor Álvaro Uribe, presidente da República da Colômbia,

Senhor Julio Galhardo, presidente da Câmara de Representantes,

Senhores presidentes das Altas Cortes da Colômbia,

Senhora Carolina Barco, ministra das Relações Exteriores da República da Colômbia,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, ministro interino das Relações Exteriores,

Senhoras e senhores ministros de estado da Colômbia e do Brasil,

Senhor embaixador Mário Galofre, embaixador da Colômbia em Brasília,

Senhor embaixador Júlio César Gomes dos Santos, embaixador do Brasil em Bogotá,

Senhores embaixadores dos países da América do Sul,

Senhores embaixadores em Bogotá dos países da Comunidade Andina,

Senhoras e senhores integrantes da comitiva da Colômbia e do Brasil,

Meu caro, permita-me chamá-lo, Luis Eduardo Garzón, prefeito de Bogotá,

Meus amigos e minhas amigas,

É com grande alegria que retorno à Colômbia. Aqui sou recebido com o carinho natural dos povos que ousam conhecer-se melhor e a compartilhar



uma mesma visão.

Nos encontros que mantive com o presidente Uribe, nos comprometemos a desenvolver uma relação política, comercial e cultural à altura de nossos países e das expectativas de nossas sociedades.

Esta é minha terceira visita à Colômbia como Presidente da República. Tive a satisfação de receber Vossa Excelência igual número de vezes no Brasil.

Nossos países não estão mais de costas um para o outro. Estamos voltados para um futuro comum, olhando para um horizonte mais real e próximo de realizações.

Meu caro presidente Uribe,

Colômbia e Brasil compartilham valores e aspirações que nos aproximam. Almejamos um mundo multipolar, livre das ameaças do terrorismo, que condenamos enfaticamente, e dos flagelos da guerra. Lutamos por uma ordem internacional sem assimetrias e solidária na busca da prosperidade coletiva e da dignidade individual.

Na América do Sul, esses princípios se traduzem na determinação de unir esforços para erradicar a pobreza e as injustiças que condenaram, por tanto tempo, nossos países ao atraso.

Aos esquecidos e marginalizados, devemos oferecer nosso compromisso com políticas de inclusão social. Aos que se sentem tentados a recorrer às armas para expressar sua frustração e desesperança, devemos responder com mais democracia, mais participação e mais justiça social.

A sociedade colombiana tem sabido enfrentar, de forma equilibrada, o desafio de fazer a democracia prevalecer sobre a intolerância e a violência irracional. Partilhamos a determinação de Vossa Excelência de lutar contra soluções autoritárias que se alimentam do temor, do ódio e do preconceito. O Brasil, assim como a Colômbia, condena toda forma de abuso da força, que ignora os direitos humanos e atinge, sobretudo, os vulneráveis e inocentes.



Reafirmo: sempre que solicitados pelo governo colombiano, estaremos prontos a nos associar a iniciativas voltadas para restaurar a convivência entre todos os colombianos. Estamos analisando como melhor colaborar com a missão da OEA de apoio ao processo de paz e a outras iniciativas que surjam. Com o mesmo objetivo, o governo brasileiro tem se empenhado para assegurar que nossa fronteira comum não seja santuário nem conduto para ações ilícitas. Em nosso continente, não daremos espaço para o recurso gratuito à força nem para a ação impune de redes criminosas.

Senhor Presidente,

Colômbia e Brasil são países mega-diversos, que têm a responsabilidade de unir esforços para melhor conhecer, proteger e desenvolver nosso patrimônio amazônico. É combatendo os males da pobreza, do analfabetismo e das epidemias que poderemos conter o avanço da degradação ambiental, do narcotráfico e da violência urbana.

Nossas Forças Armadas estão na vanguarda desse esforço, realizando operações conjuntas de combate ao crime organizado transnacional. Com o auxílio do SIVAM, a Operação Cobra resguarda nossas fronteiras, com vigor e inteligência. Foi com igual determinação que criamos a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica.

Em sintonia com nossos vizinhos, vamos transformar nossa vasta fronteira em um espaço de cooperação e desenvolvimento integrado. Foi dentro desse espírito que realizamos valiosa experiência de coordenação de alto nível, neste ano, com a participação da Venezuela. Podemos e devemos repetir esse exercício trilateral, a fim de buscar respostas a nossos desafios comuns.

Meu caro presidente Uribe,

Colômbia e Brasil nunca estiveram tão irmanados. As relações econômicas e comerciais se intensificam. Os projetos de integração começam a materializar-se. Estamos engajados em fortalecer a cooperação em setores



estratégicos, como o aeronáutico e de energia. Saudamos, neste particular, o aparelhamento da Força Aérea Colombiana com aeronaves brasileiras Super-Tucano.

Apostamos, também, no enorme potencial da associação entre a Petrobras e a Ecopetrol nas áreas de exploração de petróleo e gás, e na distribuição de seus derivados. Os combustíveis renováveis oferecem oportunidade única para transformamos nossa riqueza natural em fonte de energia sustentável e modelo de sinergia entre países amazônicos.

Na área econômica, nossos países estão colhendo os frutos de políticas consistentes e responsáveis. O crescimento econômico, o saneamento das contas públicas, a melhoria do marco regulatório e a redução da vulnerabilidade externa nos permitirão ampliar, ainda mais, nossas parcerias. Os resultados já são visíveis na retomada de nosso intercâmbio bilateral, que superou um bilhão de dólares em 2004. Respondemos, assim, àqueles que consideravam que nossas economias não eram complementares.

Agora que ratificamos o Acordo CAN-Mercosul, podemos superar em muito esta marca. Estamos empenhados em que o crescimento das trocas se dê de forma equilibrada e vantajosa para ambos os lados. A Rodada de Negócios Brasil-Colômbia realizada em junho passado, em Bogotá, com a participação do ministro Celso Amorim, confirmou nossas melhores expectativas. Crescem os investimentos brasileiros na Colômbia, reflexo de sua posição estratégica no projeto de integração sul-americana e da porta privilegiada que oferece para a aproximação com a América Central e o Caribe.

Por essas razões, o Brasil deseja engajar-se na implementação de importantes projetos de infra-estrutura física no país. Estamos estudando a contribuição do Brasil e de suas empresas para viabilizar projetos prioritários.

Senhor Presidente,

Estas iniciativas bilaterais reforçam a Comunidade Sul-Americana de



Nações que estamos construindo. Esta é a melhor resposta que podemos dar ao desafio da globalização. O convite inédito de Vossa Excelência, para que participasse da Cúpula da Comunidade Andina, em Antióquia, em 2003, confirmou essa visão que nos inspira.

Vejo, com satisfação, que a Colômbia olha para o nosso continente com otimismo e confiança em seu futuro comum. Somos inspirados a seguir o caminho que foi aberto por nossos próceres. Eles conquistaram a autodeterminação pela união de esforços, juntaram forças para construir uma nova pátria americana. A batalha de Boyacá é um marco decisivo nesse processo. Culminou uma longa luta, decidida pela tenacidade, coragem e confiança de homens e mulheres que acreditavam num ideal maior. A visão de um continente forjado por vários valores e realizações comuns permanece. Cumpre-nos completar a obra iniciada por heróis a quem não faltou visão, nem coragem.

É com esse espírito, que agradeço, de todo coração, a honrosa distinção da “Ordem de Boyacá”. Ela representa os ideais mais caros da luta de nossos povos pela liberdade política e pela solidariedade continental. E, hoje, simboliza os sentimentos mais sagrados que inspiram uma amizade indissolúvel, entre colombianos e brasileiros.

Meu caro presidente Uribe,

Eu queria, antes de deixar este Palácio, e prosseguir na minha visita à Colômbia, dizer ao presidente Uribe, dizer primeiro ao Prefeito de Bogotá, aos ministros, embaixadores e dirigentes da Colômbia, a única possibilidade que temos de consolidar a integração da América do Sul. Primeiro, temos que acreditar na democracia como o único instrumento capaz de permitir que avancemos a democracia, a relação internacional na diversidade, sem hegemonias de um país sobre o outro, independentemente do tamanho, da grandeza da sua indústria ou do tamanho do seu PIB. A palavra hegemonia



tem que ser abolida e colocar no seu lugar a palavra parceria.

Segundo, há muitos séculos não faltaram líderes em nosso Continente, que falassem em integração. No século XXI, muitos dirigentes, dos quais Vossa Excelência faz parte, descobriram que a palavra integração, ela tem que combinar a sua força teórica com a sua força prática.

A integração política não será resolvida se não tivermos integração cultural e não será resolvida se não tivermos a integração comercial, mas nada disso será resolvido se não tivermos a integração política do nosso Continente, com rodovias, ferrovias, hidrovias, telecomunicações, energia, porque é isso que pode permitir o trânsito do que produzimos. É isso que pode fazer com que a nossa gente possa, livremente, não ser dividida por fronteiras, viver como se estivesse num único Continente, onde o único obstáculo e o único objetivo são vencer a pobreza e ganhar a cidadania para os mais de 350 milhões de (inaudível).

Eu estou convencido, presidente Uribe, de que o seu mandato termina no próximo ano, o meu termina no próximo ano, e o de outros vários presidentes. Muitas vezes, como eu, o presidente Uribe deve chegar de uma reunião cansativa, depois de ouvir muitos discursos e, muitas vezes, se perguntar: valeu a pena? Quantas horas de vôo, quantas horas de discursos, e eu volto ao meu país e não levo nada de novo. Esse desespero, certamente, já tomou conta de cada um de nós que passamos pela Presidência de um país.

E eu queria lhe dizer, presidente Uribe, de que certamente nós não conquistamos tudo o que precisamos conquistar, não fizemos ainda tudo o que precisamos fazer, mas se nós analisarmos, ao longo da história da América do Sul, nós vamos perceber que avançamos, em poucos anos, aquilo que poderia ter sido avançado há 20 ou 30 anos atrás. Avançamos muito. Criamos novos conselhos; criamos uma relação de integração que permitiu à Colômbia não ter mais medo do Brasil, e que o Brasil não tenha mais medo da Colômbia; que permitiu com que Argentina e Brasil não se vissem como adversários, mas se



vissem como parceiros; que permitiu a compreensão de que a América do Sul só será justamente desenvolvida, socialmente justa, quando os países mais ricos ajudarem os países mais pobres.

É por isso que eu sou um inveterado otimista, muito otimista. Eu, cada vez que participo de uma reunião, eu estou convencido que nós produzimos um passo a mais. Não temos mais vergonha de dizer que somos da América do Sul. Não temos mais vergonha de dizer que somos de países emergentes. Não temos mais vergonha de dizer que temos condições de competir comercialmente com os países mais ricos.

E hoje, orgulhosamente, eu posso dizer ao presidente Uribe que, em pouco tempo, nós conseguimos fazer com que a América do Sul fosse a maior força da balança comercial brasileira, na frente dos Estados Unidos e também da União Européia, porque nós acreditamos em nós. Acreditamos, e acreditamos que a política de comércio exterior tem que ser mais justa.

O Brasil não pode ter um superávit de 900 milhões de dólares na Colômbia, o Brasil não pode ter superávit de 1 bilhão e meio de dólares na Venezuela. Então, temos que equilibrar porque todos nós precisamos vender e todos nós precisamos comprar.

Esse equilíbrio é que vai permitir que a gente possa ter forças para que nossas economias cresçam, e para que a gente possa, nas negociações com os países mais ricos, ter uma conquista para garantir que os países emergentes aproveitem o século XXI para fazer o que a Europa fez no século XIX, os Estados Unidos no século XX, se nós não acreditarmos que o século XXI será o século da América do Sul e da América Latina, será o século da África, se nós não acreditarmos, se ficarmos achando que um belo dia vai aparecer o presidente de um país, nos oferecendo todas as vantagens do mundo, sem que a gente decida, estrategicamente, o que nós queremos para o nosso país daqui a 10 ou 20 anos, nós correremos o risco de passar mais um



século sendo a esperança da humanidade, sendo país emergente e sendo uma grande maioria de gente pobre.

Eu, quando sair da Colômbia, hoje, saio convencido de que demos mais um passo, mas um passo importante, para dizer alto e firme, se nós consolidarmos a nossa integração, independentemente de quem venha depois de nós ou de quem venha daqui a 15 ou 20 anos, se o processo estiver consolidado, a América do Sul caminhará para frente. Se não consolidarmos isso, e elegermos dirigentes que não pensam além do seu umbigo, e comecem a ver nos seus vizinhos os piores inimigos, nós repassaremos mais uma geração de desenvolvimento no nosso continente.

Por isso, presidente Uribe e companheiros, eu queria que levantassem a taça para um brinde ao presidente Uribe que, todas as vezes em que participou de uma reunião da qual eu participei, teve a integração como uma força motora para tocar as suas idéias.

Meus parabéns, Presidente.



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita de Estado à Colômbia

Bogotá-Colômbia, 14 de dezembro de 2005

Eu tenho, Presidente, muito orgulho, um orgulho profundo das coisas que estamos fazendo e das coisas que estamos colhendo.

Ontem eu saí do Brasil e tinha acertado com o meu ministro da Fazenda que nós iríamos fazer mais um gesto da nossa seriedade no trato das questões econômicas e das finanças brasileiras. No ano passado, sem que ninguém soubesse, sem nenhum alarde, sem nenhum barulho, o Brasil não assinou um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional. Não precisávamos assinar acordo. Estávamos com uma situação boa, tanto na nossa balança comercial quanto na nossa reserva.

E ontem tomamos uma outra decisão importante: devolver ao FMI um dinheiro que o governo anterior ao meu tinha tomado emprestado, e que nós não precisávamos dele. Decidimos, então, devolver ao Fundo Monetário Internacional 14 bilhões de dólares que estavam previstos ser devolvidos em 2007, ou seja, não tínhamos por que ficar com o dinheiro, pagando interesses, sem necessitar utilizar o dinheiro porque as nossas reservas, hoje, são da ordem de 51 bilhões de dólares.

Então, eu saí do Brasil com esta boa notícia. Chego na Colômbia, desço no aeroporto, chego no hotel, tenho uma boa notícia. Primeiro, que uma parte da guerrilha colombiana está fazendo negociações com o governo colombiano para tentar fazer uma política de paz. E, ao mesmo tempo, soube do seu pronunciamento, aceitando uma proposta da França, da Suíça e de outros



países, de uma negociação com as FARC. Eu sei que Vossa Excelência já disse que está disposto a aceitar a proposta e, de acordo com a proposta negociada, as FARC ainda não responderam, mas certamente a sua posição é sábia porque, como presidente da República, tem mais responsabilidade, representa a totalidade do povo colombiano e, se tem uma coisa que o povo de qualquer país precisa, é de paz. De paz para estudar, de paz para trabalhar, de paz para progredir na vida.

E, ainda hoje, tive uma notícia boa, porque o fuso horário, com uma diferença de três horas, me permitiu assistir a um jogo de futebol de um time brasileiro com um time da Arábia Saudita, para disputar a Copa Toyota. Embora não seja o meu clube de futebol, é o clube do meu neto e do meu Ministro da Justiça, então eu torci para que o São Paulo ganhasse da Arábia Saudita.

E, com base nessas três notícias boas, nós começamos o nosso dia de trabalho. E, para mim foi gratificante poder estar, pela primeira vez, em uma visita de Estado à Colômbia, visitando o Palácio do governo colombiano, visitando a Prefeitura de Bogotá, governada por um grande amigo meu, do movimento sindical colombiano e, muito mais ainda, pelos acordos que nós fizemos. Não vou repetir o que Vossa Excelência já disse, mas quero reafirmar a determinação do Brasil de trabalhar de forma incansável para que a integração física entre a América do Sul se transforme em realidade. E, como maior economia do Continente, como país mais industrializado do Continente, como maior do Continente, como país mais industrializado do Continente, como maior PIB do Continente, o Brasil tem mais responsabilidade. E, portanto, o Brasil precisa fazer mais gestos. Porque para nós as estradas, as pontes, as ferrovias, as rodovias, as usinas hidrelétricas e o sistema de telecomunicações que construímos na América do Sul, integrando um ou mais países da América do Sul se reverterão em benefício para quem receber o benefício, para quem investiu na obra e para todos que participam da América do Sul.



Presidente Uribe, faz pouco tempo, quando tomei posse na Presidência da República, que comecei a falar da integração da América do Sul, algumas pessoas mais céticas, ou com a cabeça mais colonizada, estranhavam como é que nós iríamos nos aproximar da América do Sul. E os Estados Unidos, que queriam a Alca a qualquer preço? E a União Européia, que era grande parceiro?

Nós fizemos, nesses três anos, a mais intensa política internacional que o Brasil já teve com todos os continentes. As nossas exportações para a América do Sul cresceram 87%. Hoje, o conjunto da América do Sul representa mais na balança comercial do Brasil do que os Estados Unidos, individualmente, e a União Européia, ou seja, porque nós acreditamos em nós, porque acreditamos que tinha possibilidade de construirmos novas parcerias.

Acabou o tempo em que o empresário colombiano tinha medo do Brasil, que a Argentina tinha preocupação com o Brasil e o Brasil com a Argentina, que a Bolívia via o Brasil como imperialista, que o Equador preferia se aliar a não sei quem, ao invés de se aproximar da Colômbia.

Nós estamos descobrindo que nós queremos relações com o mundo inteiro, não queremos preterir os Estados Unidos, que são um grande parceiro da Colômbia e um grande parceiro do Brasil, não queremos preterir a União Européia, não queremos preterir o Japão. Mas nós queremos dizer ao mundo: quanto mais parceiros tivermos, quanto maior for a nossa relação comercial, mais independência vamos ter e melhores acordos vamos fazer.

E é o que está acontecendo hoje na América do Sul: estamos fortalecendo o Mercosul, já há a união entre CAN e Mercosul, já decidimos fazer o Parlamento do Mercosul. E, se Deus quiser, nós logo teremos o Parlamento da América do Sul. Já estamos construindo, a passos largos, a Comunidade Sul-Americana de Nações. E vamos continuar investindo na ação política, na América do Sul e no mundo inteiro. Porque, hoje, no mundo globalizado, temos brigas, quem não lutar vai ficar atrás.



Nós estamos vendo, agora, em Hong Kong. Nós estamos percebendo que os países ricos, por mais que falem em solidariedade, por mais que falem em humanismo, por mais que falem em comércio justo, naquilo que interessa aos países como Colômbia e como o Brasil, ou países como países africanos, que é uma participação maior no mercado interno deles, com a nossa agricultura, eles não permitem, não pelo valor econômico, pelo valor político.

Então, eu aprendi que nós não podemos esperar, nós temos que criar alternativas. E é isso que estamos fazendo hoje, aqui, com a Colômbia. Além dos projetos ditos pelo companheiro Uribe, nós já temos sinais importantes de empresas brasileiras aqui, na Colômbia. A Avianca foi comprada por uma empresa brasileira, por empresários brasileiros. O Grupo Gerdau, que é um grande grupo siderúrgico, está comprando planta de siderurgia aqui, está investindo 150 milhões de dólares. A Companhia Energética Santa Elisa está fazendo investimentos aqui, no setor de etanol. Nós vamos financiar as carreteras, que a Colômbia tanto precisa, porque isso também significa exportação de serviços, exportação de produtos e possibilidade de crescimento mútuo dos países.

Hoje, na nossa relação comercial, presidente Uribe, o Brasil tem um saldo, favorável ao Brasil, de 1 bilhão de dólares. Eu acho que o Brasil precisa vender mais para a Colômbia, mas eu digo todo dia: nós precisamos comprar mais da Colômbia, porque se não comprarmos mais da Colômbia, a Colômbia não terá mais dinheiro para comprar do Brasil, e o Brasil não terá mais dinheiro para comprar da Colômbia.

Então, a nós, espero que Vossa Excelência saiba que na minha cabeça o comércio internacional justo é aquele bem equilibrado: eu compro 10, vendo 11; eu compro 10, vendo 9 e mantenho a balança de pagamento equilibrada. Um déficit muito forte não é bom, e um superávit muito forte não é bom. O equilíbrio é a arma do sucesso de uma boa política comercial.



Por isso, meu querido presidente Uribe, saio daqui convencido de que em nenhum momento da nossa história estivemos tão próximos. Em nenhum momento da nossa história estivemos tão certos de que estamos construindo a Colômbia e o Brasil para as novas gerações. Cuidando das nossas fronteiras, com os militares brasileiros e militares colombianos; cuidando do narcotráfico com a nossa Polícia Federal e a Polícia Federal colombiana; cuidando do desenvolvimento, com os nossos empresários e empresários colombianos; cuidando da infra-estrutura do Estado brasileiro e do Estado colombiano.

No Brasil, decidimos adotar a língua espanhola como segunda língua. Não estamos exigindo que nenhum país adote, de imediato, a língua portuguesa. Mas nós achamos que ainda estaremos vivos para ouvir qualquer colombiano falar um pouquinho de português, e os portugueses e brasileiros “hablarem um poquito de español”.

Por isso, presidente Uribe, de coração, essa viagem faltava na minha vida, pela beleza de Bogotá, pelo carinho de Bogotá e pela certeza de que mais que um Presidente da Colômbia, Vossa Excelência é Presidente, amigo e companheiro do Brasil.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
visita à Prefeitura de Bogotá**

Bogotá-Colômbia, 14 de dezembro de 2005

Excelentíssimo senhor Luis Eduardo Garzón, prefeito de Bogotá, mais conhecido como companheiro “Lucho”,

Senhores ministros de Estado que acompanham a minha delegação,

Senhores embaixadores,

Senhores secretários da prefeitura de Bogotá,

Meus amigos e minhas amigas,

É com grande alegria que recebo a chave desta cidade tão rica em história e generosa em calor humano. Bogotá é obra de um povo que se inspirou no ideal maior da pátria americana para forjar sua nação. É, portanto, com justiça que seus moradores a consideram o coração de nosso hemisfério, não só por sua localização geográfica mas, sobretudo, por seu papel decisivo na luta pela liberdade no Novo Mundo.

Há muito, esta cidade desperta a admiração e a curiosidade de nós, brasileiros. No século XIX, um compatriota meu, Miguel Maria Lisboa, escreveu uma das mais inspiradas descrições de Bogotá, suas ruas e sua gente. Hoje, pelas mãos de um excelente guia e velho companheiro, vim conhecer esta capital e admirar suas conquistas. Basta caminhar pelas ruas de Bogotá para constatar que a administração de “Lucho” coloca o cidadão em primeiro lugar e o bem-estar coletivo como prioridade.

O Brasil se orgulha de colaborar para esses avanços. Os corredores de



transporte “Transmilênio” são fruto de parceria com cidades brasileiras para soluções urbanísticas inovadoras. Por meio do Programa de Transferência de Tecnologia para a Reciclagem de Resíduos Sólidos, para dar outro exemplo, estamos ajudando a devolver a qualidade de vida a milhões e dando emprego e dignidade a milhares de outros.

Companheiro “Lucho”, é com profunda emoção que recordo de nossa trajetória comum e das lutas que compartilhamos no movimento sindical. Você, no comando da Central Unitária dos Trabalhadores, e eu, à frente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Juntos, conhecemos percalços e vitórias nas batalhas em defesa dos direitos dos trabalhadores.

Agora, em cargos de grande responsabilidade, renovamos nosso compromisso histórico de lutar pelos direitos dos nossos concidadãos. Em nosso continente, a voz das urnas vem trazendo uma mensagem de esperança, de promessa de mudanças. Recebemos um mandato para encontrar respostas às aspirações daqueles que lutaram pela democracia plena: social, econômica e política. O desenvolvimento sustentável de nossas sociedades passa pela adoção de políticas de inclusão social. A distribuição mais equitativa da riqueza nacional é o verdadeiro motor da modernização.

A prefeitura de Bogotá está firmemente engajada nessa campanha. São conhecidas suas iniciativas para derrotar a fome e a pobreza e diminuir a violência urbana e suas causas. O Programa “Bogotá Sin Hambre” nasceu com a mesma convicção que orienta meu governo. Sabemos que o fim da exclusão social e a restauração do direito a uma vida e emprego dignos são os alicerces de qualquer programa de real transformação de nossas sociedades.

As realizações de Bogotá são um modelo para a Colômbia e uma inspiração para todo o continente. Seu empenho à frente da Prefeitura de Bogotá para despertar um compromisso ético com a solidariedade em todas as esferas da sociedade civil, do governo e do empresariado, reflete a convicção de que essa é uma tarefa de todos.



É com a mesma certeza que você vêm estimulando um amplo diálogo de todas as correntes políticas colombianas no caminho da reconciliação nacional. Venho a Bogotá transmitir uma mensagem de amizade e de solidariedade dos brasileiros a todos os bogotanos e colombianos. Quero reiterar que a Colômbia tem no Brasil um parceiro disposto a aprofundar, cada vez mais, uma relação que ainda tem muito para oferecer.

Nossa parceria nasce de um ideal compartilhado: o de uma América do Sul próspera, pacífica, estável e coesa. É uma honra receber a chave da cidade de Bogotá, metrópole que sempre soube superar adversidades e renovar-se. Não é por acaso que, antes de ser conhecida como Santa Fé de Bogotá, já foi chamada de Nossa Senhora da Esperança. Sob a liderança do meu amigo “Lucho”, a esperança continua a ser a marca desta cidade.

Sob o lema “Bogotá sem indiferença”, renasce a confiança de que os bogotanos estão reencontrando o caminho da solidariedade que inspirou seus momentos mais gloriosos. Agradeço o carinho com que fui recebido e faço votos para que meu amigo “Lucho” continue tendo êxito à frente dos destinos desta cidade e siga angariando conquistas.

Poderá contar sempre com o nosso apoio em sua luta, que é minha também, para que se torne realidade a esperança dos nossos cidadãos por mais justiça, paz e prosperidade.

Meu amigo “Lucho”, quero terminar reafirmando uma coisa: quando um sindicalista passa para a política e ganha o governo de um estado ou de um país, a responsabilidade colocada em suas costas, certamente é maior do que a de qualquer outro político. Por uma única razão: porque passamos grande parte da nossa vida fazendo pauta de reivindicação e cobrando dos governantes que fizessem aquilo que entendíamos ser correto.

Eu acho extremamente confortante a nossa experiência no governo, porque nós temos que provar que seríamos capazes e, se estamos sendo capazes de fazer, enquanto governo, aquilo que achávamos que os outros



deveriam fazer, a luta é muito dura, muito difícil. Primeiro porque enfrentamos muitos tipos de preconceitos, depois, uma surpresa agradável, muita gente de quem não esperávamos apoio também nos apóiam e, na semana passada, no Brasil, houve o resultado de um estudo, feito pelo centro mais importante de pesquisa sobre a vida do povo brasileiro, que é o IBGE. Dentro do IBGE, eles têm uma pesquisa de amostra domiciliar. É a mais profunda pesquisa feita no Brasil sobre indicadores sociais e que confirmou aquilo em que nós acreditávamos. Todos os indicadores sociais melhoraram, todos, sem distinção. Isso, porque foi estudado apenas 2003 e 2004. Eu espero o resultado no final do meu mandato.

Para vocês terem consciência, eu fui um dirigente sindical razoável no Brasil, por ausência de outro, eu até me tornei muito importante. Em nenhum momento da minha passagem pela vida do sindicalismo brasileiro, nós geramos a quantidade de empregos que geramos nesses 36 meses. Há mais de 20 anos que o movimento sindical brasileiro não conseguia fazer acordos acima da inflação, com ganho real de salários.

Este ano, 75% dos acordos salariais foram com ganhos acima da inflação, numa demonstração de que ainda temos muito o que fazer, afinal de contas, não consertaremos séculos de erros com um mandato de quatro anos. Mas certamente estamos escolhendo a pedra correta, a terra correta e o cimento correto para mostrar que é possível edificar uma América do Sul e uma América Latina mais desenvolvida, mais próspera, com mais justiça social, onde a gente pobre não tem sindicato, não tem ONG, não tem partido político, não tem organização nenhuma, apenas a crença em si mesma e a sua fé em Deus. Vejam os governos, os atuais e os futuros, deixando apenas de governar para a chamada sociedade organizada, para governar para aqueles que apenas tinham o direito de gritar que estavam com *hambre*, mas não tinham o direito de comer.



No dia 23 de dezembro estarei na cidade de Osasco, em São Paulo, entregando um cartão do programa Bolsa Família, que faz parte do programa Fome Zero. Estarei entregando o cartão de número 8 milhões e 700 mil famílias que passaram a conquistar o direito de dizer a nós, governantes: “finalmente alguém se lembrou que eu existo depois das eleições”.

Meus parabéns companheiro “Lucho”, e que tenha sucesso na sua administração.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita
ao Congresso Nacional da Colômbia**

Bogotá-Colômbia, 14 de dezembro de 2005

Excelentíssima senadora Cláudia Blum, presidente do Congresso Nacional da República da Colômbia,

Excelentíssimo representante, Julio Galhardo, presidente da Câmara de Representantes da República da Colômbia,

Ministros que me acompanham nesta viagem,

Senhores embaixadores, Mario Galofre, da Colômbia, em Brasília, e Júlio Cesar Gomes, embaixador do Brasil em Bogotá,

Senhoras e senhores senadores, representantes do Congresso Nacional,

Meus amigos e minhas amigas,

Com grande satisfação venho a este Congresso Nacional onde as ricas tradições da democracia colombiana são cultivadas e renovadas. Desejo todo o êxito à senadora Cláudia Blum à frente desta Casa. Estou certo de que conduzirá os trabalhos deste Parlamento inspirada pelos valores democráticos que pautam a vida do povo colombiano.

Como deputado, aprendi a valorizar a contribuição do debate parlamentar para a construção do consenso republicano que molda o destino de nossos povos. Quero destacar o papel do Poder Legislativo colombiano em garantir que o diálogo democrático e o respeito aos direitos cidadãos



prevaleçam em todos os momentos, diante de todos os desafios. A forma soberana com que a sociedade colombiana tem respondido ao desafio da intolerância e da violência é inspiração para todo o nosso continente. A implementação da lei “Justicia Y Paz” será um marco decisivo na construção de uma sociedade justa, transparente e durável.

Senhoras e Senhores congressistas,

Os parlamentos da América do Sul são chamados a engajar-se nesse desafio. Há poucos dias o Congresso colombiano ratificou o Acordo CAN-Mercosul. Essa decisão constitui importante passo na formulação de respostas a problemas comuns.

A agenda de projetos e articulações que estamos construindo na Comunidade Sul-americana de Nações abre caminho para um continente unido na luta pelo desenvolvimento com inclusão social. A criação de um espaço regional integrado é nossa resposta a uma globalização que exige clareza de propósito e coesão para competir em um mercado sem fronteiras e, muitas vezes, sem regras. Somente assim poderemos transformar nossa vizinhança geográfica e nossas afinidades culturais em vantagens comparativas.

Ao mesmo tempo, não podemos deixar que o espaço integrado que estamos consolidando, nos deixe vulneráveis às redes criminosas transnacionais, que são uma das faces perniciosas da globalização. A recente aprovação por este Congresso de legislação de combate à lavagem de dinheiro sinaliza o compromisso da sociedade colombiana na luta contra o narcotráfico e as atividades ilícitas.

É com muita alegria que recebo a “Ordem do Congresso da República da Colômbia”, que considero uma homenagem a todo o povo brasileiro. É em nome de nosso povo que afirmo o compromisso do Brasil de se unir às aspirações que ecoam neste recinto por paz, justiça social e prosperidade na vida da nação colombiana.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço
com oficiais generais**

Brasília-DF, 15 de dezembro de 2005

Meu caro José Alencar, vice-presidente da República e ministro da
Defesa,

Meu caro General-de-Exército Jorge Armando Félix, ministro-chefe do
Gabinete de Segurança Institucional,

Almirante-de-Esquadra Roberto de Guimarães Carvalho, comandante da
Marinha,

General-de-Exército Francisco Roberto de Albuquerque, comandante do
Exército,

Tenente-Brigadeiro-do-Ar Luiz Carlos da Silva Bueno, comandante da
Aeronáutica,

Senhores oficiais generais,

Meus amigos e minhas amigas,

Integrantes das Forças Armadas,

Companheiros e companheiras,

Eu não vou ler o discurso.

Hoje, neste almoço, já estamos comemorando o terceiro ano
consecutivo em que aqui almoçamos e fazemos discursos: o Presidente da
República e, anualmente, um general, representando as Forças Armadas. A
novidade foi o José Alencar falar aqui.

Resolvi ter uma conversa um pouco mais cordial, mais amigável e mais de
coração do que da razão porque nos discursos por escrito, normalmente, a
gente repete as coisas que vocês, nos estados em que estão trabalhando, nas



idades em que estão trabalhando, já leram em algum momento. Eu acabei de fazer um discurso para os novos oficiais gerais, faz, acho, uma semana. E ali eu já retratava a importância das Forças Armadas e o papel social das Forças Armadas no nosso país.

Eu queria dizer para vocês que o Brasil está vivendo um momento, eu diria, extremamente importante e um momento decisivo para o futuro do país que nós queremos construir. O Brasil está vivendo um momento de democracia elevada às suas últimas conseqüências.

Nesses três anos de governo, em nenhum momento, nem o Presidente da República, nem o Vice-Presidente da República, não fizemos qualquer intervenção em qualquer debate que pudesse cercear o debate político nacional.

Nesses seis meses, estamos enfrentando uma saraivada de críticas, de acusações e de infâmias, e nós discutimos sempre que o papel nosso não é dizer se quem está acusando está errado ou está certo, mas nós achamos que tudo que for levantado, de acusação, que seja apurado. E a apuração é o maior atestado de idoneidade que uma pessoa séria e honesta deseja que aconteça na sua vida. Não tem nada pior do que você tentar evitar a apuração, não tem nada pior do que você tentar criar problemas para que as instituições funcionem corretamente bem. Se alguns imaginaram que o Presidente da República iria tomar atitudes que pudessem cercear qualquer investigação, para se fazerem de vítimas, não haverá vítima por falta de investigação. Que se investigue tudo, porque eu acho que o Brasil está precisando disso. Aquilo que for verdade vai aparecer como verdade, aquilo que for mentira, vai aparecer como mentira, e um belo dia o povo brasileiro saberá fazer juízo de valor.

Eu poderia dizer que é uma infâmia o que fizeram com o nosso Vice-Presidente da República esta semana. É mais do que uma infâmia, é tentar passar para a sociedade a idéia de que ele não é o que ele é. Eu fiz questão de



dizer para a televisão: a Coteminas, como qualquer empresa brasileira, tem direitos de ter acesso aos créditos que todas as empresas têm, nas mesmas bases que todas as empresas têm, sem que isso signifique um único favor, mas signifique direitos, direitos em legislação aprovada pelo Congresso Nacional, direito em normatização feita pelo BNDES, direito em normatização feita pelo Ministério da Fazenda.

Portanto, a idéia de tentar passar que o José Alencar, a empresa dele é favorecida é, no mínimo, uma infâmia. O homem que construiu a história que o José Alencar construiu merecia, mesmo daqueles que se consideram inimigos dele, respeito, porque o Brasil não produz pessoas dessa magnitude todo ano, todo século ou toda década.

É importante que a gente tenha clareza das coisas que acontecem no país para que a gente não misture tudo num único balaio e depois colha, como resultado, coisas negativas para o nosso país. Quero aproveitar, José, para dizer que eu fiquei indignado. Quando a ofensa é pessoal, elas ofendem menos, muito menos do que quando ofendem um companheiro.

Bem, estou dizendo isso para situar vocês em função do momento político que estamos vivendo. Eu dizia, no começo, que o Brasil vive um momento de muita, mas de muita possibilidade futura, como há muito tempo nós não vivíamos. A integração da América do Sul hoje, é um fato consolidado. Eu penso que nenhum oficial-general neste país tem dúvida de que a integração na América do Sul está se dando de uma forma tão extraordinária que a palavra hegemonia saiu do nosso dicionário. Nós queremos construir uma integração na América do Sul além da retórica secularmente feita desde José Matín a Bolívar e a tantos, outros para coisas práticas e coisas reais.

Dizia uma senhora do BNDES, do Ministério da Indústria e Comércio, outro dia, para mim: “Presidente, o senhor pode ter orgulho porque o BNDES está fazendo a integração que a espada de Simon Bolívar não conseguiu fazer”. E por quê? Porque terminaremos este ano com pelo menos um projeto



de infra-estrutura financiado pelo BNDES ou pelo Proex, exportando engenharia brasileira, exportando conhecimento brasileiro, exportando produção de máquinas, equipamentos e peças brasileiras, criando a integração, como por exemplo, a segunda ponte sob o rio Paraná, a Interoceânica, e a primeira pontezinha, em que só passa um carro de cada vez, entre Brasília e Bolívia.

Estamos fazendo isso porque acreditamos que o Brasil tem dimensão geográfica, tem qualidade pessoal, tem capacidade econômica de ter uma relação muito mais forjada na parceria do que na hegemonia, seja tecnológica, militar ou econômica. E posso dizer aos senhores que sou testemunha do carinho e do respeito que os países da América do Sul têm para com as nossas Forças Armadas.

Ouçó sistematicamente, de presidentes da República, ouçó sistematicamente, de ministros da Defesa desses países, a necessidade que eles têm de ter uma integração com as nossas Forças Armadas. Ainda ontem eu dizia ao Albuquerque, dizia ao Bueno, que estive na Colômbia e todo mundo sabe a situação da Colômbia. Finalmente, ontem, a ALN foi negociar com os colombianos e pedir a mediação de Cuba e Suíça, França e Holanda mandaram uma proposta de diálogo com as Farc. Uribe aceitou a proposta. As FARC até ontem à noite não tinham dado a resposta, mas o presidente Uribe disse, no discurso dele, que era imprescindível que os nossos comandantes se reunissem com os comandantes deles para que a gente estabelecesse um aprimoramento da nossa estratégia de controle das nossas fronteiras.

Mais do que isso, nós estamos vivendo um momento em que o Brasil pode, se tiver juízo, se não permitir que a eleição de 2006 permeie as decisões de governo, nós podemos estar consolidando um novo ciclo de crescimento neste país, que seja um ciclo duradouro, que seja um ciclo de 10 anos, de 15 anos ou mais.

Vocês viram pela imprensa ontem que o governo brasileiro tomou a



decisão de devolver ao FMI, 14 bilhões de dólares que tinham sido disponibilizados para o Brasil, no governo anterior, para que a gente pudesse resolver o nosso problema de déficit comercial e o nosso problema do pagamento da nossa balança.

No ano passado, possivelmente sem fazer o barulho que era necessário fazer para que houvesse destaque neste país, nós tomamos uma decisão de não renovarmos o acordo com o FMI. Parecia improvável, parecia impossível que o Brasil, em tão pouco tempo, pudesse tomar uma decisão de não querer repetir o acordo com o FMI. E o que foi *sui generis* nisso? É que o FMI queria que o Brasil continuasse com o acordo, porque era simbolicamente importante dizer ao mundo que o Brasil mantinha um acordo com o FMI. Não fizemos nenhum barulho, rompemos o acordo com o FMI porque não precisávamos mais do FMI. E esta semana tomamos a decisão de devolver um dinheiro em que estávamos pagando juros, que custava mais caro para nós do que o juro que a gente recebia dos nossos depósitos, das nossas reservas no exterior. E devolvemos para dizer ao mundo, para dizer ao mercado: este país tem governo, este país é dono do seu nariz e nós queremos errar e acertar, mas pela nossa própria cabeça, pela nossa consciência, pelas nossas tomadas de posição.

O Brasil, hoje, está consolidado com as suas reservas internacionais, o Brasil está numa situação privilegiada de reservas, portanto, temos como financiar as nossas importações sem precisar de nenhum aporte do Fundo Monetário ou de qualquer outro organismo internacional. E por que isso é importante? Isso é importante porque nós precisamos transformar o ano que vem no ano do crescimento econômico neste país. E a combinação mais perfeita de crescimento econômico com crescimento de distribuição de renda e melhoria da qualidade de vida das pessoas é aquilo que está faltando ao Brasil há muito tempo. Porque, muitas vezes, quando nos queixamos, nós esquecemos ou não queremos nos lembrar que o nosso país vem de 20 anos



de estagnação completa ou de crescimento abaixo da mediocridade.

O Brasil, agora, está pronto para dar o próximo salto de qualidade. Volto a repetir, se o governo não for pequeno e não permitir que as eleições de 2006 façam com que nós cometamos os erros que já foram cometidos em tantos momentos históricos do nosso país em que nós deixamos as oportunidades caírem e ficamos com o prejuízo depois.

Estou dizendo isso porque esta semana eu fiz uma reunião com o Guimarães, com o Bueno e com o Albuquerque, estou dizendo isso para chegar e dizer para vocês que citar e ficar falando dos problemas das Forças Armadas, para quem chegou ao posto que vocês chegaram, depois de 30 anos, 35 anos, 40 anos, 45 anos de serviço prestado, eu não preciso repetir o que vocês já sabem. Mas disse aos três, e com o José Alencar presente, vou dizer para vocês: nós temos que tomar uma decisão, num curto prazo, eu digo “curto prazo” porque o meu mandato termina no dia 31 de dezembro, de que é preciso priorizar a recuperação das Forças Armadas brasileiras.

Possivelmente, não tenhamos mais no Brasil situações em que as pessoas achavam que cada centavo colocado nas Forças Armadas não era necessário, que era melhor gastar em outra coisa. E eu digo sempre, tem três hipóteses de um país ser respeitado no mundo: ou ele tem Forças Armadas altamente capacitadas, formadas, do ponto de vista tecnológico, cultural e científico. Tem que ter Forças Armadas preparadas e, de preferência, tem que ter Forças Armadas que possam produzir grande parte dos seus equipamentos e não é orgulho nem dos generais e nem do mais humilde brasileiro deste país, que uma empresa como a Imbel esteja na situação que está nesses últimos 20 anos, não permitindo que a gente possa sequer fazer a manutenção das coisas que nós um dia já construímos.

Então, eu penso que nós vamos tomar uma decisão de que é preciso dar às Forças Armadas, não o que ela precisa, mas o que o Brasil precisa que ela tenha para ter soberania e fazer a segurança deste país. Nós todos



esperamos que nunca tenhamos um inimigo externo e, se Deus quiser, as Forças Armadas nunca mais vão se preocupar com os inimigos internos, mas a gente tem que estar preparado porque eu digo sempre: policial só tem valor quando aparece o bandido. Policial e Deus são os dois nomes mais agraciados quando a pessoa está no perigo. Pode dizer que é ateu o ano inteiro, mas naquele dia fala: “graças a Deus, oh meu Deus”, apareceu um policial.

Eu quero que as Forças Armadas estejam preparadas, que nunca precisemos delas para uma guerra com o inimigo externo, mas que também saibam o que nós temos que fazer, se precisarmos fazer.

É por isso que nessa reunião eu disse aos três comandantes e ao ministro José Alencar que está na hora de a gente se debruçar em cima das dificuldades históricas, que não são novas, e tentar ver em que prazo, em que medida a gente pode apresentar um programa e dizer: daqui a dez anos, daqui a cinco anos, daqui a 15 anos, a gente vai ter as Forças Armadas no seu melhor padrão ou no padrão em que os 180 milhões de brasileiros precisam que tenham as Forças Armadas, porque eu não acredito que um brasileiro sinta orgulho, ao aparecer um comandante nosso na televisão para dizer que 60% dos navios estão deteriorados, ou aparecer alguém dizendo que metade dos aviões estão “avariados”, ou dizer que os nossos tanques não têm mais manutenção, que o nosso Jeep não funciona ou, mais grave ainda, dizer que não pode contratar 100 mil recrutas porque não tem dinheiro para alimentar essa meninada. Aí, já não é mais dificuldade econômica, aí é falta de definição de prioridades e, isso, nós temos que corrigir urgentemente.

Eu preferi falar de improviso porque no meu script não estavam essas coisas que eu queria falar. E quero dizer aos senhores que qualquer pessoa que passar pelo governo, sairá do governo não apenas reconhecendo, mas sairá do governo agradecida pelos serviços que as Forças Armadas prestam a este país, inclusive na área social, que era importante que muita gente soubesse, porque a crítica é muito fácil fazer, a crítica não exige conhecimento,



a crítica não exige responsabilidade. O reconhecimento exige, sobretudo, humildade e eu sou testemunha que por este país afora a Marinha, a Aeronáutica e o Exército têm prestado serviços de tamanha grandeza que muitos outros órgãos do governo não conseguiram chegar lá, não conseguiram fazer.

Por isso, eu quero dizer que a minha convivência com vocês, nestes três anos, é uma convivência que me permite hoje, neste almoço, não apenas desejar Feliz Natal para vocês, para as esposas de vocês, para os filhos de vocês, mas dizer parabéns pelo grau de consciência, de responsabilidade e nacionalismo que vocês carregam dentro da consciência e dentro da alma de vocês.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Escola Senai de Garanhuns Eurídice Ferreira de Melo – “Dona Lindú”

Garanhuns-PE, 16 de dezembro de 2005

Meu querido companheiro Armando de Queiroz Monteiro Neto, nosso presidente da Confederação Nacional da Indústria, deputado federal e companheiro que tem ajudado muito o nosso governo,

Meu querido companheiro Eduardo Campos, ex-ministro da Ciência e Tecnologia,

Companheiro deputado federal Fernando Ferro,

Deputado federal José Múcio Monteiro, líder do PTB que muito tem nos ajudado,

Deputado federal Luiz Piauhyllino,

Deputado federal Maurício Rands,

O Paulo Rubem Santiago não está aqui,

Meu caro Luiz Carlos de Oliveira, prefeito de Garanhuns,

Vereador Silvado Albino, presidente da Câmara Municipal de Garanhuns,

Meu caro companheiro, ex-ministro da Saúde, Humberto Costa,

Meu caro companheiro, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, do ABC, ex-presidente da CUT e presidente do SESI, Jair Meneguelli,

Meu caro companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Meu caro deputado estadual André Luiz Farias, Guilherme Uchôa, Marcantônio Dourado e Roberto Leandro,



Isaltino Nascimento, deputado estadual,

Senhores prefeitos Audálio Ferreira de Araújo, de Bom Conselho; José Alves de Araújo, de Saloá; José Luiz de Lima Sampaio, nosso querido Zé da Luz, de Caetés; Josealdo Rodrigues Bezerra, de Brejão; Mário da Mota Limeira, prefeito de Riacho das Almas; Samuel Salgado Cavalcanti de Albuquerque, da cidade de Angelim,

Meus queridos companheiros representantes do Serviço Nacional de Aprendizagem do Senai,

Meu caro José Carlos dos Santos,

Empresários,

Vereadores,

Trabalhadores,

Mulheres, homens e crianças de Garanhuns,

Para mim, estar em Garanhuns pela segunda vez em pouco tempo é duplamente motivo de alegria. Primeiro, porque é sempre importante voltar, mesmo que numa viagem muito rápida, para inaugurar alguma coisa ligada à educação e, segundo, pela oportunidade, mesmo que rápida, apenas para algumas fotografias e alguns abraços, de poder rever primos e primas, parentes meus que há tanto tempo eu não via, a não ser nessas oportunidades em que eu posso passar por aqui. Haverá um dia que ainda poderei vir de férias para dormir uma noite aqui e uma noite em Caetés, uma noite em Caetés e uma noite aqui, e passar uma parte da minha vida.

E mais alegria, ainda, poder vir aqui participar da inauguração de uma escola do Senai. O Senai é para mim uma conquista que me deu a luz, que me tirou das trevas e me abriu caminho para uma profissão, para um melhor salário, para uma conscientização política, para o sindicato, para a política e para Presidente da República.



É por isso que eu digo, com muito orgulho, sem nenhuma restrição, que eu devo grande parte do que eu sou à teimosia da minha mãe, que saiu daqui analfabeta, morreu analfabeta, mas fazia um imenso esforço para que cada um dos seus filhos pudesse aprender uma profissão.

Eu morava, Armando, longe do Senai – aqui tem primo meu que conhece onde eu morava, porque moraram lá – mas eu morava a uns seis ou sete quilômetros, ou até um pouco mais, do Senai, e eu trabalhava, aos 14 anos de idade, em uma fábrica de algodão chamada Armazéns Gerais Columbia. Um belo dia chego em casa, minha mãe tinha recebido um recado de um tio meu de que tinha passado em uma fábrica de parafusos, uma fábrica chamada Fábrica de Parafusos Marte, uma empresa pequena que tinha, no máximo, uns 70, 80 trabalhadores, fazia parafusos para estrada de ferro, e tinha uma placa lá pedindo um aluno para mandar para o Senai.

A minha mãe me fez faltar um dia de serviço no Armazém em que eu trabalhava e fomos até a fábrica de parafusos – não esqueço nunca o dono daquela fábrica, um espanhol chamado sr. Miguel, que ainda hoje é vivo, um senhor de 80 e poucos anos de idade – minha mãe conversou com ele, e ele falou: “olhe, se o seu filho passar no Senai – porque tinha o exame – o seu filho poderá ser contratado pela empresa para fazer um curso do Senai”. E lá fomos eu e minha mãe a pé, de onde eu morava, na Vila Carioca, até o Senai do Ipiranga. Lá, fiz um teste, passei, voltei à fábrica e, um mês depois, eu comecei... não, primeiro, eu comecei a trabalhar na fábrica, trabalhei até junho na fábrica e depois eu fui para o Senai. Ficava seis meses na fábrica, seis meses no Senai, até me formar torneiro mecânico.

E eu não seria o que eu sou hoje se não fosse a teimosia de uma mulher que saiu daqui com oito filhos, analfabeta, que chegou em São Paulo e encontrou o marido casado com outra mulher e, ao invés de ficar com raiva e perder a esperança, ela se separou do meu pai e cuidou dos oito filhos, fazendo com que todos aprendessem uma profissão, todos constituíssem suas



famílias, e todos conquistassem o direito de andar de cabeça erguida pelo chão do nosso país.

Então, eu quero agradecer à Câmara de Vereadores, que teve a idéia de propor ao Senai a escolha do nome da minha mãe como nome desta escola, e fico agradecido porque duas coisas fantásticas estão acontecendo no Brasil: nós estamos aprendendo a reconhecer o valor das pessoas, não em função da ascensão social das pessoas ou em função da quantidade de anos de escolaridade que as pessoas têm, mas pelo que as pessoas representam.

Vejam que interessante, um filho da dona Lindú, que não tem diploma universitário, que não faz parte da elite política deste país... agora sou da elite política porque já virei político importante, mas não estava previsto na sociologia brasileira um retirante nordestino, torneiro mecânico, sem diploma universitário chegar a presidente da República. Eu cheguei. E também, certamente, não estava dito em nenhum livro que uma mulher que morreu analfabeta seria o nome de uma escola de formação profissional da qualidade do Senai.

Eu só lamento não ter mais idade para voltar e estudar no Senai com o nome da minha mãe, só lamento. Mas, de qualquer forma, eu vou pedir a Deus, todo santo dia, para que os jovens de Garanhuns e dos 20 municípios que irão se beneficiar desta escola possam fazer, do seu aprendizado, o proveito que eu fiz, porque quando a gente aprende uma profissão, a vida da gente muda completamente. Quando você não tem profissão e vai procurar emprego, a primeira coisa que te dizem é que não estão precisando. Se estão precisando, te oferecem o menor salário que podem oferecer, que é o salário mínimo. Quando vocês chegam na porta de uma fábrica sem profissão, com uma carteira profissional, a primeira coisa que te dizem é que não tem vaga. Quando você chega na porta de uma fábrica com uma formação profissional, a primeira coisa que te dizem é o seguinte: "espere um pouco que nós vamos conversar". E aí, muda a vida da gente. A minha mudou, a do Meneguelli



mudou, e a de tantos outros companheiros que se formaram no Senai e aprenderam uma profissão, mudou.

Por isso, eu acho que o povo de Garanhuns e as cidades que irão ser beneficiadas com esse Senai móvel... eu vi aí os cursos de eletricidade, os cursos de marcenaria, mecânica de carro, que pode sair para montar em qualquer cidade vizinha, será uma coisa extraordinária. Eu me lembro, Armando, e é importante contar para vocês que eu tinha criado uma escola de madureza no Sindicato, em São Bernardo, em 1973, uma escola que chegou a ter 1.900 alunos e eu era o diretor dessa escola. Era até uma coisa anômala, alguém que não tem um diploma universitário ser diretor de uma escola de 1.900 alunos, e fizemos uma escola extraordinária.

Em 1979 eu descobri que o Sindicato não precisava de uma escola de madureza, o Sindicato precisava formar e qualificar os trabalhadores que não estavam qualificados. E, aí, montei no Sindicato... parei com a escola de madureza, fiz convênio com escolas particulares para que atendessem os alunos do Sindicato e transformei 11 salas de aula do Sindicato – uma cooperativa de crédito que tinha no Sindicato – em curso de formação. Nós tínhamos curso de matemática, curso de desenho, tínhamos sala de metrologia, tínhamos balcão para ensinar eletricidade. O Meneguelli, quando herdou o meu Sindicato, pegou todos esses cursos no Sindicato. E o que me dava orgulho era que você pegava um operador de máquinas, um companheiro que trabalhava na fábrica catando pedaços de ferro no chão ou como ajudante e ele ia para aquela escolinha, fazia um curso de desenho, um curso de matemática, um curso de eletricista, um curso de metrologia, chegava na fábrica com um diploma e era promovido. Saía de ajudante para operador de máquinas e, no mês seguinte, praticamente o salário dele tinha dobrado. Era o maior orgulho receber aquele trabalhador no Sindicato para agradecer ao presidente do Sindicato a oportunidade que ele tinha tido de aprender uma profissão.



Eu sei hoje, mais do que eu sabia há 20 anos, que a formação profissional, a formação universitária, a melhoria do ensino fundamental, são a base para colocar o Brasil em igualdade com os chamados países mais desenvolvidos. E a formação profissional é, possivelmente, a grande oportunidade que nós temos neste momento para formar profissionais porque, na medida em que a economia brasileira comece a crescer mais fortemente, nós vamos ter uma necessidade de mão-de-obra qualificada muito grande, e se a gente não formar os nossos meninos e as nossas meninas agora, as empresas vão ter placas pedindo determinados profissionais e o mercado não vai ter os profissionais para mandar para as fábricas, e isso vai significar um retrocesso para o Brasil.

Há poucos dias eu sancionei uma Lei, aprovada pela Câmara dos Deputados, a Lei do Aprendiz, que vai obrigar... mas este é um dado extraordinário. Só a Petrobras, com a Lei do Aprendiz, vai contratar no Brasil 18 mil jovens para trabalharem legalmente sem estarem sendo perseguidos por nenhum fiscal do Ministério do Trabalho ou do Ministério Público. Eu fico imaginando quantos trabalhadores a gente vai ter dentro da fábrica, trabalhando legalizados, aprendendo uma profissão e podendo garantir para a sua mãe, para o seu pai e para os seus filhos, no futuro, uma qualidade de vida e uma qualidade de salário que, normalmente, eles não teriam se não tivessem formação profissional.

Eu já tinha vindo aqui inaugurar a Universidade de Garanhuns. O estado de Pernambuco ganhou quatro universidades: a de Garanhuns, a de Serra Talhada, a de Caruaru e a do Vale do São Francisco, junto com Juazeiro. São quatro novas universidades que estamos criando. Elas vão começar pequenas, com poucos cursos, mas daqui a dois ou três anos terão cada uma 2.500, 3.000 alunos, terão professores, terão (inaudível), terão pesquisadores, terão visitantes do Brasil inteiro. E, aí, as empresas, quando quiserem investir na construção de uma nova indústria, vão pensar: “espera aí, aquela região tem



universidade. Significa que lá tem mão-de-obra altamente qualificada. Então, é lá para perto que eu vou, porque lá perto está a tecnologia”.

Então, eu quero agradecer de coração a vocês a oportunidade, aos vereadores de Garanhuns, à Direção do Senai e ao Conselho, a alegria de poder estar vivendo este dia de hoje, de inaugurar esta escola.

E quero agradecer ao Armando porque esta escola está pronta já há algum tempo, já faz tempo que ele colocou na minha agenda e um dia desses ele me cobrou: “Presidente, quando é que nós vamos inaugurar?”. Aí, eu me lembrei que eu tinha que vir a Pernambuco para lançar um outro projeto extraordinário. Lançamos hoje, com o presidente Chávez, a refinaria no estado de Pernambuco, que vai significar a mudança histórica da cara de Pernambuco, vai mudar a história do desenvolvimento do Nordeste brasileiro, porque não é apenas a refinaria de Pernambuco. É a Transnordestina, uma ferrovia com 1.800 quilômetros de extensão, que vai ligar o Porto de Suape, em Recife, ao Porto de Pecém, em Fortaleza, passando por Elizeu Martins, no estado do Piauí e, no futuro, com ramais para Paraíba e Rio Grande do Norte. E, aí, vai precisar de muita mão-de-obra qualificada.

Por isso, vocês tratem de prestar o curso aqui e estudar porque o Brasil vai precisar de mão-de-obra qualificada e quem não aprender uma profissão vai ficar para trás. Então, é importante. Quanto mais gente se inscrever para fazer o Senai, mais o diretor do Senai vai falar: “puxa vida, se podemos atender mil alunos, porque não fazer 1.500, porque não fazer 2 mil?”. E, aí, a gente vai combinando a formação dos nossos jovens, dos nossos filhos. E eu estou vendo, aqui, mulheres na minha frente. Não tem nada mais sagrado para uma mãe do que saber que o seu filho está estudando, que vai aprender uma profissão, do que estar na rua perambulando.

Eu digo isso porque eu sei o orgulho que eu representei para a minha mãe. Eu digo sempre: nós éramos oito filhos. Eu fui o primeiro a ter o diploma primário, eu fui o primeiro a aprender uma profissão. Por conta disso, eu fui o



primeiro a ter um carro, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter uma geladeira, eu fui o primeiro a ter uma casa própria. Sabe por quê? Porque eu aprendi uma profissão.

Então, quero dizer para a juventude: não tenham preguiça. Não tenham preguiça. Quando vocês estiverem desanimados, se levantarem cansados e falarem: “ah, hoje eu não vou para a escola”, contem até dez, botem o seu sapato, vistam a sua roupa e venham para a escola porque vocês estarão garantindo o seu futuro.

Mas eu estava dizendo da refinaria, em Pernambuco, e estava dizendo da Transnordestina, que vai ligar o Nordeste... Também ontem foi anunciado o Pólo Siderúrgico, em Fortaleza, lá na capital do Ceará. E vou dizer mais: a grande revolução dos meus sonhos, para o Nordeste, é o programa do biodiesel porque é um programa que vai fazer da mamona... vamos ter logo, logo uma planta financiada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia para amassar a mamona aqui na cidade de Caetés e, logo, logo teremos uma usina em outra cidade. A mamona, que antes era uma coisa que a gente falava “não serve para nada”, agora vai servir para produzir biodiesel para o Brasil, no futuro, não precisar mais utilizar óleo diesel, exportar o nosso petróleo e utilizar carro a biodiesel, que é muito mais econômico, vai ser muito menos poluente e vai gerar muito mais empregos.

Doutor Armando, meu caro Eduardo Campos, meu caro Humberto, meu caro José Múcio, meus companheiros deputados, para um emprego em uma fábrica de transesterificação, que transforma mamona em biodiesel, para um trabalhador de uma fábrica precisa de 1.000 trabalhadores no campo. Isso significa que nós vamos gerar milhares e milhares de empregos para dar cidadania ao trabalhador rural brasileiro. Mas também não é só. No começo do ano que vem, estarei outra vez em Pernambuco, estarei na Paraíba, estarei no Rio Grande do Norte para começar as obras da BR-101, ligando o Rio Grande do Norte à Bahia, passando por Pernambuco, passando pela Paraíba,



passando por Alagoas, passando por Sergipe, para quando o turista parar o avião dele no Ceará, ele possa vir de carro até o estado da Bahia, parar nas praias de Pernambuco, parar nas praias de Alagoas, e fazer com que essa economia possa, definitivamente, crescer.

Mas o mais importante que está para acontecer é o que está sob a responsabilidade do Congresso Nacional e, se o Congresso Nacional não votar, pode carregar nas costas a responsabilidade de ter atrasado a aprovação do Fundeb em um ano, porque são 4 bilhões e 300 milhões a mais para o ensino fundamental, dos quais 1 bilhão e 300 são para começar a funcionar este ano que vem, em Brasília. Eu tenho pedido ao presidente Aldo, eu tenho pedido aos meus companheiros deputados: “pelo amor de Deus, vamos votar o Fundeb. O Fundeb é a salvação do ensino fundamental brasileiro e do Nordeste brasileiro, sobretudo”. O Fundeb é a oportunidade de garantir aos estudantes do Nordeste a mesma qualidade de ensino que os estudantes terão nas melhores escolas do Sul do país. Então, eu tenho ponderado: “vamos votar com urgência para que a gente possa colocar no Orçamento 1 bilhão e 300 a mais para o Fundeb”.

Da mesma forma, meu caro Armando, vamos fazer um esforço para que a gente vote a Lei da Pré-Empresa que está no Congresso Nacional, que vai permitir ao vendedor ambulante se legalizar não pagando quase nada, pagando uma coisa simbólica para ele poder ficar legalizado e não precisar ficar correndo de fiscais da prefeitura pelo país afora, como ele corre hoje, ficando na clandestinidade.

Vamos aprovar o Estatuto da Pequena e Média Empresa Brasileira. Tem mudanças para fazer, vamos fazer. Mas, pelo amor de Deus, não vamos pensar que, não votando, vai prejudicar o Lula. O Lula é passageiro na Presidência, mas a Lei aprovada será definitiva para melhorar a vida da empresa neste país, porque é a pequena empresa que gera 65% da mão-de-obra deste país, não são as empresas multinacionais, não são as grandes



empresas, são as pequenas empresas, e o Projeto de Lei apenas quer facilitar a vida das empresas. Mas, aí, tem gente que acha que, se votar, vai ajudar o Presidente, no ano que vem tem eleição... Pelo amor de Deus, gente. Se vocês ficarem gritando assim, aí é que eles não querem votar mesmo.

Eu acho que a gente não pode permitir que as eleições do ano que vem possam atrapalhar o desenvolvimento do Brasil. Este país, meus queridos companheiros, irmãos e irmãs de Pernambuco, meus companheiros deputados, meus companheiros do Sesi e do Senai, meus companheiros e companheiras dos partidos políticos, empresários, vereadores, este país tem uma chance que Deus está lhe dando.

Veja que coisa, Armando: este país quebrou três vezes. Quebrou em 1997, quebrou em 1998 e quebrou em 2001. Nas três vezes que este país quebrou o governo passado corria para Washington, corria o mundo atrás do FMI para emprestar dinheiro, para que a gente pudesse pagar o dinheiro que precisava para cobrir o nosso déficit e a nossa balança comercial. O último empréstimo – o Armando se lembra e os deputados se lembram – o último empréstimo foi de 30 bilhões de dólares. Trinta bilhões de dólares que o FMI emprestou ao governo brasileiro, porque senão o país quebrava.

Eu tomei posse em janeiro de 2003. Todo mundo sabe que nós comemos o pão que o diabo amassou no primeiro ano, todo mundo sabe e nós não escondemos de ninguém. Mas, em 2004, nós já começamos a colher um pouco da lavoura. E nós dissemos, no final de 2004, ao Fundo Monetário Internacional: “nós não precisamos mais de acordo com o FMI. Nós já estamos aprendendo a tomar conta do nosso nariz. Não precisamos”. E não fizemos acordo com o FMI.

Anteontem, eu disse ao ministro Palocci: “Palocci, nós já temos reserva suficiente, já temos dinheiro suficiente para devolver ao FMI o dinheiro que o governo passado pegou”. E comunicamos ao FMI que o Brasil não ia precisar do seu dinheiro. Agradecemos e devolvemos e, agora, poderemos nos levantar



todo dia dizendo: “já somos donos do nosso nariz”. Já podemos andar com as nossas próprias pernas porque a indústria brasileira produziu mais, exportou mais, porque o comércio brasileiro vendeu mais, porque a agricultura brasileira vendeu mais, se bem que este ano teve crise.

Vocês estão percebendo que no Nordeste não teve mais frente de trabalho, aquele negócio de os pobres tirarem pedra de um lado da rua e colocarem do outro lado; tirar do outro lado... a cada ano mudavam a pedra de lado. Agora não, agora tem política agrícola para a agricultura familiar. Agora ninguém precisa mais tirar pedra, porque tem o seguro agrícola, porque tem a compra de alimentos do semi-árido, porque tem a compra do leite até 100 litros e porque o Pronaf, finalmente, chegou. Quando eu tomei posse, o governo passado tinha liberado 2 bilhões para o Pronaf nacional e 80% ficava no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Este ano, nós não colocamos 2 bilhões, nós colocamos 9 bilhões de reais à disposição da agricultura familiar.

É por isso que eu não tenho razão para não ter alegria. Aos 60 anos de idade completados agora, em outubro, eu tenho razões para estar feliz. Tenho razão para dizer que o nosso governo está longe de fazer tudo o que precisa ser feito mas, em 36 meses, já fizemos mais do que o outro governo fez em oito anos. E vamos fazer muito mais.

Não fiquem preocupados porque todas essas infâmias, essas acusações que vocês vêem na televisão, vocês sabem qual é o jogo político brasileiro. E eu não vou fazer o jogo rasteiro dos meus adversários. Todo dia, eu me levanto pedindo a Deus que não eu deva ficar nervoso porque como eu sou um homem cristão, que crê em Deus, e como eu acho que Deus escreve certo por linhas tortas, haverá o dia em que o povo vai começar a perceber o que é o jogo político e o que é verdade.

Se tiver alguém praticando corrupção, quem vai investigar é a Polícia Federal, é o Ministério Público, é o governo federal. E se tiver alguém, pode ser primo, aderente, pode ser quem for, se estiver praticando ato ilícito terá que ser



punido, não tem perdão.

Mas, eu me levanto todo dia com uma única certeza: o Presidente da República, sobretudo, tem que ter calma, sempre contar até dez e, se for necessário, repetir outra vez, repetir outra vez. Não pode tomar nenhuma decisão precipitada, não pode ficar nervoso e ficar batendo boca. Quando alguém falar uma bobagem qualquer, a história o julgará. O meu papel é terminar o meu mandato vendo que as nossas crianças estão melhores, que as nossas mulheres estão melhores, que os nossos trabalhadores estão melhores e que, finalmente, o Brasil começou a respeitar o povo pobre deste país. É isso que me dá orgulho.

Por isso, meus queridos companheiros, (inaudível) agora, porque já ficou escuro e eu tenho que ir embora, vou ter que ir até Maceió para pegar o avião.

Quero dizer para vocês que Deus possa iluminá-los, que as mães e os pais daqui aproveitem a oportunidade e não permitam que os seus filhos desanimem de ir para a escola, pelo amor de Deus. Se tem uma coisa que vocês têm que brigar com o filho de vocês é para obrigá-los a ir para a escola. Obrigá-los, porque se eles não forem para a escola agora, a pedido da mãe ou do pai, certamente eles poderão amanhã ir para uma cadeia, não a pedido da mãe ou do pai, mas a pedido de um delegado ou de um juiz de uma comarca.

Então, é importante a gente ter clareza: cada centavo que o Senai, que o governo, que o Sesi, que a prefeitura, que o governo do estado, que nós investimos em educação e na formação profissional, será um centavo que a gente não precisará investir em cadeia daqui a dez ou 15 anos.

Muito obrigado, que Deus abençoe vocês e até outro dia, se Deus quiser.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento da pedra fundamental da refinaria de Pernambuco

Ipojuca-PE, 16 de dezembro de 2005

Eu sei que vocês já devem estar com fome e eu trago o meu discurso por escrito, porque se eu for falar com o entusiasmo que eu estou aqui, possivelmente eu também fale uma hora e cinco, e eu acho importante dizer algumas mensagens.

Primeiro, quero cumprimentar o meu querido companheiro, amigo e irmão, presidente Chávez. Quero dizer ao Chávez que é uma honra para o povo de Ipojuca, para o povo de Pernambuco e para o povo brasileiro, o sacrifício da tua presença, aqui, no dia de hoje. Não é fácil um presidente da República se locomover do seu país para outro país para participar do lançamento de uma pedra fundamental. E quando conversei com o presidente Chávez, ele, na hora, se dispôs a vir a Pernambuco. Eu quero dizer que é um gesto que certamente eu não esquecerei. Se um dia me convidares para ir à Venezuela, eu prontamente terei que fazer o mesmo que você fez e eu irei à Venezuela.

Quero contar uma história para vocês. Esta refinaria só está sendo possível estarmos aqui, hoje, lançando a pedra fundamental, porque também o governador Jarbas Vasconcelos foi parceiro decisivo. Eu sei que nós teremos eleições em outubro, sei que, no Brasil, o clima já é pré-eleitoral. No meu caso a minha oposição já está na rua gritando há alguns meses, e eu acho que o fôlego vai terminando quando vai se aproximando a data das eleições. Mas eu queria dizer que tinha 9 estados brasileiros querendo a refinaria: Rio de



Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande do Norte, Sergipe, Ceará, Pernambuco, Maranhão e outros estados também queriam a refinaria. Eu chegava num estado, tinha os governadores, muitos deputados ou prefeitos com botom no peito dizendo: “A refinaria é nossa”. Eu não poderia, como presidente da República, dizer que a refinaria iria para esse ou para aquele estado. Eu precisava de estudos técnicos e precisava de viabilidade econômica.

A Petrobras, num primeiro momento, não imaginava construir uma nova refinaria; a Petrobras preferia fazer o que está fazendo nas outras refinarias; a Petrobras queria recuperar e melhorar a refinaria do Rio Grande do Sul; a Petrobras queria, e está fazendo, melhoras na refinaria do Paraná; a Petrobras queria e está fazendo melhorias na refinaria de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro; a Petrobras queria, e está fazendo, melhoria na Replan, no estado de São Paulo. E, num primeiro momento, não era esta a visão da Petrobras.

Eu disse ao meu companheiro José Eduardo Dutra, antes do José Sérgio Gabrielli chegar: a Petrobras é uma empresa que tem ações no mercado, tem sócios e, portanto, não é uma empresa em que o governo tenha o direito de dizer o que ela vai fazer a cada momento. Mas eu disse ao presidente José Eduardo e ao meu companheiro, José Sérgio Gabrielli: a Petrobras, ela é tão importante para o Brasil, ela é tão significativa para o Brasil que um projeto dessa magnitude não pode ser uma decisão apenas do interesse econômico financeiro da Petrobras, mas uma decisão estratégica e política dos interesses e do desenvolvimento do Estado brasileiro. E dentro do Estado brasileiro o nosso querido Nordeste.

E a Petrobras levou para o seu Conselho a decisão de fazer a refinaria. E eu tinha dito a todos os governadores, a todos: “quem trouxer parceiros para ajudar a construir, terá a refinaria”. Cheguei a jantar com o príncipe da Arábia Saudita, com a ministra Dilma, porque diziam que ele queria fazer a refinaria no Ceará. Jantamos, mas as conversas não avançaram e a refinaria não saiu.



Outros diziam que tinha empresários japoneses, franceses, americanos. Nenhum teve o parceiro que precisava ter.

Vejam como Deus estava olhando para Pernambuco. O presidente Hugo Chávez veio aqui em 2003 ainda, para prestar uma homenagem a Abreu e Lima. Inauguramos um busto de Abreu e Lima. E, naquela ocasião, o governador conversou com o presidente Chávez e nós, então, organizamos uma ida do governador de Pernambuco à Venezuela. Ali nascia o embrião que me permitiu, sem brigar com nenhum governador que queria a refinaria, dizer “a refinaria será instalada em Pernambuco porque o governo de Pernambuco teve a parceria do presidente Chávez, e a Petrobras teve a parceria da PDVSA”. E, portanto, estamos ganhando, agora, este presente, que não é para Pernambuco, é para o Nordeste brasileiro.

Quero dizer aos meus companheiros, Presidente da Petrobras, Presidente da PDVSA, ao meu querido companheiro João Paulo, prefeito de Recife, ao meu querido companheiro Armando Monteiro Neto, presidente da Confederação Nacional da Indústria e deputado federal, ao meu querido companheiro Humberto Costa, ex-ministro da Saúde, ao meu querido companheiro Eduardo Campos, presidente do PSB e ex-ministro da Ciência e Tecnologia, ao meu querido companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero, a todos os deputados federais que estão aqui – porque não me deram, aqui, a nominata... E eu trouxe aqui para o palanque uma pessoa especial, que eu aprendi a respeitar, não antes, porque não o conhecia, mas a partir de 1994, que é o meu companheiro Armando Monteiro Filho, que eu fiz questão de apresentar ao presidente Chávez.

Quero dizer ao Prefeito, quero falar aos trabalhadores... Aliás, os trabalhadores da Fazenda dos Trabalhadores podem começar a se preparar porque estamos preparando para assinar a doação definitiva, a posse de terra para vocês aqui na Fazenda dos Trabalhadores, também em uma parceria entre o governador Jarbas e o governo federal.



Quero conversar com as mulheres, com os homens, com os empresários e com o povo do meu país. Eu vou dizer duas coisas. Primeiro, eu vou ler o meu discurso e, depois, eu queria falar com a alma de vocês.

Presidente e querido amigo Chávez,

Eu te conheci, na Venezuela, em um momento em que eu jamais imaginei que a imprensa em um país pudesse fazer com um presidente o que a imprensa da Venezuela fazia contigo. Estava eu um dia no hotel, com meu companheiro Marco Aurélio, assistindo televisão. A propaganda contra o Chávez era de tamanha magnitude, as ofensas pessoais ao Chávez eram de tamanha magnitude, que eu jamais imaginei que, em um país democrático, a imprensa pudesse agir da forma que agiu, contra o presidente Chávez. E agora estamos vivendo, no Brasil, algo semelhante. Estamos vivendo no Brasil um momento, Chávez, em que as pessoas não têm preocupação de saber se é verdade ou não a denúncia. Primeiro se publica para depois, então, não ter nenhuma responsabilidade em apurar. E aqui, Jarbas, você, João Paulo e tantos políticos sabem o significado de uma denúncia que não tem apuração, que não tem prova, mas que vai marcando a alma de cada pessoa atacada e, muitas vezes, não se tem a grandeza de pedir desculpa quando se reconhece que estava errado.

Estamos vivendo essa experiência em outros países. Tenho viajado muito junto contigo e em todos os países há a mesma denúncia, do denunciamento. E eu, companheiro Jarbas, companheiro Chávez, nesses últimos dez anos, depois que eu completei 50 anos de idade, eu aprendi a ter paciência. Eu aprendi a ser mais tolerante, porque eu me convenci de que eu não tenho, para a frente, a quantidade de anos que eu já vivi e que eu, então, preciso viver melhor com a minha consciência, com a minha alma e com o meu coração, o tempo que falta para eu viver.

Eu digo sempre que no meu coração não existe mais espaço para mágoa, não existe mais espaço para rancor. Existe espaço para a



compreensão de cada coisa que acontece no dia-a-dia, seja bom ou seja ruim. Como haverá o dia do juízo final para cada um de nós, haverá o dia em que a verdade irá prevalecer.

Nós tivemos, neste país, alguns grandes presidentes, mas eu vou lembrar de um: Juscelino Kubitschek; eu vou lembrar de um: o que construiu Brasília. Se você tiver acesso ao que a imprensa falava de Juscelino entre 1956 e 1961, você percebe o massacre que se fazia contra o presidente Juscelino Kubitschek. Ele foi cassado, ele não conseguiu reeleger o sucessor, perdeu inclusive o estado de Minas Gerais, foi cassado, teve que morar fora do Brasil. Quarenta e cinco anos depois... esses dias eu vi uma propaganda na TV Globo. Estão fazendo um documentário especial sobre o mais importante presidente da República que o Brasil já teve, 45 anos depois.

Alguém pode ter discordância de Getúlio Vargas, pode não concordar com muitas coisas, mas a verdade nua e crua é que quem mais tinha ódio de Getúlio Vargas era uma pequena parcela da elite brasileira, sobretudo do Sul do país, porque ele acabou com a escravidão dos trabalhadores, criando a legislação trabalhista neste país, dando aos trabalhadores o direito de trabalhar.

E eu, agora, estou mais dedicado a ler a vida desses homens para compreender um pouco a história do meu país, para compreender um pouco a história de outros países e para perceber que nem todo mundo está habituado a viver em democracia. A democracia, presidente Chávez, para algumas pessoas, aqui, no Brasil, ela era boa quando o povo tinha apenas o direito de gritar que estava com fome, porque na cabeça de alguns, esse era o limite da democracia, era o povo poder reclamar que estava com fome. Eles não estavam preparados para que a democracia, levada às suas últimas conseqüências, fizesse um torneiro mecânico o Presidente da República Federativa deste país. Não estava nos prognósticos e nós estamos provando que a democracia é o melhor dos instrumentos porque ela permite, desde um



grande empresário a um operário chegar à Presidência da República num país da dimensão do Brasil. E esse é um valor tão grande que, possivelmente, alguns levarão alguns anos para saber o significado da dimensão não apenas no Brasil. Nós estamos próximos a uma eleição na Bolívia e lá, também, um índio está prestes a ser eleito presidente da República da Bolívia.

Esse é um avanço, que não é o avanço da inteligência pessoal de ninguém. Esse é um avanço do caminhar, da conscientização dos milhões e milhões de brasileiros e brasileiras intelectuais, operários, camponeses, empresários, ou seja, de toda a gente que vai evoluindo, que vai tomando consciência e que vai vendo que, mesmo nas dificuldades da democracia, é possível a gente construir um espaço de convivência política na adversidade, onde a alternância do poder é a melhor solução para consolidar o processo democrático.

Então, presidente Chávez, aqui no Brasil vivemos um momento muito parecido ao momento que tu viveste na Venezuela. Aqui no Brasil, com a mesma tranquilidade, esteja certo que, no momento certo... não irei precipitar nenhuma decisão, não sou candidato antes do tempo de definir se sou ou não sou candidato. Não farei o jogo rasteiro dos meus adversários, não jogarei pequeno e não baixarei o nível de uma campanha política neste país. Vai ter um momento em que eu vou decidir, e quero que você saiba, o dia em que eu decidir, se for para ser candidato, é para ganhar as eleições aqui neste país, outra vez. Se decidir não ser candidato, iremos escolher um companheiro para ganhar as eleições, porque eu tenho na pele o que nós fizemos na América do Sul e na América Latina. Eu tenho na pele, hoje, o que significa a eleição de Kirchner na Argentina, o que significa a eleição de Nicanor no Paraguai, o que significa a eleição de Tabaré no Uruguai, a tua eleição na Venezuela, o que significa a eleição de tanta gente.

E construímos juntos não uma relação de chefes de Estado, aquela relação em que a gente vai para uma reunião, nos levantamos e nem nos



cumprimentamos. É tanto assessor atrás de nós que a gente nem consegue cumprimentar os companheiros. Estamos construindo mais que uma relação de Estado para Estado, estamos construindo uma relação de companheiros, uma relação de seres humanos que querem governar e sair do governo sem levar uma camisa a mais do que a camisa com que nós entramos, mas deixar para o povo pobre a cidadania que, há tantos e tantos anos, lutam para conquistar no nosso Continente.

E isso, Chávez, incomoda, incomoda demais. Eu digo muito ao Chávez, toda vez que Chávez tem uma briga com o presidente Bush, eu digo: “Chávez, paciência, paciência. Essas coisas a gente resolve conversando um pouco mais”. Ainda ontem eu dizia ao Presidente do Banco Mundial da necessidade de fazer investimento em infra-estrutura na América do Sul. Eles têm muito dinheiro, então vamos, aqui, mostrar os principais projetos, e os empresários que estão aqui têm que nos ajudar nisso. Vamos escolher três ou quatro projetos de integração e vamos gastar, seja 10, 15, 20 bilhões de dólares, mas vamos integrar a América do Sul de verdade, com energia, gás, petróleo, energia elétrica, estrada, ponte, senão nós estaremos subordinados a ficar de costas para a América do Sul, olhando para o mundo desenvolvido que agora, na Organização Mundial do Comércio, não estão muito preocupados conosco, porque não querem fazer negociar o fim dos subsídios à agricultura, para facilitar os países mais pobres.

Liguei para o presidente Bush e para o primeiro ministro Tony Blair, dizendo para eles: “chegou o momento de não permitirmos mais que os nossos assessores, ministros ou técnicos continuem negociando na Organização Mundial do Comércio”, porque eles chegaram a um impasse, e quando tem impasse dos nossos assessores, chegou a hora de a gente provar para quem a gente foi eleito. E disse ao primeiro ministro Tony Blair, e disse ao presidente Bush: “é preciso convocar o G-8 e é preciso convocar o G-20 para que, em uma reunião presidencial, a gente possa decidir o fim dos subsídios agrícolas,



para que a gente possa ajudar a agricultura familiar no Brasil, para que a gente possa ajudar o pequeno agricultor na Venezuela, para que a gente possa ajudar os agricultores dos países africanos, porque senão será mais um século de países considerados pobres, de terceiro mundo, sem que a gente dê uma única chance”. E isso é um trabalho que só pode ser feito porque o Brasil tomou a coragem de dizer ao mundo: nós não queremos ser melhor que ninguém, nós não queremos privilégio com ninguém, nós apenas queremos dizer que nós queremos ser tratados em igualdade de condições, queremos ser respeitados da mesma forma que vocês querem respeito.

E eu acho que isso, Chávez, está possibilitando um avanço. Um avanço extraordinário, um avanço que eu deposito na política externa do meu governo, na política externa do teu governo, porque eu quero dizer para vocês que além da decisão do presidente da República, de ter uma política externa, Deus me permitiu ter um chanceler da qualidade do Celso Amorim que, como poucos no mundo, não tem hora, não tem dia, não tem chuva, não tem nada. O Celso Amorim está andando pelo mundo tentando estreitar as relações de amizade entre o Brasil e outros países. E isso traz o presidente Chávez aqui, numa cerimônia que é mais do que o lançamento da pedra fundamental da refinaria Abreu e Lima.

O que estamos fazendo hoje, presidente Chávez, é dizer ao povo nordestino, a esse povo do estado de Pernambuco que em 1817 já alertava o Brasil fazendo a independência deste estado primeiro do que a independência da Nação brasileira. Este povo de Pernambuco que em 1824 criou a Confederação do Equador e, por isso, foi penalizado, perdeu parte do seu território e muitos heróis, como Frei Caneca, sucumbiram sobre o jugo da coroa portuguesa. Este estado tem história e, na nossa história, está faltando um homem aqui, está faltando o dr. Miguel Arraes. Morreu aos 90 anos de idade mas, certamente, se estivesse vivo estaria aqui, conosco, porque tudo isso fazia parte do sonho, porque tem alguns líderes políticos que são diferentes,



tem alguns que são tão iguais que se a gente não gosta uma vez, não gosta nunca, mas tem outros que são tão diferentes, como o dr. Arraes, que mesmo quem discordava dele tinha que respeitar pela grandeza e pela dimensão que ele dava à política brasileira e à política do Nordeste.

Mas eu dizia, Chávez, que estamos aqui fazendo mais que uma refinaria, estamos aqui, Chávez, dizendo: o Nordeste brasileiro, tal como pensado pelo nosso querido Celso Furtado, que também é nordestino do estado da Paraíba, estamos dizendo: se há décadas houve um momento para o desenvolvimento do Sul, agradeçamos a Deus e aos políticos que ajudaram a desenvolver o Sul. Se houve momentos em que houve decisões para ajudar o desenvolvimento do Sudeste, agradeçamos a Deus e aos políticos da época, que ajudaram a desenvolver o Sudeste. Se houve momentos em que teve políticos que ajudaram a desenvolver o Centro-Oeste, agradeçamos a Deus as decisões. E, agora, chegou a hora de dizer: agora é a vez do nosso querido Nordeste ter a sua chance, ter a sua oportunidade, porque muitas vezes essa região foi esquecida. Em algumas oportunidades em que poderia se desenvolver, uma parte da classe política não levou a sério o desenvolvimento.

Estamos fazendo, aqui, presidente Chávez, não apenas essa refinaria. No começo de janeiro virei ao Nordeste, a Pernambuco e ao Ceará, para dar início à construção de uma ferrovia de 1.800 quilômetros de extensão, ligando o porto de Suape ao porto de Pecém, passando por Eliseu Martins, no estado do Piauí, uma obra de investimento de 4 bilhões e meio de reais. Ontem o ministro Ciro Gomes foi me representar em Fortaleza, na inauguração do pólo siderúrgico. Logo, logo, eu vou dar o primeiro ponto de solda no gasoduto que vai ligar o Sudeste ao Nordeste, fazendo com que a malha seja totalmente ligada. É uma obra de 900 e poucos quilômetros que vai custar por volta de 2 bilhões de dólares. Mas não é apenas isso.

No começo do ano eu virei aqui, outra vez, Jarbas, junto com você para a gente dar o pontapé inicial em Recife, em João Pessoa e em Natal, na



construção da BR-101, que será a integração turística deste país. E, Chávez, aqui a legislação permite tanta briga, a legislação permite tanta disputa que desde março deste ano eu estou para vir aqui dar o início das obras. Mas aí tem briga com o Tribunal de Contas da União. Resolvemos o problema. Aí vamos começar a concorrência, tem briga de empresa com empresa, é liminar aqui, é liminar ali, e as empresas não andam. Eu tomei uma decisão: enquanto os empresários estão brigando, o Batalhão de Engenharia do Exército brasileiro vai começar a fazer as três, porque o Brasil não pode, e os empresários que estão aqui sabem que nós chamamos a Abdib, a companheira Dilma fez reunião para ver se a gente fazia um acordo. Vamos tocar a obra. Mas não houve. Então, nós precisamos dizer: o Brasil não pode esperar que as pendengas, as divergências entre uma minoria, possa prejudicar a maioria do povo que está ávida por desenvolvimento.

Então, veja, presidente Chávez, é a refinaria, é uma BR ligando o Nordeste brasileiro pelo litoral, é uma ferrovia, é um pólo siderúrgico. E o mais sagrado dos projetos, que eu mais amo e que eu mais desejo, que é o programa do biodiesel, da mamona, Chávez. Começamos outro dia e já temos 80 mil trabalhadores rurais trabalhando na produção de mamona para fazer biodiesel. Haverá um dia que não apenas estaremos atendendo o nosso mercado interno, mas estaremos vendendo para o mundo porque nenhum país, mesmo aqueles que têm um território maior do que o nosso, tem a dádiva que Deus nos deu: terra, água e sol para plantar como ninguém e vender para ajudar o mundo a ter um combustível menos poluente e socialmente mais gerador de emprego.

Eu brinco com o José Sérgio Gabrielli de vez em quando, a Petrobras, os trabalhadores aqui, que ainda não leram sobre isso, a Petrobras está cavando poço de petróleo a dois mil metros de lâmina de água, imagina, dois quilômetros de profundidade. Depois que passa dois quilômetros de água, são mais quatro ou cinco quilômetros na terra. Qualquer dia perfuramos um poço e



vamos chegar no Japão. São tecnologias de extraordinária competência, que a Petrobras é imbatível. Tecnologia de primeira grandeza. Mas é caro para fazer tudo isso. E eu falo para a Petrobras, a Petrobras tem que assumir o biodiesel, porque o biodiesel, que é uma complementação da Petrobras, porque eu sonho que um dia a Petrobras irá exportar muito mais petróleo, iremos entrar na OPEP e iremos ganhar parte do dinheiro que o Chávez está ganhando hoje com a venda de petróleo. E esse Chávez é esperto, porque ele vende petróleo para o principal adversário dele que é os Estados Unidos.

Nós vamos, aqui, um dia, vender e vamos utilizar mais o biodiesel. E vejam a diferença que eu falo para o José Sérgio Gabrielli: para fazer um poço de petróleo são milhares e milhares de dólares, para plantar um pé de mamona, é uma covinha com a mão, e para colher, uma pessoa com um metro de altura já pode colher. Vai ficar muito mais barato. E não é apenas o preço, é que gera emprego. Para cada emprego na empresa de transesterificação, essa palavra eu levei uns três meses para aprender a falar sem gaguejar: transesterificação. Ou seja, para cada emprego criado na usina que vai fazer o biodiesel, nós precisamos, para cada um na fábrica, mil no campo.

Então, vai ser uma geração de emprego extraordinária e a gente não vai ver mais no Brasil, sobretudo no Nordeste, trabalhador participando de frente de trabalho, leva pedra para um lado, traz pedra para o outro lado. É uma vergonha que nós, graças a Deus, já abolimos nesses três anos, porque estamos comprando a produção agrícola, porque estamos comprando leite, porque o Pronaf finalmente chegou ao Nordeste brasileiro, porque antes ficava apenas no Sul do país. Então, nós vamos gerar os empregos necessários. E o Nordeste vai poder se orgulhar de dizer, como dizem alguns: Ah, o nordestino é muito bom.

Viu, Chávez, aqui no Brasil se fala assim: “o nordestino é muito bom, ele é pedreiro, ele faz ponte, ele faz estrada, ele faz edifício”. Não é assim que falam de nós? Falam, falam como se nós fôssemos uma raça inferior, só



sabemos fazer ponte e viaduto, só sabemos fazer não sei das quantas. Não. É preciso que a gente olhe para este povo queimado de sol, sofrido, com as mãos calejadas, em muitos lugares deste Nordeste, e diga: “o que eles não tiveram, até agora, foi uma oportunidade”, porque, na hora em que eles têm oportunidade, são iguais ou melhores do que qualquer trabalhador de qualquer parte do Brasil ou de qualquer parte do mundo. Nós, nordestinos, também não queremos ser melhores, também não queremos ser mais bonitos, nós queremos apenas ser iguais, ser tratados, de Norte a Sul, como se fôssemos irmãos. Não adianta dizer que nós temos a cabeça chata ou não, porque dentro dessa cabeça chata nós temos uma massa encefálica de qualidade, neurônios bons, e que podem ajudar a desenvolver este país.

O meu discurso escrito era poético, e eu preferi falar com a minha alma para vocês. Quero dizer a todos vocês, eu acho que o que estamos fazendo pelo Nordeste é uma marca profunda. Certamente, Celso Furtado está no céu, dizendo: “finalmente alguém começou a se preocupar outra vez com o Nordeste”. Só neste estado, só no estado de Pernambuco, estamos fazendo três universidades novas, três extensões: uma em Garanhuns, que já foi inaugurada, uma em Caruaru, uma em Serra Talhada, além da universidade do Vale do São Francisco, em Petrolina. Aqui neste estado, nós estamos trabalhando para que este estado tenha a possibilidade de se desenvolver e de recuperar o tempo em que o Nordeste brasileiro foi esquecido.

Portanto, eu quero dizer para vocês da minha alegria, do meu prazer de ter o presidente Chávez aqui, nesta elegância impecável. Depois que começou a vender muito petróleo e o barril foi para 60 dólares, Chávez está impecavelmente representando um país rico, um país... E quero, Chávez... nós agradecemos, do fundo da nossa alma nós, nordestinos, agradecemos o gesto de grandeza – eu sei que, também, pensando no lado comercial, porque a PDVSA é uma empresa – mas o teu gesto político de prestar uma homenagem a Abreu e Lima, e fazer a refinaria no estado de Pernambuco.



Eu quero que você saiba, meu querido companheiro, que aqui no Brasil tem muita gente que não gosta de você, tem muita gente que te critica, tem muita gente que acha que você é o próprio representante do eixo do mal na América Latina. Eu quero te dizer uma coisa: quero que você saia do Brasil com a convicção de que, onde você estiver, no momento em que você estiver, toda vez que você estiver com a vida política fácil, na Venezuela, não precisa... mas, todas as dificuldades que você tiver, você pode deitar todos os dias e dizer “eu sei que eu não estou só”, porque o presidente Lula e uma grande parcela do povo brasileiro estará contigo, e estará com outros presidentes desse país.

Por isso, eu quero que marquem a data de hoje, sobretudo os jovens. Hoje começa um novo, grande e sustentável ciclo de crescimento do Brasil e de desenvolvimento do Nordeste brasileiro. Eu tenho 60 anos, se Deus me permitir, viverei mais uns 20. Já estarei agradecido demais, porque quando eu tinha 14 anos, pensava que não iria chegar aos 50, já estou com 60. Portanto, eu falo 80, para me deixar chegar aos 70, já está bom. Mas virei muitas vezes ao Nordeste e quero ver estampado, na cara das mulheres, na cara dos homens do Nordeste brasileiro, o sorriso da alegria, o sorriso da satisfação e dizerem em alto e bom som: finalmente, neste país, o Nordeste brasileiro deixou de ser tratado como reprodutor de cidadãos de segunda categoria, o Nordeste brasileiro passou a ser respeitado como todo mundo tem que ser respeitado, ser tratado como todo mundo tem que ser tratado, ter a mesma chance que todo mundo tem que ter, porque este estado produz menos doutores que outra região, este estado produz menos do que deveria produzir. E agora, se Deus quiser, nós vamos deitar a cabeça, hoje, no travesseiro e dizer: finalmente não somos mais, nem somos menos, somos apenas os mesmos, mas somos mais iguais.

Que Deus abençoe o estado de Pernambuco, o Nordeste brasileiro e o nosso querido companheiro Jarbas Vasconcelos e o presidente Chávez.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de assinatura do convênio para a construção do Terminal
Pesqueiro Público de Santana**

Santana - AP, 20 de dezembro de 2005

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Amapá, da
cidade de Santana,

Meu querido companheiro Antônio Waldez Góes, governador do estado,
Meu caro ex-presidente da República e senador pelo Amapá, José
Sarney,

Meu caro senador Gilvan Borges,

Meu caro José Fritsch, secretário especial de Aqüicultura e Pesca,

Meu caro companheiro Agnelo Queiroz, ministro do Esporte,

Deputados Eduardo Seabra, Gervásio Oliveira e Hélio Esteves,

Deputada estadual Rosely Matos,

Deputado estadual Joel Banha,

Minha querida companheira Dalva Figueiredo, presidente do Partido dos
Trabalhadores,

Beneficiárias e beneficiários dos programas do nosso governo, como o
Programa Brasil Alfabetizado e Pescando Letras,

Pescadores e pescadoras da região,

Moradores de Santana e dos arredores,

Tem, na nossa vida, momentos que são marcantes e que nós não
esquecemos até o dia que não estivermos mais na face da Terra. A conquista
de uma categoria, a conquista de um segmento social, como a que vocês estão
tendo hoje, é uma conquista que certamente, não a partir deste momento, mas



a partir de 2006, quando o Terminal Pesqueiro estiver pronto – uma obra do tamanho de um estádio de futebol, da parte onde correm os jogadores, porque o Terminal Pesqueiro vai ter 8 mil metros quadrados e um estádio de futebol está mais ou menos nessa medida – com frigorífico, com fábrica de gelo, vai permitir a todos vocês concretizarem o sonho de garantir que a vida de vocês será mais produtiva, mais rentável e mais fácil, daqui para a frente.

E por que, se era tão importante, isso não foi feito antes? Por que vocês não têm o Terminal Pesqueiro há 15 anos, há 20 anos, há 30 anos, se vocês sempre viveram da pesca? Primeiro, porque o Brasil nunca entendeu a pesca...

Eu nem disse aqui, na nominata, porque não colocaram, o nome do nosso querido prefeito Nogueira. Foi o lapso de uma folha, ou não veio, mas eu não poderia estar na cidade de Santana e não falar do nosso querido prefeito Nogueira, que tão bem está representando vocês.

E por que não se discutiu há muito tempo a questão do Terminal Pesqueiro? Primeiro, porque a pesca no Brasil nunca foi tratada como uma questão prioritária. Embora o Brasil tenha um conjunto de rios piscosos, que têm mais peixe que em qualquer lugar do mundo, embora o Brasil tenha uma costa marítima extraordinária, a verdade é que a pesca era um componente – presidente Sarney, senador Gilvan Borges – do Ministério da Agricultura. A pesca estava subordinada ao Ministério da Agricultura, que tinha como prioridade, de forma correta, a agricultura.

Então, nós tomamos a decisão de criar uma Secretaria Especial, com status de Ministério, para cuidar única e exclusivamente da questão da pesca no nosso país, para dar uma dimensão de importância a um país que tem condições de ser tão ou mais competitivo que alguns países que, hoje, vendem peixe para o Brasil. Por exemplo, o Peru pesca mais que o Brasil, o Chile pesca mais que o Brasil. O povo brasileiro come, por ano, cada habitante, come menos peixe que vários países do mundo.

Então, é de se estranhar, num país que tem o mar que nós temos, que



tem o rio que nós temos, e num país que tem a tecnologia para criar peixe como nós temos, em represas, em tanques, que as pessoas não tenham adquirido o hábito de comer peixe. Não é por conta de o Brasil ser o maior criador de rebanho de carne do mundo, porque nós temos um rebanho de 200 milhões de cabeças de gado. É porque nós não estabelecemos, na nossa cultura alimentar, o peixe como um alimento importante, porque nunca demos importância à pesca, a não ser vocês que deram importância porque vivem dela, dela sustentam a família de vocês, e dela vocês tiram o ganha-pão para manter toda a família.

Agora, não. Agora, com a criação da Secretaria, o primeiro ano da Secretaria, na verdade, foi para descobrir o que era a questão da pesca no Brasil. O segundo ano foi para que a gente desse um forte trabalho, para que pudéssemos cadastrar quem é pescador neste país, porque na hora em que a gente quer tratar com seriedade o pescador, a pescadora e sua família, nós temos que cadastrá-lo corretamente, para saber quem é; porque quando nós decidimos que na época do defeso vocês vão receber o salário-desemprego, nós precisamos saber se a pessoa que está recebendo é mesmo um pescador ou é alguma pessoa que não tem direito e, muitas vezes, alguém de má-fé inscreveu uma pessoa para receber um dinheiro a que não tinha direito.

Então, se a gente quiser cuidar para que as pessoas que trabalham com a pesca tenham acesso à educação; se nós quisermos cuidar para que os filhos de vocês tenham acesso a uma boa educação; se nós quisermos cuidar para que vocês tenham acesso a uma coisa que é importante que todos tenham, que é acesso ao computador – porque os nossos filhos, certamente, irão querer viver uma vida mais digna do que a que nós vivemos, uma profissão melhor, uma profissão que lhes permita ganhar mais – se nós quisermos garantir, então, que as crianças de vocês tenham acesso à informática, e se nós quisermos garantir a vocês que na época que não podem pescar vocês vão ganhar um salário, nós temos que saber qual é a cara do



pescador e da pescadora do Brasil.

Isso está feito. Já foram cadastrados quase todos os pescadores brasileiros. Mais de 40 mil participaram do processo de alfabetização este ano. No ano que vem vamos trabalhar para ver se chegamos a 70 mil ou a 100 mil, porque quanto melhor informados vocês estiverem, mais chances vocês terão de tornar rentável a profissão de vocês.

É por isso que eu saio de Brasília, venho a Macapá e de Macapá venho até Santana. Poderia ter sido feito o contrário: como nós viemos anunciar um monte de obras aqui no estado, seria melhor a gente ter falado: bom, vamos levar meia dúzia de pescadores para representar os pescadores, e nós fazemos num único lugar, um único ato, e matamos toda a questão do estado do Amapá.

Não, nós preferimos vir aqui. Primeiro, para ter a sensação e o prazer de ver a cara de vocês, para ver a fisionomia de vocês. Segundo, para que vocês tenham certeza de que com a presença do Presidente da República, os documentos que foram assinados aqui são para serem cumpridos de verdade, porque também em muitos outros momentos da história do Brasil já se fez muita promessa para o povo brasileiro e, depois que as pessoas ganham as coisas, não acontecem.

Esses dias, presidente Sarney, eu fui à cidade de Osório, no Rio Grande do Sul onde, em 2002, tinha sido entregue a ordem de serviço da BR-101 Sul na mão de um trabalhador da construção civil. O Presidente da República entregou a ordem de serviço, virou as costas. Eu fui, dois anos depois, o trabalhador me entregou a ordem de serviço que tinha recebido do outro Presidente e eu entreguei a minha ordem de serviço para ele e, agora, finalmente, nós estamos próximos de concluir a rodovia mais importante, que vai ligar todo o Mercosul e todos os estados do Mercosul ao Brasil.

Então, meu caro Fritsch, eu quero dar os parabéns a você, porque já veio quatro vezes aqui. Você, Fritsch, pode ter a certeza que toda vez que eu



te procurar, em Brasília, e você não estiver, e me disserem que você está viajando e visitando uma comunidade de pescadores, você está ganhando um pontinho para, quem sabe, num futuro muito próximo, a gente fazer com que a pesca não seja mais tratada numa Secretaria mas, pela sua importância econômica, ela possa ser tratada num Ministério.

Eu sei que aqui, no estado, há muitas reivindicações. E vocês têm um conjunto de deputados, vocês têm senadores da República que sempre que conversam comigo estão trazendo pedidos para que a gente possa atender ao estado do Amapá.

Nós, hoje, assinamos o Decreto que amplia a área de livre comércio de Macapá e Santana, atendendo empresas instaladas fora do perímetro atual, de 220 quilômetros. Nós, hoje, viemos dar a inauguração, eu nunca tinha vindo aqui... Nós viemos visitar o aeroporto, uma obra que vai permitir que o Aeroporto de Macapá, que tem capacidade para receber hoje 170 mil pessoas, possa receber, depois de pronto, 700 mil pessoas, num investimento de 130 milhões de reais.

Vemos hoje, também, inaugurar o Centro de Reabilitação Infantil do Hospital Sarah, que vai cuidar de meninos de até 16 anos de idade, com qualquer tipo de doença cerebral e que precisam de ajuda. É um hospital modelo, é um hospital extraordinário, como poucos lugares do mundo podem ter. Macapá hoje pode se orgulhar, e o estado do Amapá, de ter um hospital daquela magnitude.

Estamos aqui, agora, mas antes de chegarmos aqui, passamos lá no “Zerão”. Passamos lá porque o Ministro do Esporte – que é um companheiro que precisa ser mais aplaudido pelo PCdoB que está lá atrás – o ministro Agnelo foi comunicar ao Governador um crédito de 6 milhões de reais para arrumar aquele complexo esportivo e quem sabe, um dia, quando ele estiver pronto, a gente venha jogar contra vocês, vocês jogam acima da linha do Equador, nós jogamos abaixo da linha do Equador, e vocês permitem que o



time que vai jogar abaixo ganhe porque nós já temos mais idade que vocês. Mas, de qualquer forma, é um projeto extraordinário.

Também o Ministro de Minas e Energia veio comigo hoje, porque a partir do ano que vem, a partir de janeiro, nós vamos começar o programa Luz para Todos fortemente aqui no estado do Amapá, o único estado brasileiro que não tinha o Programa, porque a empresa de energia estava inadimplente. Agora o Ministério de Minas e Energia acertou e nós vamos construir aqui.

Eu quero lembrar, Governador, que o programa Luz para Todos é de graça. Cada ligação custa à União aproximadamente 3 mil reais. E nós, esses dias, estávamos falando: sabe quanto de fio nós já compramos, para fazer o Luz para Todos? Sabe quanto? 127 mil quilômetros de fio. Dariam quase quatro voltas ao planeta Terra. Já compramos 177 mil postes e já geramos alguns milhares de empregos. E o Amapá era o único que não tinha. E vocês sabem o que é morar numa casa sem luz. Quando chega um bico de luz, nós estamos tirando a pessoa das trevas e estamos dando à pessoa a cidadania plena para poder ter uma televisão, para poder ter um liquidificador, para poder ter uma geladeira, para poder ter uma água quente para tomar banho, para dar um banho numa criança. Então, isso é um benefício que nós estamos fazendo no Brasil inteiro. Nós queremos, até 2008, atender as 12 milhões de famílias no Brasil que ainda não têm energia na sua casa, e nós queremos levar para todas as famílias.

Nós também temos um outro sonho, que já está sendo executado: é o sonho da BR-156. Ela já está bastante adiantada, a inauguração de 118 quilômetros de Ferreira Gomes a Igarapé do Breu, mas nós temos outros dois trechos trabalhando. Este ano, em julho, já acertamos com o Presidente da França para a gente começar a ponte. Pelo Brasil já tínhamos começado antes, mas acontece que tem que ter o projeto executivo, tem que ter acordo internacional, é complicado. Mas esta estrada é extremamente importante, porque vai colocar o Amapá como o único estado brasileiro que tem fronteira



direta com a União Européia. E, certamente, isso vai significar mais indústria, vai significar mais emprego, vai significar mais salário, mais distribuição de renda e melhor qualidade de vida para o povo do estado do Amapá.

Mas quero também dizer para vocês que tem outra coisa importante, que eu não pude comunicar hoje, que é a questão fundiária do estado. Falta pouco para que a gente possa acertar e resolver, definitivamente, a questão fundiária no estado do Amapá.

Queria lembrar a vocês que o ProUni, que nós lançamos em janeiro deste ano aqui, na cidade de Macapá, foram 502 vagas abertas para alunos que não podiam entrar na Federal e ganharam bolsa para entrar na universidade. Este ano, já tem mais 150 mil alunos, até junho e, assim, nós estamos fazendo com que uma parte da população que não pode entrar nas escolas federais, e uma parte da população que não pode pagar uma escola particular receba, do governo federal, bolsas de estudo para que possa estudar, porque ninguém pode ser preterido de aprender uma profissão e de ter um curso superior por ser pobre. Cabe ao Estado garantir a todos a igualdade de condições para que possam estudar.

E aqui, meu caro Nogueira, eu vou lhe dizer uma coisa importante: este ano, e até o ano que vem, nós vamos fazer no Brasil quatro universidades federais novas, vamos transformar cinco faculdades existentes em universidades federais e vamos fazer 28 extensões de universidades federais que estão nas capitais, para o interior do país, para que a gente possa em quatro anos ter a possibilidade de ter, entre o ProUni e as Federais, além das vagas já existentes, mais 760 mil novas vagas. Por isso, ontem à noite foi publicado no Diário o concurso para a contratação de mais 4 mil professores, para que a gente possa atender esta demanda enorme de jovens que estavam marginalizados e que, agora, vão ter a oportunidade, como vocês, pescadores.

Mais ainda, o Fritsch deveria ter falado aqui e não falou do financiamento de barcos. A nossa idéia é que, da mesma forma que um



cidadão pode ir ao banco pegar dinheiro para financiar um carro para passear, muito mais justo é o pescador poder pegar um dinheirinho para financiar um pequeno barquinho, para que ele possa pescar e pagar a prestação com o resultado do seu trabalho.

Eu quero concluir dizendo a vocês que aqui no estado do Amapá nós temos uma coisa importante, meu caro Governador. Aqui no estado do Amapá nós temos 11.200 famílias que recebem o Bolsa Família. Ainda temos 12 mil que recebem o Bolsa Escola, que vai ser transferido para o Bolsa Família. E ainda temos 114 famílias recebendo o Bolsa Alimentação, que também vai passar para o Bolsa Família porque veja uma coisa, enquanto no Bolsa Família 11 mil famílias recebem praticamente 800 mil reais por mês, no Bolsa Escola 12 mil famílias recebem apenas 289. Então, nós vamos pegar todas as pessoas que estão no Vale-Gás, no Bolsa Alimentação e no Bolsa Escola e transferir para o Bolsa Família porque vai entrar muito mais recursos no estado e porque as pessoas, quando recebem o Bolsa Família, conquistam, definitivamente, a sua cidadania.

Queria dizer também a vocês, trabalhadores e trabalhadoras e Santana, que cada visita que nós fazemos no estado é carregada, pelo menos para a minha consciência e para a minha alma, de muita emoção. Eu não sei quando vou voltar aqui.

A única coisa que posso dizer para vocês é que, graças a Deus, há duas semanas o IBGE publicou um estudo, e o que dizia no estudo? Há muito tempo que a pobreza não era reduzida no país. Há muito tempo que os 50% mais pobres da população não tinham um ganho, e há muito tempo os 10% mais ricos não tinham uma perda.

Significa que eu posso, hoje, olhar na cara da pescadora mais idosa que tem aqui, olhar na cara do pescador mais novo que tem aqui e dizer para vocês: tenham a confiança de que, finalmente, o Brasil encontrou o caminho para se transformar num país desenvolvido, num país que vai crescer



economicamente, num país que vai fazer uma política social cada vez mais forte, num país que vai crescer muito mais do que cresceu até agora. Porque é esse crescimento, com justiça social, que pode permitir que daqui a alguns anos a gente possa ter a certeza de que o Brasil deixou de ser um país emergente, de que o Brasil deixou de ser um país pobre e passou a ser um país que participa do rol dos países ricos.

Vocês sabem que isso não é construído em apenas quatro anos, nem em quatro meses, nem em quatro dias. Às vezes, leva décadas, décadas e décadas. O que é preciso é que a gente, a cada ano, evolua um passo, um outro passo. E daqui a algum tempo nós teremos dado uma caminhada tão enorme que nós conquistaremos tudo aquilo que nós queríamos.

O nosso companheiro Nogueira está há 11 meses no governo. Eu sei que já tem muita gente dizendo: “Puxa vida, mas ele dizia tanta coisa nos comícios, porque o Nogueira não fez aquilo que ele disse?” Ele não fez e nem podia fazer porque em 11 meses a gente não muda uma história construída em 30, 40, 50, 60 ou 70 anos.

Toda vez que a gente tiver que cobrar de um companheiro em excesso, a gente tem que se lembrar da vida da gente, o que a gente prometeu para a mulher da gente quando a gente se casou e o que a gente já fez. A gente tem que se lembrar qual era o projeto que a gente tinha para nós mesmos, dez anos atrás, e o que nós conseguimos fazer, porque nós vamos perceber que não é possível, em um ano, fazer tudo; não é possível, em dois anos, fazer tudo. E eu digo sempre: não é possível, em quatro anos, a gente mudar uma história de 500 anos em que o pobre foi marginalizado neste país.

O que é importante a gente saber é que o tijolinho que a gente colocou ali para fazer o alicerce, a amarração que a gente fez com ferro e com arame, o cimento que a gente jogou ali é de tamanha qualidade que a gente vai ter a certeza de que essa casa nunca vai cair, essa casa nunca vai quebrar porque ela tem alicerce muito forte.



É isso que nós fizemos com a economia brasileira. E se você quiser fazer um bom governo, meu caro Nogueira, faça todo o sacrifício e toda a mudança que tiver que fazer agora, porque se deixar para fazer no último ano, não fará. Então, faça agora as mudanças que tiver que fazer, as coisas que tiver que fazer porque, lamentavelmente, muitas cidades brasileiras estão muito viciadas. Você tem que juntar o movimento social, juntar os partidos que te apoiaram, criar mecanismos que te dêem força para que você e a Câmara possam fazer as mudanças que têm que ser feitas. Porque, meu caro, não é todo santo dia que a gente tem oportunidade. E já que você a pegou, pelo amor de Deus não largue-a, porque eu acho que o povo de Santana precisa de você e precisa de gente competente no município.

No mais, meus queridos companheiros e companheiras, eu quero fazer justiça, aqui, e quero agradecer pessoalmente. Posso dizer para vocês que nesses três anos de Presidência da República eu tenho tido uma lição de humildade, de companheirismo do presidente José Sarney. Tenho tido uma lição.

Muita gente neste país é boa para fazer discurso. Muita gente é boa para xingar todo mundo, muita gente é boa para fazer barulho, mas o presidente Sarney não, ele chega para mim, com um papelzinho e fala: “Presidente, isso aqui são as necessidades do Amapá. Por favor, se puder, faça isso”. Toda vez que me encontra.

O Gilvan está lá há pouco, há 20 dias, está lá... Eu espero que o Gilvan também comece, porque aí já não é mais um, já são dois entregando papelzinho. Se eu atender metade, já estou atendendo 100% do que estão pedindo.

Mas, eu estou dizendo isso para fazer justiça às pessoas que têm me ajudado. Eu sei que tem mais coisas para se fazer para o estado, eu sei da questão da Zona Franca do Amapá, eu sei da importância que isso tem para o estado. Não pensem que é fácil, porque o Sarney tem experiência, e aquele



Congresso tem um peso muito grande dos estados industrializados. Então, toda vez que você tenta fazer alguma coisa para o Norte e para o Nordeste, tem sempre alguém contra. É preciso conversar muito.

Mas fiquem certos de que o estado do Amazonas ou, melhor, a região amazônica está tendo o que ela merece. O programa de desenvolvimento da região Norte já está pronto, os projetos estão prontos, já anunciamos o gasoduto Quari-Manaus. Estamos, agora, trabalhando o projeto de um gasoduto da Venezuela até a Argentina, passando pelo Amapá, porque nós temos consciência, e eu trabalho com a seguinte idéia: o século XIX foi o século da União Européia, a Europa ganhou muito, depois teve uma guerra, mas a Europa ganhou muito. O século XX foi o século dos Estados Unidos, século de recuperação da Europa e, no final do século, um pouco da China e também do Japão. Eu tenho dito para todo mundo: nós, brasileiros, homens, crianças, pessoas de idade, homens e mulheres, precisamos firmar a convicção de que o século XXI não pode ser de quem já teve o século XX e o século XIX. O século XXI tem que ser do Brasil e da América do Sul porque a gente não pode abrir mão do nosso desenvolvimento.

E é por isso que estamos trabalhando essas grandes obras de infraestrutura. E dentre essas obras de infra-estrutura, que são obras grandes, de bilhões e bilhões, a gente não poderia esquecer uma pequena obra, do ponto de vista da quantidade de dinheiro, uma pequena obra do ponto de vista do atendimento das pessoas, mas uma obra tão simbólica quanto qualquer outra, que é o Terminal Pesqueiro sonhado por vocês.

Meus parabéns aos pescadores do estado do Amapá. Meus parabéns aos pescadores de Santana. Meus parabéns, ministro Fritsch. Meus parabéns, Governador. Meus parabéns, Prefeito, e que Deus abençoe a todos nós.

Obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do Centro de Reabilitação Infantil – Rede Sarah de Reabilitação-Unidade de Macapá

Macapá - Amapá, 20 de dezembro de 2005

Boa tarde a todos os homens e mulheres do Amapá,

Meu querido companheiro Antonio Waldez Góes, governador do estado do Amapá,

Meu querido companheiro José Sarney, ex-presidente da República e senador pelo estado do Amapá,

Meu caro dr. Aloysio Campos da Paz Júnior, presidente da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação,

Meu caro senador Gilvan Borges,

Meus companheiros ministros, deputados federais, deputados estaduais,

Minha cara Lúcia Braga, diretora da Rede Sarah,

Eu estou feliz com os discursos que eu já ouvi. Portanto, não se impressionem com a quantidade de papel que eu tenho aqui na mão, isso aqui é para impressionar vocês.

Toda vez, meu caro Lelé, que tenho a oportunidade, ou de visitar um hospital da Rede Sarah para visitar alguma pessoa que esteja com problemas, ou para inauguração – essa é a segunda vez que eu venho em pouco tempo, uma foi em Brasília – eu fico imaginando que jamais qualquer um de nós poderia imaginar que um hospital pudesse ser uma coisa prazerosa porque, normalmente, a impressão que um doente tem de um hospital é que ao chegar num hospital, sobretudo a parte mais pobre da população, é colocada num quarto ou numa enfermaria sem a possibilidade de um acompanhante e essa pessoa, muitas vezes, fica muito mais doente do que quando entrou no hospital



porque fica isolada, fica sozinha, fica numa situação difícil.

Normalmente, tanto hospitais quanto escolas públicas no Brasil, muitas vezes são feitos de forma a não aproveitar a energia mais barata que Deus nos deu, que é a própria energia solar, o calor do sol, a claridade do sol e cada vez que eu entro no Sarah eu fico imaginando: eu estou entrando em alguma coisa que não é apenas um centro de recuperação de pessoas que têm problemas.

Isto aqui é, sobretudo, um centro de esperança. Isto aqui é algo mais do que tratar de uma deficiência que tenha uma criança ou adolescente. Isto aqui trata da alma da mãe e do pai que consegue colocar uma criança aqui dentro para ser tratada, porque somente quem entende, somente quem já trabalhou com uma criança com problemas cerebrais tem noção do trabalho que é cuidar de uma criança: a falta de paciência, a falta de preparo, os contratempos entre a necessidade de cuidar e a falta de tempo de cuidar por falta de treinamento, por falta de preparo. Somente profissionais especializados são capazes de dedicar esse tempo extraordinário.

Eu não sei quanto tempo faz que eu conheci a dra. Lúcia, mas quando eu fui pela primeira vez ao Sarah visitar um companheiro, eu encontrei a dra. Lúcia, ela era muito... não sei se era menina porque ela tem a cara de menina, mas era muito nova, e aí eu fiquei imaginando como é que uma pessoa tão jovem... vi, agora, um monte de profissionais ali sentados no chão cuidando de crianças e fico imaginando: não é apenas por salário, salário não resolve esse problema, tem que ter um prazer interior, tem que ter uma coisa mais forte.

Por isso, Saraiva, de coração, eu fico feliz que tenhas renovado o acordo com a Rede Sarah por mais cinco anos porque – eu posso dizer isso aqui na frente dos meus companheiros do Ministério da Saúde – normalmente, havia divergências se o Estado deveria bancar um tipo de tratamento como este que dá o Sarah, porque é um tratamento de primeiríssima qualidade. No fundo, no fundo, no Brasil as pessoas às vezes não querem investir ou têm medo das coisas boas, bonitas e funcionais, como se pobre tivesse que ser tratado com



tratamento de segunda categoria ou de terceira categoria.

Na verdade, quando nós criamos o SUS, foi para isso, foi para dar ao mais pobre ser humano deste país a mesma qualidade do mais rico ser humano deste país, dentro da rede pública. E eu, a cada vez que venho ao Sarah, eu saio com o prazer, com a satisfação... quando uma mãe entra numa piscina para cuidar do seu filho, é diferente da rede tradicional, em que às vezes você pode fazer uma visita no domingo à tarde e, chega no domingo a tarde, todo mundo tem o mesmo horário para fazer visita; fica três horas esperando para entrar e, quando entra, tem outros familiares brigando porque querem entrar; você fica cinco ou dez minutos e sai de lá insatisfeito, o elevador está sempre lotado.... Aqui, mais do que tratar, a gente está dizendo para a mãe e para o pai: olhe, ao invés de ficar choramingando em casa a infelicidade de ter tido um filho com algum problema, abra a tua mente, o teu coração e venha trabalhar junto conosco, porque será tudo muito mais fácil.

Eu não sei dr. Aloysio, o quanto nós vamos inaugurar daqui para a frente porque nós estamos trabalhando a questão da saúde com um carinho especial. Eu sempre fui adepto da filosofia de que se a gente tiver saúde, o resto a gente enfrenta.

Nós estamos fazendo algumas coisas importantes para a região da Amazônia: a implementação do projeto de cooperação técnica com o Peru e com a Colômbia para as ações de controle sanitário em toda a nossa fronteira; os convênios com a Marinha para a operação dos navios de assistência hospitalar nos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará e Roraima; os de cooperação técnico-científica em parceria com a Faculdade de Medicina do ABC de São Paulo para atendimentos oftalmológicos; os investimentos do governo federal na Amazônia Legal, aqui, um dado importante: têm pessoas que não gostam que eu fale, mas eu gosto de falar e eu vou dar um dado para vocês verem a diferença entre a teoria e a prática: os investimentos do governo federal na Amazônia Legal, por meio de convênios, que eram de 53 milhões de



reais em 2002, chegarão ao final de 2005 em 543 milhões de reais.

É importante lembrar que nós aumentamos as equipes do Saúde da Família em 45%, desde que nós entramos. É importante lembrar que terminaremos o ano de 2006, meu caro dr. Aloysio e minha cara Lucinha, meus amigos, terminaremos o ano de 2006 com 400 centros de saúde bucal, onde pela primeira vez na história republicana, uma criança pobre vai poder fazer o tratamento de ortodontia, vai poder fazer tratamento de canal, vai poder recuperar... uma pessoa de idade vai poder fazer uma prótese decente, com protético, de graça, com horário marcado. Não precisa sair às três horas da manhã, pode marcar. E vai ter 400 centros em todo país, cada centro tratando de uma população de 500 mil habitantes.

Da mesma forma, vocês estão tendo a experiência do Samu. O Samu, numa grande cidade, eu vou dar um exemplo: em São Paulo, em um estudo que nós fizemos, um acidente acontecido numa determinada região, até levar para um hospital do centro de São Paulo, levava em média 42 minutos; depois do Samu, leva-se em 12 minutos, ou seja, são 30 minutos de diferença, o que dá para a gente recuperar muitas e muitas vidas.

Mas temos muitas coisas para fazer. O Felipe falou da farmácia popular, mas nós queremos mais do que a farmácia popular. O Felipe está trabalhando junto com os laboratórios, tentando encontrar um jeito de forçá-los a serem mais humanistas e vender remédio a granel. Não é possível que um cidadão se levante com dor de cabeça, queira tomar apenas um comprimido, e tenha que ir à farmácia comprar um tablete que tem quatro, que tem dez ou que tem cinco, para ficar a metade estocada, porque na casa de todo brasileiro tem uma farmácia num canto qualquer, com remédio vencido que muitas vezes não vale nada, quando a pessoa poderia comprar apenas o que quer: “Eu não quero dois, eu quero um. Eu não quero cinco, eu quero dois”.

Nós precisamos, então, induzir a indústria farmacêutica brasileira a entender, como o mundo desenvolvido já entende, que vender remédio a



granel é uma vantagem para o consumidor e para o país. E as empresas apenas terão que contratar alguns trabalhadores a mais, possivelmente algumas máquinas a mais e, possivelmente, até possam ganhar mais, não haverá diminuição nos seus ganhos.

O que nós precisamos é discutir a lógica da saúde pela lógica das necessidades da população e não pela lógica dos donos dos laboratórios ou pela lógica dos hospitais; tem que ser pela lógica das pessoas.

Por isso, de coração, eu saio daqui, Lelé, mais uma vez, encantado. Encantado porque isto aqui, para quem nunca veio aqui, para quem nunca esteve doente e para quem nunca ficou internado, pode vir aqui e pensar que visitou um hospital. Eu saio daqui com a convicção de que isto aqui é mais, muito mais do que um hospital. Isto aqui é um centro de diminuição de sofrimento de quem tem problema, e do aumento do prazer de quem não perdeu a esperança de que, com um bom tratamento, vai ser curado definitivamente.

Muito obrigado. Que Deus abençoe a todos vocês. E Amapá merece mais do que isso.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de visita às obras do novo Aeroporto Internacional de Macapá
Macapá – Amapá - 20 de dezembro de 2005**

Antonio Waldez Góes da Silva, governador do estado do Amapá,

Meu caro senador da República, ex-presidente da República, ex-presidente do Senado, senador José Sarney,

Meu caro recém-empossado senador Gilvan Borges,

É importante que vocês saibam que estão comigo alguns ministros que vieram aqui para fazer coisas importantes, não neste ato, mas em outros atos.

Está comigo o meu ministro da Saúde, Saraiva Felipe, que veio aqui para inaugurar o Hospital Sarah, que há muito tempo estava esperando para ser inaugurado, e também para dar uma olhada no esqueleto do Hospital do Câncer que está aí, já há muito tempo parado com problemas de orientação do Tribunal de Contas da União, mas ele vai fazer uma visita para ver o que a gente pode fazer.

Está aqui o nosso ministro de Minas e Energia, Silas Rondeau, um companheiro que não veio inaugurar nada, ele apenas veio comigo para dizer que a partir de janeiro começa o programa Luz para Todos no estado do Amapá, o único estado da Federação que não tinha o programa Luz para Todos, porque a empresa de energia estava inadimplente. Mas nós resolvemos que o povo do Amapá não pode “pagar o pato” por causa da inadimplência de uma empresa e, portanto, vamos tratar de resolver este problema.

Está comigo o ministro do Esporte, Agnelo Queiroz, ele veio aqui para anunciar o começo dos investimentos no “Zerão” para ver se a gente consegue... Está aqui o nosso companheiro José Fritsch, secretário-geral da Secretaria Especial de Aqüicultura e Pesca, que vai a Santana comigo para que a gente dê início, assine o acordo para o Terminal Pesqueiro de Santana,



no estado de Amapá, e também um programa de inclusão digital, um programa de alfabetização e outros programas para os pescadores deste estado.

Quero também agradecer aqui a presença do deputado Jorge Emanuel Amanajás Cardoso, presidente da Assembléia Legislativa,

Os deputados Badu Picanço, Benedito Dias, Cel. Alves, Davi Alcolumbre, Eduardo Seabra, Gervásio Oliveira e Hélio Esteves,

A nominata é grande.

Quero cumprimentar as deputadas estaduais Francisca Favacho e Roseli, deputados estaduais Dalton Martins, Eider Pena e Joel Banha,

Quero cumprimentar os prefeitos Adelson, de Vitória do Jari; Antônio Nogueira de Santana; (inaudível), Manoel Raimundo, o delegado de Cutias; Marmitão, de Mazagão; Merivaldo, de Itaupal e a nossa querida Francimar Santos, de Serra do Navio,

Quero cumprimentar a nossa companheira Eleuza Lores, diretora de Engenharia da Infraero, que está aqui substituindo o insubstituível companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero, responsável direto por esta obra,

Quero cumprimentar os moradores e as moradoras de Macapá e região, Funcionários e funcionárias da Infraero e empresas terceirizadas que trabalham na construção do novo terminal de passageiros deste aeroporto,

Meus amigos e minhas amigas,

Como nós temos uma atividade extensa, eu vou ser breve no meu discurso mas eu queria começar dizendo a vocês os meus agradecimentos aos deputados federais do Amapá, os meus agradecimentos aos senadores do Amapá e como o Gilvan está há apenas 20 dias, eu quero dizer para vocês que o trabalho que o presidente Sarney faz, em nome do Amapá, para ajudar o governo federal é inestimável e ninguém mais do que o presidente Sarney, junto com a bancada de deputados federais, tem brigado, tem lutado para que a gente consiga trazer recursos para investimento no estado do Amapá. E esta obra do Aeroporto é um exemplo disso. Não é uma pequena obra.



Vocês sabem que todo animal que nasce, normalmente adota o primeiro rosto que ele vê como o pai e a mãe. Um aeroporto é o primeiro cartão de visita de alguém de outro estado que vem visitar o Amapá. Vocês, melhor do que ninguém sabem, sobretudo, as mulheres sabem. Quando a gente vai visitar uma casa e a gente chega, entra na sala e já vê as coisas todas desarrumadas, entra na cozinha e vê aquele monte de louça suja em cima da pia, a gente já pensa: aqui alguma coisa não anda bem. Agora, quando a gente chega numa casa, mesmo que pobre, e a gente encontra tudo no lugar, tudo limpinho, a gente fala: aqui as coisas estão bem.

O estado do Amapá é um estado importante para o Brasil e ele será mais importante na medida em que nós consigamos vislumbrar o que pode ser o Amapá nos próximos anos, na hora em que a gente tiver a estrada concluída, na hora em que a gente tiver a ponte sobre o rio Oiapoque feita e na hora em que a gente tiver consagrado o marco, que eu acho que as pessoas só vão se dar conta no futuro, um marco extremamente importante.

O Brasil passará a ser um país que vai ter fronteira com a França, ou seja, é a União Européia se aproximando do Brasil e o Brasil se aproximando da União Européia, podendo facilitar o incremento de turistas franceses para conhecer o nosso querido estado do Amapá e fazer com que os brasileiros possam conhecer também a parte francesa. Certamente, um aeroporto como este vai motivar empresários a visitarem o estado do Amapá, eles vão perceber que aqui é plenamente possível fazer novos investimentos, sobretudo empresas que querem exportar para a Europa, que querem exportar para a França. As novas empresas trarão investimentos, trarão empregos, pagarão salários, aumentarão a renda, vão fazer com que o povo possa comprar mais, vai dinamizar o comércio do estado do Amapá e tudo pode melhorar nesta região, na hora em que a gente fizer as obras necessárias para dar ao Amapá a infra-estrutura necessária que um povo e um estado têm que ter para o seu desenvolvimento. São 130 milhões em investimentos.



Nós vamos sair de 170 mil passageiros/ano, para 700 mil passageiros/ano. É uma marca extraordinária e mais ainda, o prefeito de Macapá vai ganhar porque a nossa companheira da Infraero me deu um recado – dada pelo nosso companheiro Carlos Wilson que não pôde estar aqui – que esta obra onde está instalado o canteiro de obras, quando terminar o aeroporto, será dada à prefeitura de Macapá, para que ela possa fazer algum projeto social nesta área que está instalada aqui.

Bem, esse é o conjunto de obras. Eu ia visitar um trecho da estrada, mas não posso ir porque teríamos que trazer helicópteros grandes de Brasília, ficaria muito caro, muito dispendioso e levaria algum tempo para ir lá, mas na conversa que tive com o presidente francês, o presidente Chirac, nós acertamos de que nós precisamos trabalhar urgentemente para inaugurar essa ponte. Vocês sabem que uma obra binacional é sempre muito difícil. É muito fácil a gente falar, é muito fácil fazer um discurso, mas na hora em que a gente vai colocar no papel a regulamentação para fazer uma ponte dessa, tem tanta vírgula jurídica, tem tantos empecilhos que, um dia, eu tive que evitar porque estavam viajando 11 advogados brasileiros para se reunirem com mais de dez advogados franceses. Eu falei: espera aí, é muito advogado, para o meu gosto, viajando para resolver um problema dessa ponte. Mas é uma coisa difícil.

Em julho, o presidente Chirac e eu assinamos o protocolo definitivo e agora falta a gente acertar a data de começar essa ponte, porque essa ponte também não é muito larga e eu acho que a gente, brevemente, vai poder estourar um champanhe francês e um brasileiro no meio da ponte, com todos nós presentes aqui, porque vai mudar a história do estado do Amapá.

Uma outra coisa importante que é preciso dizer para vocês é o seguinte: eu também ia trazer hoje, para assinar, um decreto de regularização fundiária no estado, Governador. No avião, mostrei o decreto para o presidente Sarney e descobrimos que tinha algumas falhas, então, eu prefiro deixar para anunciar quando a gente trazer as coisas certinhas, porque o estado do Amapá já



espera há muito tempo para que a gente possa resolver definitivamente essa questão fundiária aqui do estado.

Eu posso garantir que logo, logo, o governador será convidado à Brasília para que a gente possa fazer definitivamente esse ato e o estado ficar tranqüilo com as suas terras e também resolver o problema de outros estados. A questão dos servidores públicos é outra demanda também da nossa bancada, mas eu não posso nem falar bom-dia para o presidente Sarney que ele me entrega um pedidinho dos servidores do Amapá.

Eu quero dizer que nós temos problemas. Veja, foi criada a gratificação para os professores de 1º e 2º graus aqui no estado, recebi a informação do Ministério do Planejamento, um reajuste médio de 61%. Os policiais militares e bombeiros vão ter a gratificação por serviço voluntário; auxílio-alimentação, foi confirmado o valor de 450 reais; o auxílio-fardamento, direito ao transporte para aperfeiçoamento fora da sede. Nós temos dois problemas que estão pendentes porque não dependem apenas do Ministério do Planejamento, dependem de um parecer do Tribunal de Contas da União, que são casos de 1.050 funcionários do estado, 1.000 e poucos funcionários da prefeitura e o Tribunal de Contas, na verdade, tinha a orientação de que esses funcionários deveriam ser demitidos porque foram contratados sem prestar concurso.

A verdade é que nós não estamos num momento em que a gente possa se dar ao luxo de demitir funcionários no Brasil porque nós estamos precisando gerar empregos e estamos precisando gerar renda. Agora, eu acabei de ligar para o Ministro do Planejamento, ali da sala em que eu estava, com os deputados e senadores, e o ministro Paulo Bernardo disse que nós tínhamos constituído um grupo de trabalho, que terminou o serviço, e nós analisamos que em Rondônia houve um caso parecido com o que está acontecendo aqui no Amapá e foi resolvido o caso de Rondônia.

Portanto, não se pode ter dois pesos e duas medidas. Se os de Rondônia puderam ser contratados, certamente os funcionários daqui também



serão contratados e eu disse ao presidente Sarney, ao senador Gilvan Borges, aos deputados que é preciso eles também ajudarem, e conversar no Tribunal de Contas da União para tirar todos os empecilhos. E que a gente possa, já no começo do ano, estar com a situação de todos os servidores regularizadas porque se a vida do servidor não está regularizada, é um drama igual ao de um cidadão que mora numa casa que não tem escritura do terreno, ele está sempre dormindo com medo de, no dia seguinte, vir alguém e dizer: este terreno é meu, sai daqui. Quando ele tem a escritura definitiva, ele passa a dormir tranqüilo e sossegado.

Esse negócio de o servidor não ter garantia se vai continuar trabalhando ou não deve ser uma agonia para todo mundo porque todo mundo tem família, todo mundo tem filho para sustentar, aluguel para pagar, prestação para pagar. Essas coisas têm que ser resolvidas e eu quero dizer para vocês que, no mais tardar, no comecinho do ano, os nossos deputados, senadores, nosso governador e o nosso prefeito vão poder dar essa boa notícia para vocês.

Por fim, companheiros, eu quero dizer para vocês que a alegria de voltar a este estado não é pequena. Eu tenho uma passagem de muitos anos por esses estados, de muitos anos. Eu já visitei muitas regiões deste estado, desde 1993, ou melhor, desde 1980 eu venho aqui, mas eu fiz a Caravana aqui em 1993, eu andei de trem, eu andei de barco. Eu me lembro, presidente Sarney, quando eu fui a Laranjal do Jari, na época tinha um prefeito que eu não sei quem era, já faz muito tempo, que jogou piche em cima da areia, a gente andava na rua com o piche grudado na sola do sapato, e ele fez aquilo para mostrar que estava fazendo um benefício. Fui conhecer as palafitas, fui conhecer o Projeto Jari fui conhecer outros projetos na região e eu acho que o Amapá é um estado que está pronto para dar o seu salto de qualidade.

O que eu queria pedir a vocês, é que vocês, homens e mulheres deste estado, não permitam que o processo eleitoral deste ano que vem, possa atrapalhar o processo de desenvolvimento que o estado está vivendo. A



eleição é um gesto democrático importante, a eleição é extremamente necessária, ela simboliza o fortalecimento da democracia, portanto, é extraordinário que a gente tenha eleição, e muita eleição.

Agora, qual é o problema? O problema é que hoje, no Brasil, o governador toma posse no dia 1º de janeiro, como eu tomei, e tem um ano para governar com o orçamento do governo anterior. Ele só pode construir o seu orçamento de 2003 para 2004. Acontece que, em 2004, já teve eleição para a prefeitura da cidade e uma eleição na capital é quase uma eleição do estado, porque envolve muitos interesses, muita disputa política, ou seja, é praticamente meio ano dedicado às eleições. Depois, ele teve 2005 para governar. Acontece que quatro anos para quem está governando é muito pouco, mas para quem está na oposição, quatro anos é uma eternidade. Então, há sempre esse conflito.

Ora, que a eleição se dê da forma mais tranqüila, que a disputa se dê da forma mais democrática, que se lancem quantos candidatos quiserem, mas que a gente tome em conta que uma eleição, se não ajudar, ela não pode atrapalhar as obras que estão em andamento no estado, não pode, porque senão será o pior dos mundos, porque as pessoas vão começar a se dar conta de que aquilo que parecia muito bom pode não ser bom se as pessoas não tiverem juízo para fazer uma disputa eleitoral e não uma guerra contra o desenvolvimento do estado, da nação ou de uma cidade.

Eu estou dizendo isso porque o Brasil, finalmente, encontrou o seu rumo, vocês viram, sem nenhuma briga, sem nenhum grito – eu, que passei 20 anos da minha vida gritando “fora FMI” – vocês viram que no ano passado nós não fizemos acordo com o FMI, vocês viram que este ano, agora, na semana passada, nós tivemos um gesto de quem conquista a sua independência. Vocês sabem que o Brasil tinha quebrado em 1998, o Brasil tinha quebrado em 2001, e vocês sabem que o Brasil teve que pegar 30 bilhões de dólares emprestados do FMI para ficar como garantia.



O que aconteceu agora? Na semana passada nós decidimos devolver para o FMI 15 bilhões de dólares que não estavam sendo utilizados. Quando nós pegamos o governo, não tinha praticamente reserva para garantir as nossas importações e hoje nós temos uma reserva de 60 bilhões de dólares e nós, então, quisemos anunciar ao mundo: acabou o tempo da colonização deste país. Nós, agora, viramos donos do nosso nariz. Nós temos dinheiro, temos exportação, temos produção e nós, agora, vamos nos auto-administrar sem precisar imposição. Também não fizemos nenhum barulho, não fizemos nenhuma bravata, apenas quisemos dizer ao mundo: olha, o Brasil atingiu a sua maioria na sua política internacional, temos tranqüilidade para seguir em frente, temos tranqüilidade para crescer muito mais, temos tranqüilidade para gerar muito mais empregos do que já geramos nesses 36 meses, temos possibilidade de aumentar os níveis salariais dos trabalhadores, temos possibilidade de melhorar o salário mínimo, tudo isso com muita tranqüilidade.

Eu, toda vez que penso nisso eu me lembro do tempo em que eu estava trabalhando e tinha companheiro meu que recebia o salário, ia para uma mesa de snooker jogar e, no dia seguinte, ele estava pedindo cinco reais emprestados, porque tinha perdido o salário na mesa de snooker. Os mais sérios recebiam o seu salário, levavam para casa. Nós nos sentávamos com a esposa da gente, decidíamos o que pagar, guardávamos o restinho. No Brasil é a mesma coisa.

Vocês não têm noção do que é a loucura de 27 estados, de quase 6 mil prefeitos, pedindo recursos para os seus estados e para prefeituras. É como se fosse um pai que tivesse 6 mil filhos e 27 governadores, ou seja, todo mundo precisa de mais recursos. Então você precisa, de forma cuidadosa, saber como você dá, para quem você dá, o que é prioridade, o que não é, porque senão você começa a gastar demais e daqui a pouco sobra dinheiro ou falta dinheiro e você fica na mesma ciranda que o Brasil sempre ficou, na mesma ciranda. Parece que vai para frente e não vai, parece que vai para frente e não vai.



Eu trabalho com a idéia de que o Brasil precisa ter, no mínimo, uns dez ou 15 anos de crescimento contínuo, para que a gente possa dar a estabilidade definitiva, resolver os problemas salariais do Brasil, resolver o problema do crescimento econômico e colocar o Brasil no patamar dos países desenvolvidos, em que as regiões não sejam divididas como são hoje, entre regiões pobres e regiões ricas, mas que o Brasil seja mais ou menos igual, e que as mesmas oportunidades que têm São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, a gente possa dizer ao povo do Amapá, ao povo do Acre, ao povo de Roraima, ao povo do Pará, ao povo do estado do Amazonas, porque é assim que nós vamos construir um país justo, um país mais solidário, um país com mais distribuição de riqueza. Este país está sendo construído agora e é aqui. Vocês vão ver quando terminarem esta obra, qual vai ser o resultado disso para o desenvolvimento do nosso querido estado do Amapá.

Por isso, eu quero agradecer outra vez aos nossos senadores, aos nossos deputados, agradecer à Direção da Infraero, através do nosso presidente Carlos Wilson. Na história do Brasil, em nenhum momento da história, houve alguém da Infraero que investisse, em quatro anos, o tanto que o presidente Carlos Wilson e o nosso governo está investindo para consertar todos os aeroportos brasileiros. Não é só o Amapá, não. Na sexta-feira vamos inaugurar uma outra parte do aeroporto de São Paulo, vamos inaugurar a segunda pista de Brasília na próxima quinta-feira. Estamos construindo o aeroporto de Goiânia, vamos inaugurar definitivamente o aeroporto de Recife e, por onde você chegar, você vai perceber que tem uma obra de aeroporto sendo terminada, porque nós achamos que o aeroporto é a possibilidade de convencer empresários de outras regiões a visitarem outros estados e se motivarem a fazer seus investimentos.

Por isso, eu quero agradecer a todos que contribuíram para que pudéssemos estar vivendo este momento. Quero agradecer a vocês por terem vindo ao aeroporto, eu sei que não é perto, eu sei que vocês fizeram um



sacrifício para vir aqui, mas quero dizer para vocês que até nisso Deus está ajudando, porque o tempo não está tão quente como eu pensei que estaria, como estava de outras vezes que eu vim aqui.

Então, eu quero dizer para vocês o seguinte: é com muita alegria, é com muita emoção que eu estou outra vez no estado do Amapá e tenham a certeza que aqui voltarei outras vezes, sobretudo para inaugurar este aeroporto, não pode ser em janeiro de 2007, ele tem que ser inaugurado ainda em 2006 porque nós precisamos colher aquilo que nós plantamos e não vamos deixar para ninguém colher a semente que nós botamos embaixo da terra.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de posse do novo secretário especial dos Direitos Humanos, Paulo Vannuchi

Palácio do Planalto, 21 de dezembro de 2005

Meus companheiros ministros,

Companheiros e companheiras envolvidos direta e indiretamente nas questões dos direitos humanos no Brasil,

Companheiros sindicalistas – é surpreendente como avançou, quantos sindicalistas preocupados com os direitos humanos. Estou vendo aqui o João Felício, presidente da CUT.

Mas eu não vou fazer discurso, Paulinho. Não vou fazer discurso, eu vou apenas dizer ao Paulinho que você vai dar continuidade a um trabalho que o nosso querido companheiro Nilmário começou, desde o começo do governo – junto com o Mário Mamede, que depois assumiu interinamente o trabalho do companheiro Nilmário – e teve que se afastar para reorganizar outras coisas no estado de Minas Gerais.

E você, como eles e outros que eu estou vendo aqui, ligados de carne e unha com a questão dos direitos humanos, sabem o que precisa ser feito, sabem os limites das possibilidades políticas, de fazer umas coisas mais rápidas e outras menos rápidas. Mas você sabe que a questão de direitos humanos, no Brasil, é muito abrangente.

Se nós formos analisar a questão dos direitos humanos no Brasil, nós vamos perceber que o leque de assuntos envolvidos na questão dos direitos humanos é de tamanha magnitude que o Ministro responsável pela política de direitos humanos termina sendo um pouco Ministro do Trabalho, termina sendo



um pouco Ministro da Saúde, termina sendo um pouco Ministro da Justiça, termina sendo um pouco Ministro da Fazenda, termina sendo um pouco Ministro do Planejamento, termina sendo um pouco Ministro da Previdência Social, termina sendo um pouco Ministro da Integração. O leque de assuntos que envolve a área é de tal magnitude que, às vezes, eu fico pensando como é que a Nilcéa, a Matilde e o Nilmário não deram tantas trombadas, aí, mais o Márcio Thomaz Bastos, porque os assuntos são pertinentes, às vezes, aos quatro Ministros. E eu sempre tenho a preocupação de que quando tem muita gente tocando o assunto é capaz de aquele assunto não ir para a frente, porque um fica deixando para o outro.

No seu caso, Paulinho, você já tem um acúmulo de experiência do Nilmário e do Mário Mamede. Muita coisa foi construída nesse período, muita coisa. Certamente você, do dia que foi convidado até o dia de hoje, se inteirou de muitas coisas que foram feitas aqui no governo, e certamente você ficou surpreso, como nós tínhamos feito tanta coisa. E você, que é um especialista no assunto, que acompanha pelo que é publicado, não sabia que essas coisas tinham acontecido.

Esse é um dado que faz parte dos direitos humanos: as pessoas receberem as informações corretas para poder saber o que está acontecendo numa Nação, numa comunidade, para fazer juízo de valor daquilo que o governo está fazendo ou não.

Eu não quero que você, Paulinho, seja mais e nem menos do que os companheiros que passaram por aqui. Eu só quero que você seja o Paulo Vannuchi. O Paulo Vannuchi que, junto comigo, batalhou muito no Instituto Cidadania; que ajudou a construir, junto com outros companheiros, os projetos que, muitos deles, estão em execução agora no governo. O Paulo Vannuchi que há tantos e tantos anos trabalha com o movimento sindical, sobretudo com o movimento sindical ligado aos metalúrgicos do ABC. O Paulo Vannuchi que dedicou tantas horas, tantos dias e tantos meses para ajudar na elaboração do



grande livro chamado “Brasil Nunca Mais”, que foi um trabalho árduo e, possivelmente, um dos mais brilhantes trabalhos feitos no nosso país sobre os momentos de autoritarismo que vivemos no Brasil.

E eu quero que você seja um Paulo Vannuchi da família Vannuchi, estou vendo aqui os seus irmãos, as suas filhas, sua companheira. Que você seja a pessoa que conheceu o sofrimento na família, que sofreu na família, que depois aprendeu a estabelecer essa convivência democrática na adversidade, como ninguém no nosso país. Eu sei da tolerância, sei do grau de conhecimento que você tem sobre o assunto, mas também sei da sabedoria política, de saber tratar cada assunto.

É esse Paulinho que está sendo empossado hoje ministro dos Direitos Humanos. Não é o Paulinho desconhecido, não é o Paulinho que está começando agora, é um Paulinho que veio de uma trajetória, inclusive junto com o Nilmário, junto com o Gilney, junto com o Perly, não é isso? Junto com tantos companheiros que construíram muita coisa neste país.

Paulinho, eu só posso te desejar o seguinte: se você for você mesmo, se fizer tudo o que você acredita que tem que ser feito, vai contar – e certamente contará – com a contribuição de todos nós, para que venha a facilitar a sua função. Eu não tenho dúvida nenhuma de que uma das coisas que marcará o nosso governo será a política de direitos humanos. Não tenho dúvida nenhuma de que marcará, pelo resultado, pelo resultado das coisas que acontecerem.

Por isso, Nilmário, eu não poderia elogiar tanto o Paulinho Vannuchi, e o Nilmário já teve que ir embora porque ele está recebendo um prêmio, um título de Cidadão Honorário, lá em Minas Gerais. Mas eu acho que não poderia deixar de agradecer a grandiosidade do papel que o Nilmário teve, nesses três anos, que o Mário Mamede teve, junto com ele, e que você vai ter, Paulinho.

Só posso dizer: você será tratado com o grau de amizade, respeito e conhecimento que nós nos tratamos há tantos e tantos anos. E, se deu certo até agora, certamente vai dar mais certo agora. E você não é mais apenas o



meu parceiro. Eu, agora, sou o seu chefe, o seu Presidente e, portanto, vou ser muito mais duro na cobrança.

Parabéns, Paulinho. Parabéns, que Deus te acompanhe nesta empreitada.



Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do Samu, da Farmácia Popular do Brasil, do Centro de Especialidades Odontológicas e anúncio da construção de um Restaurante Popular e uma Unidade Industrial para a produção de Biodiesel da Petrobras

Montes Claros - MG, 22 de dezembro de 2005

Meu querido companheiro, José Alencar, ministro da Defesa e vice-presidente da República,

Eu não esqueço nunca que foi desta cidade... numa visita que eu fiz com o companheiro José Alencar, na Coteminas, que nós o convencemos a aceitar a ser o nosso candidato a vice, portanto, eu agradeço a Minas e agradeço a Montes Claros o fato de ter este homem junto comigo.

Meu querido companheiro Patrus Ananias, ministro de Desenvolvimento Social,

Meu querido Saraiva Felipe, ministro da Saúde,

Meu querido companheiro Hélio Costa, ministro das Comunicações,

Meu querido companheiro Walfrido dos Mares Guia, do Turismo,

Meu querido companheiro Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu caro Clésio Andrade, vice-governador do estado de Minas Gerais,

Eu não sei se vocês perceberam que Minas Gerais tem quase mais poder do que a Presidência da República, porque, além do vice-presidente da República, tem cinco ministros daqui de Minas Gerais, o que não é pouca coisa, além do Nilmário que foi ministro até outro dia e agora é presidente do PT aqui no estado.

Meus caros deputados federais, Carlos Mota, Clevio Carneiro, Fernando Diniz, Isaias Silvestre, Ivo José, Leonardo Monteiro, Márcio Reinaldo, Zezeu



Ribeiro. Eu não sei o que o Zezeu está fazendo aqui, porque ele é da Bahia, eu não sei o que ele está fazendo aqui. Ah, ele está aqui porque ele é o relator do projeto que está recriando a Sudene.

Meu querido companheiro prefeito de Montes Claros, Athos Avelino,
Meus queridos companheiros e companheiras deputados estaduais,
Meu caro vereador Sebastião Ildeu Maia, presidente da Câmara Municipal,

Meus caros companheiros prefeitos das cidades da região,

Vereadores,

Meus caros cidadãos de Montes Claros,

Meus amigos e minhas amigas.

Eu, já percebi que os homens e as mulheres de Montes Claros têm muita paciência, porque eu não sei se eu estivesse no lugar de vocês se eu estaria há mais de três horas com este sol na cabeça, esperando discurso. Realmente eu quero agradecer porque nós, aqui no palanque e a imprensa ali, estamos na sombra e vocês no sol. No dia em que a gente aprender a colocar o político no sol e o povo na sombra, os atos serão muito mais curtos, as pessoas falarão menos e todo mundo ganhará com isso.

Mas eu quero ser breve porque as pessoas que me antecederam aqui já disseram as coisas importantes que tinham que dizer. Eu vou apenas dizer algumas coisas que não foram ditas. Primeiro, quero fazer um comunicado que o nosso ministro do Turismo, o nosso companheiro Walfrido, empenhou e liberou 2 milhões de reais para a construção do Centro de Convenções e Eventos de Montes Claros, com previsão do início da obra para o começo de 2006. Eu quero que você fique de olho, Prefeito, porque eu estou dizendo “começo de 2006”. Se até o final de janeiro não começar, você precisa cobrar do Walfrido e me cobrar porque senão o povo vai dizer: olha, o Presidente esteve aqui, anunciou uma coisa e essa coisa não aconteceu. Por favor.



A segunda coisa, tem muita gente falando da BR-135. Eu preciso que vocês compreendam o seguinte: eu não era presidente da República ainda, o presidente era o presidente Fernando Henrique Cardoso. O governador não era o governador Aécio, era o Itamar Franco. E depois de eleito Presidente da República, ainda no mês de novembro eu fui a Brasília, pessoalmente, pedir ao Presidente da República que liberasse dinheiro para que o Governador de Minas Gerais e outros governadores assumissem a responsabilidade por 14 mil quilômetros de estradas federais em dez estados brasileiros.

Naquela época foi criada uma medida provisória – o Clésio Andrade sabe porque ele é da CNT, da Confederação Nacional dos Transportes, ele acompanha isso bem – naquela época foi criada a Medida Provisória 82, que transferiu dinheiro, aqui para Minas Gerais foram transferidos no mês de novembro ou no começo de dezembro, 780 milhões de reais para que o estado de Minas Gerais assumisse a responsabilidade por algumas estradas federais aqui em Minas Gerais, dentre as quais a BR-135. Acontece que o dinheiro foi utilizado para uma outra coisa, importante também, porque eu não posso dizer que não é importante. O dinheiro foi utilizado para pagar salário, 13º e salário atrasado. Isso, ainda na época do governador Itamar Franco. Sobraram 280 milhões. Quando o governador Aécio começou, tinha 280 milhões de reais ainda, para obras. Talvez tenha sido utilizado em outras obras. Também não estou dizendo que era menos importante.

Mas o que é que está acontecendo no Brasil de hoje? Ora, os governadores pegaram o dinheiro para fazer a estrada, foi feita a Medida Provisória dando ao governo estadual a responsabilidade de cuidar das estradas, quase nenhum governador no Brasil fez nem um quilômetro de estrada. E agora o que está acontecendo? Os buracos dessas estradas estão recaindo nas costas do governo federal, que passou o dinheiro para os governos estaduais, que não fizeram as estradas. Eu estou dizendo isso não é para tirar a nossa responsabilidade, porque nós não vamos permitir que a



estrada se acabe por conta dessa briga entre governo estadual e governo federal.

O ministro dos Transportes, o nosso companheiro Alfredo, a nossa companheira ministra Dilma, da Casa Civil, já receberam determinação minha de preparar um projeto para que a gente possa retomar os 14 mil quilômetros de estradas federais que nós passamos para os estados, para que a gente possa começar a fazer, porque o povo não pode ser prejudicado nessa coisa que aconteceu no Brasil. Possivelmente agora, no começo de janeiro, estaremos fazendo uma reunião com todos os governadores que receberam o dinheiro, para que eles paguem uma parte. Não queremos nem que devolvam todo o dinheiro, que paguem uma parte, que paguem 30%, que o governo federal arque com 70% e a gente possa refazer as estradas federais. Também é importante lembrar que o ministro Alfredo, no meio deste ano, tentou fazer e o Tribunal de Contas era contra porque, como nós tínhamos passado o dinheiro para os estados, o Tribunal de Contas entendeu que era de responsabilidade dos estados. Agora que o Tribunal de Contas percebe que o estado também não está fazendo, ele está aceitando que a União possa voltar a fazer essas obras.

Segunda coisa importante. Eu não vou falar aqui da farmácia popular, porque o nosso ministro Saraiva já falou, só vou fazer um reparo. Ele disse que seriam 300 centros de saúde bucal e serão 400 centros de saúde bucal espalhados pelo país inteiro. Cada centro pode cuidar de uma população de aproximadamente 500, numa cidade de 500 mil pessoas ou numa região que envolve 500 mil pessoas, e o pobre, a classe média, o professor, o profissional liberal, as pessoas agora vão poder entrar num centro de odontologia, vão poder tratar os dentes com tratamento de primeira categoria, vão poder fazer tratamento de ortodontia para recuperar os dentes. Sabem aqueles aparelhos que se colocam nos dentes, que a gente só vê na classe de gente mais alta? Agora, pobre vai ter vez, também, de que colocar aquilo.



Agora, a prótese dentária, mais conhecida por dentadura – que em muitas regiões do país, em época de eleição, o político sai com uma cesta, distribuindo, sem nem saber se cabe na boca da pessoa – agora, nesses centros, a pessoa vai ter um protético, a pessoa vai lá, vai fazer o molde como deve ser feito, igual a qualquer rico faz no mundo, vai tirar o molde, vai fazer uma prótese, ela vai poder sorrir e as pessoas vão pensar que são dentes naturais.

A terceira coisa importante, Saraiva, é a questão do tratamento de canal. Tratamento de canal é um tratamento difícil. Normalmente, o pobre quando chega no dentista: “tem o tratamento de canal?” “Tem.” “Quanto custa?” “Tanto.” “Arranca que é melhor.” E a gente pensa que nunca acaba porque a gente tem muito, mas acaba. Então, agora, também vai ter tratamento de canal. Dente é tão importante para a nossa vida como é a nossa orelha, como é nosso dedo, como é o nosso nariz. A gente não pode ficar tirando orelha. Por que a gente não tira orelha? Porque só tem duas. E dente a gente tira porque tem mais de 30? Não. Nós precisamos tratar a boca como uma questão de saúde pública. E o pobre tem que ser tratado com respeito neste país, porque eu estou cansado de ver meninas de 18 anos de idade, meninos de 20 anos de idade sem dentes na boca, não podem rir. E quem não ri não arruma nenhuma namorada. O sorriso é o primeiro sinal de que nós somos boa gente. Portanto, esse centro de saúde bucal é uma coisa extremamente interessante, importante.

Vai ser o melhor momento da história do país. Mas a coisa mais importante que nós íamos fazer aqui... Ah, quero lembrar uma coisa que o Felipe falou também e eu quero que prestem atenção porque tem muita gente maldosa. Aqui está cheio de gente bem-intencionada mas pode ter, no nosso meio, um “espírito de porco” para dizer exatamente o contrário do que nós falamos aqui. Vejam, o que o nosso Ministro disse, prestem atenção: o Samu vai ter um número, o número é 192. Então, se vocês estiverem à noite, em



casa, daqui a 15 dias, vão poder chamar pelo telefone. Antes, não vai estar instalado mas, daqui a 15 dias, aqui em Montes Claros vai ser a base, não é isso? Então, alguém de uma cidade vizinha ou alguém de Montes Claros que tiver uma criança doente, tarde da noite, que tiver uma pessoa idosa ou uma pessoa mais nova, tarde da noite, ou tiver um acidente na estrada, vai ligar para o 192 e vai aparecer lá não uma ambulância apenas, que coloca o cara na cama e traz para cá, não. Vai ser quase um pequeno hospital ambulante, esse carro que vai chegar lá. Para você ter dimensão do tempo que a gente ganha, lá em São Paulo, quando nós fizemos o teste, nós pegamos um determinado local de acidente e pegamos um hospital. No trânsito normal, demorava 42 minutos para levar o paciente até o hospital. Com o Samu, nós caímos de 42 minutos para 12 minutos. São 30 minutos na vida de uma pessoa, que podem salvar pessoas. Então, não se esqueçam que o número 192 somente daqui a 15 dias é que vai funcionar perfeitamente bem.

Mas eu queria dizer para vocês o meu xodó, o meu xodó, além da dona Marisa... Deus queira que vocês nunca precisem, Deus queira, nem do Samu. Deus queira que ninguém nunca sofra acidente, Deus queira que não fiquem doentes. E Deus queira que vocês não precisem comprar remédios, mas sempre tem que comprar. Eu fui à Farmácia Popular que inaugurou agora, aqui no mercado e um companheiro – que deveria estar aqui no palanque, mas não está – comprou o primeiro remédio. O remédio que ele pagava na farmácia aqui de Montes Claros, 15 reais e 50 centavos, ele pagou na Farmácia Popular 3 reais e 50 centavos. Não são todos os remédios, são 90 tipos de remédios, são aqueles remédios que as pessoas têm que utilizar todo dia, sobretudo remédio para diabetes, remédio para pressão alta, que todo mundo tem um pouco de pressão alta. Sabe por quê? Porque nós precisamos aprender a fazer um pouco mais de exercício, se levantar um pouco da televisão e andar um pouco mais, que a gente vai perceber que a nossa pressão vai ficar boa. Depois que eu comecei a andar, Ministro, a minha pressão todo dia de manhã



é medida, a minha pressão é a pressão de um menino, 11x7, todo santo dia de manhã. E eu digo sempre o seguinte: eu nunca vou morrer do coração, porque como eu sou corintiano e sofri a vida inteira, eu não vou morrer do coração.

Mas o meu xodó...eu não vou falar do restaurante popular. O restaurante popular é o seguinte: é um restaurante que vai ser feito aqui no mercado, em que vão poder almoçar duas mil pessoas, a comida é de primeiríssima qualidade, o Prefeito pode até vir comer junto com vocês. Sabe por quê? Porque vai ser a um real, Patrus, a um real a comida. E aí é o seguinte: o Prefeito tem que vir comer, os secretários têm que vir comer, não todo dia, porque não é para eles que é feito o restaurante popular, eles podem pagar um restaurante aqui da cidade, mas para o povo perceber que as coisas são de qualidade e que a gente não está fazendo coisa de segunda classe para o povo não, a gente está fazendo coisa de qualidade.

Mas o meu xodó mesmo é o biodiesel. Primeiro, deixem-me explicar para vocês uma coisa: é importante vocês entenderem o que é o biodiesel. Com a graça de Deus, José Alencar, depois que nós fomos ao Rio de Janeiro inaugurar a Plataforma P-50, o Brasil vai se transformar num país auto-suficiente na produção de petróleo. Portanto, nós consumimos 1 milhão e 800 mil barris/dia e vamos produzir 1 milhão e 850 barris/dia. Nós ainda temos que comprar um pouco de petróleo de fora, porque o nosso petróleo é pesado e precisamos misturar um petróleo mais leve para que a nossa refinaria possa fazer o refino do petróleo e tirar o óleo diesel, tirar o óleo lubrificante, a nafta, tirar a gasolina e o querosene. Do petróleo saem muitos produtos.

Pois bem, nós importamos petróleo porque precisamos de óleo diesel, que toca os nossos caminhões e os nossos ônibus. Em 2003, nós tomamos, possivelmente, a mais importante decisão que o nosso governo tomou e ela só vai produzir efeito, meus caros prefeitos, possivelmente, daqui a uns dez anos. Daqui a uns dez anos os nossos filhos, que estão com dez hoje, estarão com 20 anos e eles vão poder saber o que significou o biodiesel para o Brasil. O



biodiesel vai ter um efeito para o Brasil tão ou mais importante que o Pró-Álcool, porque o biodiesel será produzido... de quê a gente pode produzir biodiesel? O biodiesel é um óleo que pode ser produzido da mamona, pode ser produzido do pinhão manso, pode ser produzido do caroço de algodão, pode ser produzido do dendê, pode ser produzido da semente de girassol, pode ser produzido da semente de abóbora, pode ser produzido de muitas coisas, mas aqui – não, o pequi é melhor a gente comer, é melhor fazer galinhada do que fazer biodiesel com o pequi.

Vamos fazer o seguinte: esta é uma região pobre, tem muitas coisas por aqui, muitas cidades pobres, e o biodiesel... Vocês estão lembrados de que a mamona não valia nada. Quando você queria ofender uma pessoa você falava “vai plantar mamona”. Agora, quando alguém falar “vai plantar mamona”, significa que vai ganhar um pouco de dinheiro e nós, através da Petrobras, a Petrobras decidiu fazer um investimento de 80 milhões de reais aqui nesta cidade para produzir 48 milhões de litros de biodiesel, gerando uma receita de cerca de 50 milhões de reais por ano para os produtores de matéria-prima. E aqui outra vantagem: não vai ter um grande fazendeiro que vai plantar mil hectares de mamona, pode ter no futuro, mas agora não, agora as empresas vão comprar a mamona da agricultura familiar. E cada empresa de transesterificação, a palavra é complicada, não se importem que eu demorei para aprender a falá-la: transesterificação. É pegar a mamona, moer, tirar tudo o que se pode tirar dela e sair o biodiesel, que se mistura ao óleo diesel e a gente, então, vai deixar de importar o óleo diesel e vai sobrar mais dinheiro para o nosso país.

Além do que, veja, eu vou lhe dar o número aqui, Prefeito, para cada trabalhador que trabalhar na fábrica de biodiesel... por exemplo, a Petrobras montou uma usina aqui, esta usina vai pegar a mamona ou vai pegar o pinhão manso. O pinhão manso, vocês sabem o que é: é uma planta parente da mamona que não tem uma toxina que tem na mamona. A gente está



pesquisando a mamona porque a gente quer tirar o gene que produz essa toxina para a gente fazer ração animal. Hoje, o gado não pode comer o que sobra do esmagamento da mamona porque pode morrer, então a gente está pesquisando para ver se tira essa toxina e, da mamona, a gente faz uma torta e dá comida para o nosso gado e, portanto, junta a fome e a vontade de comer. Produz mamona, produz biodiesel e ainda produz ração animal para o cabrito, para o bode, para a cabra, para a vaca, e assim por diante. Enquanto isso, a gente está pesquisando o pinhão manso.

O pinhão manso é uma espécie de mamona que os portugueses trouxeram para recuperar o solo num país vizinho, africano, chamado Cabo Verde. E nós, agora, estamos com a Embrapa pesquisando fortemente a introdução do pinhão manso para a gente fazer o biodiesel. E aí a gente vai contratar da agricultura familiar, que vai receber uma renda mensal e o empresário que contratar da agricultura familiar vai ter uma redução de imposto por parte do governo federal, para que a gente possa dinamizar.

Para cada emprego, para cada trabalhador na fábrica, significa mil no campo, ou seja, se a fábrica tiver 40 trabalhadores, nós vamos precisar de 40 mil no campo; se ela tiver 80 mil trabalhadores, nós vamos precisar de (inaudível) mil no campo plantando mamona.

Então, meu querido, eu vou dar um exemplo para você. A nossa maior empregadora agora é a Coteminas, aqui na região. Ela tem, só de empregos diretos, quatro mil, indiretos mais um monte de milhares de empregos, porque tem restaurante aqui por conta da Coteminas, tem professor por conta da Coteminas e daí por diante.

Mas a fábrica de biodiesel vai gerar aqui, meu caro, 15 mil empregos diretos e indiretos. E essa usina, certamente, vai beneficiar também as cidades vizinhas porque vai pegar muitos produtores de outras cidades vizinhas. Esse programa foi criado para atender, num primeiro momento, as regiões mais pobres do Brasil, esta região, todo o Vale do Jequitinhonha e a região mais



pobre do Nordeste. Portanto, a gente está combinando novas tecnologias, independência de uma nova matriz energética, uma nova matriz menos poluente – quando o carro estiver ligando o motor, o caminhão, não vai ter aquele fumaceiro preto que tem hoje – vai gerar emprego, vai gerar distribuição de renda e esta região aqui será uma região muito melhor daqui a alguns anos.

Por isso, eu não poderia deixar de vir aqui cumprimentar os prefeitos, todos os prefeitos da região, os vereadores. Mas, do fundo da minha alma, agradecer a cada homem, a cada mulher que está nesta praça, embaixo deste sol. Nem toda mulher tem o seu príncipe encantado para segurar um guarda-sol para ela, nem todas. Mas eu quero, do fundo do coração, dizer para vocês que eu saio daqui com a alma tranqüila, com a minha consciência leve, porque é mais uma região do país que recebe boas notícias do governo brasileiro.

Quero desejar, meus companheiros prefeitos e prefeitas, quero desejar às mulheres de Montes Claros e região, quero desejar aos homens de Montes Claros e região, quero desejar às crianças desta cidade um feliz Natal, um feliz Ano Novo, que Deus abençoe a todos nós e que a gente possa voltar no ano que vem, aqui, para fazer mais uma visita a esta região.

Até outro dia, se Deus quiser.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da nova pista do Aeroporto Internacional de Brasília – Juscelino Kubitschek

Brasília - DF, 22 de dezembro de 2005

Na outra encarnação eu vou ter a capacidade do nosso Walfrido, de decorar essa quantidade de números que nem o centro de computação do Bradesco é capaz de ter guardado.

Primeiro, quero cumprimentar o meu querido companheiro Carlos Wilson, pelo trabalho feito à frente da Infraero,

Cumprimentar os nossos queridos deputados Leonardo Monteiro e Ricardo de Freitas,

Cumprimentar os trabalhadores que ainda estão concluindo esta obra, porque a chuva não deixou que a parte externa da pista fosse concluída,

Cumprimentar os empresários que participaram deste processo e cumprimentar sobretudo, o povo de Brasília, porque havia muita gente incomodada com o desgaste de chegar em Brasília e ficar rodando 40 minutos, 50 minutos, 30 minutos em cima do Aeroporto. Por menos medo que tenhamos de avião, a gente se sente mais tranqüilo quando ele bota as três “patas” no chão, a gente se sente confortável e, mais ainda, quando abre as portas e a gente desce.

Falar das obras da Infraero é falar da geração de empregos para uma categoria de trabalhadores que possivelmente seja a mais numerosa no Brasil, e que também sofre, com muita rapidez, uma rotatividade de mão-de-obra muito grande porque termina uma obra, todo mundo vai embora, as outras



obras podem ser nos outros estados e as pessoas ficam, às vezes, perambulando pelo Brasil.

Nós tivemos a felicidade, com a compreensão do nosso Carlos Wilson, de levar 20 trabalhadores conosco no avião para fazer o primeiro pouso oficial na pista nova. Eu não sei qual foi o critério da escolha, mas de qualquer forma foram 20, não cabiam 50, só cabiam 20, então, foram 20. E nós percebemos que tinha gente do Brasil inteiro, gente de Pernambuco, gente do Piauí, gente do Maranhão, gente da Bahia, gente da Paraíba, gente do Rio Grande do Norte, gente de Brasília, numa demonstração de que quanto mais nós ativarmos a construção civil no Brasil, mais nós teremos possibilidade de gerar uma quantidade enorme de empregos para um conjunto de brasileiros que constrói, desde uma grande refinaria para a Petrobras, a uma grande hidrelétrica para a Eletrobras, a um grande aeroporto para a Infraero e as grandes estradas ou ferrovias para transitar os produtos e o povo brasileiro.

Nós ouvimos do nosso Presidente da Infraero a construção de uma nova parte do Aeroporto de Brasília. Isso pressupõe que os trabalhadores que estão trabalhando agora não precisam ser mandados embora porque terminaram o Aeroporto, porque nós vamos começar imediatamente outra obra e a gente não pode dispensar as pessoas que já adquiriram experiência, já se acostumaram ao calor, à chuva, à gente de Brasília, e pegar gente nova. Eu acho que é importante que haja compreensão, Carlos Wilson, como a obra parece que vai ser feita meio rápida porque, se está pronto o processo de licitação – vai entrar em licitação em janeiro – e os trabalhadores ainda vão ter que concluir esta obra, é importante que você converse com os empresários para que a gente mantenha esses trabalhadores trabalhando, para que eles não tenham que se deslocar.

Vai ter muito trabalho, quem é do Nordeste vai poder trabalhar a partir do ano que vem na construção da refinaria de Pernambuco; quem é do



Nordeste vai poder trabalhar na construção da ferrovia Transnordestina, são 1.800 quilômetros de ferrovia; quem é do Nordeste vai poder trabalhar ainda na transposição do São Francisco que, se Deus quiser, nós começaremos no ano que vem, tem alguns problemas jurídicos mas nós haveremos de vencer.

Quem é do Nordeste pode começar a trabalhar, já no mês que vem, nas obras de construção da BR-101, que vai ligar o Rio Grande do Norte até a Bahia, duplicando aquela rodovia litorânea para fazer com que o turista que pare no Rio Grande do Norte possa descer de carro até a Bahia, ou seja, ele vai percorrer um dos maiores litorais do mundo, tranqüilamente numa pista dupla. No dia 15, agora, foi anunciado o grande pólo siderúrgico do estado do Ceará, em Fortaleza, que é outro lugar que vai gerar muitos empregos, e uma pequena usina de querosene e gasolina no Rio Grande do Norte.

Estamos discutindo um novo aeroporto para o Rio Grande do Norte, ou seja, as coisas estão entrando no rumo que nós achamos que têm que entrar, mas tem uma coisa e eu quero aproveitar esta inauguração e cobrar do Carlos Wilson, do nosso ministro Walfrido e, possivelmente, seja uma tarefa da futura Agência Nacional, a ANAC.

Qual é o problema que nós temos hoje? Hoje, qualquer pessoa de Brasília que quiser viajar para qualquer parte do mundo tem que ir a São Paulo ou ao Rio de Janeiro. Qualquer pessoa do Pará, do Amapá, do Amazonas que quiser viajar para os Estados Unidos e que está um pouco acima da Amazônia, tem que... ao invés de andar quatro horas para a frente, ele tem que sair do estado do Amazonas, ir até São Paulo ou Rio de Janeiro, ou seja, anda quatro horas para trás, para depois voltar quatro horas, passar por cima do Amazonas para chegar aos Estados Unidos. Já encomendei aos nossos companheiros, nós precisamos dividir os vôos brasileiros, é preciso ter vários centros de partida e de chegada para o exterior.

E Brasília? Brasília, pela sua localização geográfica, e foi exatamente



por isso que o nosso presidente Juscelino Kubitschek fez de Brasília a capital, ela já é, mas ela pode ser um grande centro distribuidor também para vãos internacionais, pode ser... como Manaus pode ser, como você pode escolher um estado do Nordeste, como você pode escolher um estado do Centro-Oeste, porque a integração que está acontecendo na América do Sul está permitindo uma coisa fantástica. Antes, quando a gente falava em comércio exterior, a gente se lembrava dos Estados Unidos e a gente se lembrava da União Européia, porque eram os dois maiores pólos de comércio com o Brasil. Hoje, sem que o Brasil tenha diminuído a sua relação comercial com os Estados Unidos, porque cresce em média 20% ao ano; sem que tenhamos diminuído a nossa relação comercial com a União Européia, porque as nossas vendas têm crescido 20% ou 28% ao ano, a verdade é que para a América do Sul a nossa balança comercial cresceu 87%. Hoje, a América do Sul é o maior centro de exportação do Brasil. Isso significa que nós precisamos ter convênios com os países da América do Sul e melhorar as condições de ir e vir das pessoas que querem fazer negócios, das pessoas que querem passear. Alguém que mora num país da América do Sul não pode primeiro ir a Miami para depois vir ao Brasil, ou seja, necessariamente é mais barato, mais fácil, mais rápido vir direto para o Brasil para fazer negócio, e isso só pode ser feito se os aeroportos estiverem funcionando.

Eu digo sempre o seguinte: o aeroporto é a primeira cara que um turista vê, do país que vai visitar. Se o aeroporto for feio, se o pessoal que trabalha no aeroporto for mal-encarado, mal-educado e não tratar as pessoas bem, esse turista vai contar até dez antes de regressar ao Brasil.

Nós fizemos uma pesquisa internacional sobre a imagem do Brasil, feita pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, não sei se há uma participação do Turismo, e nós descobrimos o quê? A imagem que os estrangeiros têm do Brasil é a imagem da alegria, nós, para eles, significamos alegria, significamos festa, significamos gente boa e educada. Com base nisso,



nós criamos um logotipo para os nossos produtos exportados e vocês podem ver que todos os containeres brasileiros têm um carimbo que parece quase um modelo de sandália, verde, amarelo, azul, branco. A coisa mais importante que eles também percebem no Brasil é a cordialidade do brasileiro. O brasileiro é tão cordial que mesmo quando ele não sabe, ele pensa que sabe e fala que sabe, de tão cordial que ele é.

Você não chega no Brasil e pede uma informação, que um brasileiro diga que não dá. Agora, na viagem, eu encontrei até gente que mora em Nova Iorque, no Maranhão; está ali, Nova Iorque, no Maranhão. Tem outro que mora em Los Angeles, no Maranhão, e vai daí para a frente. Ou seja, a versatilidade da nossa gente é tão grande que nós somos capazes de produzir coisas fantásticas.

Ontem, eu recebi o Clodoaldo. O Clodoaldo é um jovem de 26 anos que tem seqüelas no cérebro. Então, ele está participando das Paraolimpíadas ou seja, as Olimpíadas de pessoas com deficiência física. Esse menino, que se não fosse o esporte tinha tudo para estar em casa jogado nos cantos ou internado, esse menino de 26 anos, este ano ganhou 39 medalhas, das quais 32 de ouro, cinco de prata e duas ou três de bronze. Esta semana, no mesmo momento em que o Ronaldinho estava recebendo o título de melhor jogador do mundo pela segunda vez, o Clodoaldo estava recebendo o título de melhor atleta paraolímpico do mundo, melhor atleta.

Não tem nada que possa divulgar mais o Brasil do que o sucesso da própria gente do Brasil. Então, quando as pessoas chegam ao aeroporto, que encontram o nosso pessoal bem vestido, o nosso pessoal bem-humorado, o nosso pessoal querendo informar, elas falam: é para esse país que eu vou pela segunda vez. Quando ele tiver que discutir com a família dele para onde viajar, ele não vai se aventurar, ele vai voltar para o Brasil.

Por isso, é importante o que a Infraero está fazendo na construção de



aeroportos. Não é pouca coisa, eu não sei se em algum momento da nossa história a gente fez a quantidade de obras simultâneas que estamos fazendo nos aeroportos. É Goiânia, é Rio de Janeiro, amanhã vamos inaugurar o estacionamento de São Paulo. Quem frequenta, quem vai para São Paulo sabe o sofrimento para a gente parar naquele Aeroporto de Congonhas. Finalmente amanhã – eu estou dizendo isso porque quando eu era deputado, em 1987, eu já não agüentava mais aquele aeroporto de São Paulo – finalmente nós agora vamos inaugurar um estacionamento para 2.700 carros. No anterior só cabiam 700 ou 800 carros e agora vai ser para 2.700 carros, para ver se quem embarca em São Paulo tem um pouquinho mais de tranqüilidade, menos sofrimento, menos multa, menos briga com taxistas, menos briga com a Polícia e as pessoas embarquem sem estar estressadas.

Estamos fazendo isso porque o Brasil entrou definitivamente numa rota de crescimento que não pode retroceder. De vez em quando eu leio no jornal algumas críticas, de vez em quando eu vejo as pessoas falarem de câmbio, falam de juros. O dado concreto é que a prática desmonta a teoria, na medida em que todo santo dia os números do crescimento das exportações crescem. Todo santo dia cresce o número de embarque de passageiros internos e externos, todo dia cresce o número de desembarque de passageiros, turistas brasileiros e turistas estrangeiros, numa demonstração de que nós estamos fazendo aquilo que o povo brasileiro espera que o governo faça, criando as condições para que o nosso país não pare de crescer.

Eu não vou citar os números porque o nosso companheiro Walfrido...mas algumas coisas são inexplicáveis. Esta segunda pista estava já há dez anos para ser construída. Acontece que no Brasil, toda vez que você quer fazer uma obra hoje, você tem uma legislação muito competente, uma legislação tão sofisticada quanto a de qualquer outro país do mundo e você tem muitas instituições que cuidam do meio ambiente, você tem o Ministério do Meio Ambiente, você tem o Ibama federal, o Ministério Público Federal, o



Ministério Público estadual, o Ibama estadual e, quando dá tudo certo, aparece alguém que entra com uma liminar e bloqueia essa obra por seis, sete, oito, nove, dez anos e muitas vezes as pessoas pensam que é o governo que não quer fazer. Isso não vale só para mim, isso vale para todos que passaram pelo país, sobretudo depois da Constituição. Nós fizemos uma legislação muito forte e eu não me queixo porque era deputado constituinte, você também era deputado constituinte e nós temos responsabilidade pela legislação.

Mas, de vez em quando eu fico imaginando: não é possível! Como é que as pessoas permitem que um cidadão fique voando dentro de um avião 40 minutos ou mais, porque o momento mais perigoso de um avião, segundo os especialistas, é a hora em que ele vai subir e a hora em que ele vai descer. Quando ele atinge aquele padrão de altura de dez mil metros, a gente não tem perigo ali. Quando ele ameaça descer ou ameaça subir é que a gente começa a correr risco. Então, a gente fica sobrevoando, e muita gente não tem sensibilidade de perceber o seguinte: meu Deus do céu, como é possível a capital do Brasil, a cara principal do Brasil, a capital aonde vêm todas as autoridades do mundo visitar, fazer as pessoas ficarem esperando o tempo que ficam esperando, correndo mais risco de vida por conta de um problema de um barulho a mais ou um barulho a menos.

Eu quero dizer, Carlos Wilson, que foi gigante o trabalho para que vocês conseguissem concluir esta obra. Ainda tem coisa para fazer, ainda não estamos utilizando toda a pista, mas nós temos que dizer a todo mundo o seguinte: não pode haver nada que impeça o nosso país de crescer.

Eu vou dizer para vocês uma coisa: tem hidrelétricas no Brasil há 14 anos esperando autorização, e de vez em quando, as pessoas culpam o Ibama, de vez em quando as pessoas culpam o Ministério ... não é nem o Ministério e nem o Ibama não, é a legislação que nós fizemos. Porque nós colocamos tanto obstáculo que hoje um fiscal, para dar uma licença prévia, vai



contar não até dez, mas até 1000, porque se alguém fizer uma denúncia, a primeira coisa que a Justiça determina é a disponibilização dos seus bens. Então, o cidadão fala: espera aí, esse governo entrou agora, vai ficar quatro anos, o mandato é de quatro anos, esse deputado só tem quatro anos, eu tenho aqui 31 de serviço, por que eu vou correr risco dando uma licença que alguém vai entrar com recurso contra mim?

Então, nós criamos uma coisa chamada transversalidade, nós não decidimos mais um projeto com o Carlos Wilson e depois chamamos o Walfrido, não. Quando nós vamos discutir um projeto, nós envolvemos todos os ministérios e todas as instituições que participam diretamente daquele problema, Ministério do Meio Ambiente, Ministério do Turismo, Ministério do Transporte... ministério... as empresas, para que a gente tome a decisão conjunta, co-responsabilize todo mundo. O que acontecia antes no Brasil era o seguinte: o Ministério pensava uma obra, o Presidente anunciava, chegavam para licenciar, estava irregular, e passavam três, quatro, cinco anos sem essa obra acontecer, embora estivesse anunciada.

Nos acabamos com isso. Vocês viram que esta semana houve leilão de energia. Nós já estamos contratando energia, meu caro, para 2010. Nós fizemos neste país um sistema de interligação das linhas de transmissão. Faz umas duas semanas, caiu a linha de Itaipu e não faltou um minuto de energia no país. Por quê? Porque com o sistema interconectado que nós fizemos, se cair a energia do Nordeste, você manda do Sudeste para lá, se cair do Sudeste, nós trazemos do Nordeste e, agora, vamos fazer a ligação com o Norte do país, Acre, Rondônia, Amazonas e Pará, para que o Brasil não tenha problemas de energia porque sem energia não tem aeroporto, não tem fábrica, não tem indústria, não tem crescimento econômico.

É este o Brasil que vocês, empresários, que vocês, trabalhadores, estão ajudando a construir. Eu sei da alegria que os meus acompanhantes tiveram



nesta viagem, até o homem de Nova Iorque ali, sei da alegria que tiveram, a sensação de pousarem numa pista que vocês fizeram com o suor de vocês, com a mão de vocês. Eu sei da alegria que vocês vão guardar para o resto da vida, sei da sensação de estar voando. Muitos, quem sabe, nunca tinham voado... ver o Lago Paranoá de cima, a beleza que é, e imagino o que o turista vê quando chega a Brasília.

É por conta de vocês, é pelo compromisso dos empresários, é pela disposição de uma empresa como a Infraero e é pela necessidade de o Brasil se transformar rapidamente num país desenvolvido que nós estamos inaugurando este aeroporto hoje, estamos inaugurando esta segunda pista que deixou de ser um martírio para ser uma alegria para o povo brasileiro e para o nosso querido povo de Brasília.

Meus parabéns aos trabalhadores, meus parabéns aos empresários, meus parabéns à Infraero e eu queria... Francisco, vem cá um pouquinho. Toda vez que eu puder, eu vou mostrar o Francisco aqui. Para quem não se lembra do Francisco, eu vou repetir porque ele é exemplo a ser seguido no nosso país. Esta elegância que vocês estão vendo aqui... espero que a Infraero tenha dado um aumento de salário para ele, espero. Esta elegância que vocês estão vendo aqui... porque notícia ruim fica três meses na imprensa, notícia boa desaparece no dia seguinte. Este moço aqui foi aquele famoso moço que achou dez mil dólares no banheiro aqui do aeroporto, e procurou o dono, a Infraero, para devolver. A Infraero achou o dono dos dez mil dólares, era um suíço que recebeu o seu dinheiro de volta e nem falou "obrigado" para ele. O Carlos Wilson levou ele lá no Palácio para conversar comigo e eu perguntei para ele: escuta aqui, Chiquinho – é como ele é conhecido no "pedaço" – escuta aqui, Chiquinho, em nenhum momento você ficou com vontade de ficar com o dinheiro? Ele falou: "não". Eu falei: por quê? "Porque o dinheiro não era meu".

Um país capaz de produzir um ser humano como este é capaz de



produzir muito mais coisas e eu espero que a Infraero tenha reconhecido isso. Ele está melhor vestido do que estava na primeira vez que foi conversar comigo. Mas eu acho que este homem aqui, como possivelmente todos os que estão aqui – e sobretudo eu sei do valor do trabalhador brasileiro – é motivo de orgulho e a razão pela qual eu acredito que quem duvidar vai ver que este país não tem retorno, este país vai melhorar a vida do seu povo, como já está melhorando, e a gente vai poder provar que definitivamente o Brasil saiu do rol dos países eternamente emergentes para ser um país definitivamente desenvolvido.

Meus parabéns, Carlos Wilson, meus parabéns à Infraero, e que tenhamos viagem mais tranqüila daqui para a frente.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia em comemoração da Meta do Programa Bolsa Família – 8 milhões e 700 mil famílias atendidas em 2005

Osasco – SP – 23 de dezembro de 2005

Meus queridos e queridas companheiras de Osasco e da região,
Meu querido companheiro prefeito desta cidade, Emídio de Souza,
Meu querido companheiro João Paulo Cunha, nosso deputado federal,
Meu querido companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social,

Minha querida companheira Matilde Ribeiro, secretária especial de Políticas de Promoção da Igualdade Social,

Meu caro Eduardo Suplicy,

Meu caro Arlindo Chinaglia, líder do governo,

Meu caro Magrão, deputado federal, presidente da Federação dos Metalúrgicos e ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco,

Meu caro Zaratini, nosso eterno deputado federal, que toda vez que passa por lá faz uma grande contribuição,

Minha querida companheira Clarisse Copetti, presidente em exercício da Caixa Econômica Federal,

Meus companheiros deputados estaduais,

Prefeitos de Ribeirão Bonito, Rubinho; de Embu, Geraldo Cruz; de Itapeçerica da Serra, Jorge Costa; de Carapicuíba, Fuad Chucre; de Itapeví, Ruth Banholzer; de Barra Bonita, Mário Donizete Floriano;

Meu caro Paulinho Bururu,

Meu caro Faisal Cury, vice-prefeito de Osasco,

Vereador José Barbosa Coelho, presidente da Câmara,

Senhora Dulce Helena Cazzuni, secretária do Desenvolvimento eo



Inclusão,

Secretários municipais de Osasco e das cidades da região,

Meus companheiros e companheiras que estão recebendo o Bolsa Família,

Meu caro Jorginho, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco,

Meu caro companheiro Henos Amorina, vulgo “Saúva”, ex-presidente do Sindicato de Osasco, companheiro que batalhou muito para que a gente pudesse fundar o PT, fundar a CUT,

Meu caro companheiro José Pedro, companheiro que tem história aqui, na luta dos trabalhadores,

Meu caro Roque, que de 1968, revolucionário, hoje continua revolucionário fazendo pesquisa,

Quando estavam falando o Emídio, o João Paulo e o Patrus, talvez por ser... eu esqueci o nome da nossa companheira Marta Suplicy, que não poderia ter esquecido, mas quando estavam falando o João Paulo, o Emídio e o Patrus, pelo menos onde eu estava sentado, eu estava com dificuldade de ouvir. Toda vez que a gente tem um som num ginásio assim, eu tenho a impressão que as pessoas têm dificuldade de ouvir a gente, porque a voz se embaralha aí no meio, é voz saindo para lá, batendo ali, batendo ali. Eu vou tentar falar devagar algumas coisas que eu quero falar, sem fazer um discurso, porque vocês sabem que Osasco é uma cidade que está na minha alma, na minha consciência há muitos e muitos anos.

Com todas as desculpas aos companheiros de outros partidos políticos, foi no Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, numa reunião em que tinha dezenas de dirigentes sindicais, que nós decidimos levar a sério a criação do Partido dos Trabalhadores. Foi neste ginásio aqui, em março de 1980, que nós fizemos o Primeiro Encontro Nacional do Partido dos Trabalhadores, uma coisa extremamente importante. E a Matilde estava dizendo para mim que foi neste



ginásio aqui, 20 anos atrás, que ela viu um show do Gilberto Gil.

Então, este ginásio tem história, Osasco tem história. Em 1986 eu fui candidato a deputado federal, Jorginho, você não era meu eleitor ainda e eu já fui o deputado federal mais votado na cidade de Osasco, em 1986. Já visitei muita porta de fábrica aqui em Osasco, mas nenhuma visita minha a Osasco fazendo porta de fábrica, foi motivo de orgulho como foi voltar à Cobrasma, “Seiscentos”, para que a gente visse aquela empresa funcionar. Confesso a vocês que eu tive algumas emoções.

Primeiro, ao encontrar o operário que tinha apertado a campainha para dar início à greve de 1968, na Cobrasma. Foi um ato de muita emoção. Segundo, encontrar trabalhadores que me abraçavam chorando, agradecendo o fato daquela empresa voltar a funcionar e gerar a quantidade de empregos que estava gerando. Terceiro, porque o Brasil nunca mais vai deixar de produzir vagões, porque agora mesmo acabamos de aprovar e se Deus quiser, em janeiro, nós vamos anunciar a construção da Transnordestina, que é uma ferrovia que liga o Porto de Suape, em Pernambuco, ao Porto de Pecém, em Fortaleza, passando por Eliseu Martins, no Piauí, que é uma ferrovia de 1.803 quilômetros, portanto, vai precisar construir muito vagão para que a gente possa gerar empregos aqui em Osasco e para que a gente possa gerar distribuição de renda.

Também estamos fazendo um investimento de 160 milhões de reais na ferrovia Norte-Sul, depois a Companhia Vale do Rio Doce vai terminar. Pode ter certeza, João Paulo, deputados, que ao terminar o nosso mandato, nós seremos o governo que mais investiu na recuperação e na feitura de ferrovias novas neste país. Estamos fazendo isso porque isso significa baratear o custo Brasil e significa perder menos produtos na exportação, significa fazer com que o Brasil possa colocar os seus produtos no mercado internacional a preços ainda mais competitivos do que nós já colocamos.

Então, eu quero dizer a todos vocês, homens e mulheres de Osasco,



que é uma alegria imensa estar outra vez na nossa querida cidade de Osasco e ainda, agora, governada por um companheiro da qualidade do Emídio. Eu queria chamar a atenção de vocês para o Emídio agora.

O companheiro Emídio está há menos de um ano na prefeitura de Osasco. Ele vai completar os primeiros 12 meses agora, no dia 1º de janeiro, mas certamente aqui, na cidade de Osasco, pessoas que governaram esta cidade durante 30, 40 anos, já estão cobrando dele que ele tivesse feito coisas que os outros não fizeram em 50 anos, estão jogando nas costas dele a responsabilidade: “por que ele não fez?” Estão cobrando coisas, que precisam de muitos anos para fazer, com apenas 12 meses.

É assim que eles fazem. Quando eles estão no governo e nós criticamos, nós somos comunistas, agitadores, nós somos um monte de coisas. Quando nós estamos no governo, eles começam a jogar nas nossas costas aquilo que eles não conseguiram fazer em 30 anos, para que a gente consiga fazer em três meses, em 12 meses ou em três anos.

É preciso o povo de Osasco ter clareza de que no primeiro ano do companheiro Emídio ele não trabalhou com o orçamento dele, ele pegou o orçamento do prefeito anterior, portanto, as verbas já estavam destinadas. Ele apenas agora concluiu o seu primeiro orçamento, somente agora ele definiu as prioridades do governo dele, que foram votadas pela Câmara, se não foram vão ser votadas e, a partir do ano que vem, é que ele vai poder executar o primeiro orçamento dele.

Ele vai ter dois anos primorosos, vai ter o ano que vem, se as eleições para deputado, governador e presidente não atrapalharem e vai ter 2007 porque é um ano também em que ele vai ter muita mobilidade de trabalho. Depois vêm as eleições, é um ano que poderia ser muito bom mas aí, a guerra santa toma conta de cada cidade e muitas vezes a administração fica um pouco atrapalhada.

Eu estou dizendo isso para pedir a vocês de Osasco, atenção, porque



não vão faltar nessa campanha agora, que é no ano que vem, adversários do companheiro Emídio, dizendo: “porque ele não acabou com isso? Por que ele não fez aquilo?” Como se ele pudesse fazer em apenas 12 meses o que os outros não fizeram em 30, 40 ou 50 anos que governaram a cidade de Osasco. E ele vai precisar do apoio de vocês porque muitas vezes nós somos muito ansiosos, o ser humano é ansioso, começa o jogo e a gente já quer que o time da gente marque quatro ou cinco gols. Às vezes demora, às vezes é sofrido, e às vezes a gente marca um gol e precisa jogar na defensiva para garantir aquele gol, como São Paulo fez agora para ser campeão do mundo, senão poderia perder.

Então, Emídio, um conselho de quem já tem três anos de experiência, dois a mais que você: não perca nunca a paciência, não responda nunca ao jogo rasteiro dos seus adversários e não fique angustiado nunca com a pressa do povo. Quando o povo tiver pressa, converse com ele para mostrar que tem um tempo para a gente plantar e um tempo para a gente colher. A gente não pode colher antes de a gente plantar, e você está na época do plantio para colher daqui para a frente.

Mas veja, hoje eu sou um Presidente da República que tenho orgulho de muitas coisas. Tenho orgulho de comparar os meus números aos dos que governaram o Brasil antes de mim, qualquer número, em qualquer área, seja na educação, seja na saúde, seja no transporte, em qualquer área, de medir quem fez o quê quando passou pela Presidência da República deste país.

Qual é a diferença, que muita gente estranha? É que pela primeira vez o pobre entrou no Orçamento da União e eu vou recordar o número que o Patrus disse: quando tomei posse, no dia 1º de janeiro de 2003, a União gastava 7 bilhões de reais com política social. Ao completar 36 meses, estamos gastando 17 bilhões, dez bilhões a mais e para o ano que vem serão 22 bilhões de reais que estão colocados para fazer política social e ajudar os mais pobres deste país.



Isso incomoda, João Paulo, isso incomoda Marta, incomoda, Suplicy, porque neste país a primeira fatia do bolo já era determinada para um setor da sociedade e, se sobrasse alguma coisa, vamos lembrar dos pobres deste país. Nós não estamos fazendo favor e sabemos que o Bolsa Família não é a salvação, é apenas uma coisa emergencial para garantir que a pessoa, numa dificuldade primeira, tenha o que comer, não precise mendigar. Mas o ideal e o que nós buscamos é que daqui a alguns anos a gente não precise mais do Bolsa Família porque todos estarão trabalhando, ganhando salário e vivendo às custas do seu trabalho. Mas isso também não acontece com um passe de mágica.

Meu querido Jorginho, você sabe que aqui em Osasco nós tivemos muito desemprego antes de 2003 e nesses três anos de governo já foram criados com carteira assinada, nesta cidade, 20 mil novos empregos. Seria importante Jorginho, se você pudesse pegar os dados, que eu possa mandar uma parte minha e você preparar a sua aqui, para que a gente começasse a mostrar para a sociedade de Osasco, porque muitas vezes nem sempre vemos aquilo que queremos e quando vemos, compreendemos o que vemos.

É importante então, que cada um de nós trate de informar o que aconteceu neste estado de São Paulo, o maior estado da Federação, que tinha tudo para não ter pobreza. Só o governo federal gasta mais de 2 bilhões de reais com política social e duvido que, desde que o Brasil foi descoberto, que tenha um Presidente da República que tenha colocado tanto no social, no estado de São Paulo, como nós colocamos nestes 36 meses. Vejam qual é a política social nos estados, elas não existem. E nós fazemos isso porque entendemos que o nosso papel é estender a mão primeiro para os mais necessitados, dar a eles primeiro condições de cidadania para que depois, por conta própria, eles possam dar os outros passos.

O Joãzinho sabe, o Magrão sabe, o Roque sabe, o José Pedro sabe, quem milita no movimento social sabe. Quando nós tomamos posse, o salário



mínimo permitia comprar 1,03 cesta básica, hoje nós estamos comprando 1,07 cesta básica e vamos chegar a 2 cestas básicas com um salário mínimo ainda no ano que vem, para que a gente dê às pessoas condições de consumir as necessidades fundamentais para a sobrevivência humana.

E nós sabemos que quanto mais nós fazemos isso, mais algumas pessoas no Brasil ficam nervosas. E por que ficam nervosas? Porque elas torciam pelo fracasso. Elas torciam que nada ia dar certo. O “Seiscentos” sabe, eles torciam que o Brasil ia quebrar: “este Brasil não vai dar certo”. E hoje, não só estou feliz porque na semana passada tomamos a decisão de... no ano passado tomamos a decisão de dizer ao FMI: não queremos mais acordo com o FMI. Não demos um grito, não fizemos uma bravata. Apenas comunicamos: não queremos mais acordo com o FMI. E na semana passada dissemos: não queremos mais acordo e vamos devolver o dinheiro que o governo passado tomou emprestado porque tinha quebrado o Brasil. Nós vamos devolver ao FMI porque daqui para a frente o dinheiro que nós vamos gastar será o dinheiro resultado do trabalho do povo brasileiro, será o dinheiro resultado das exportações brasileiras, será o dinheiro resultado da geração de empregos e, com muito orgulho, dissemos ao FMI: vamos devolver seus 15 bilhões e agora, João Paulo, meu companheiro Arlindo Chinaglia, Magrão, Marta, Suplicy, Patrus, Matilde e Emídio, nós vamos dizer ao Clube de Paris: vamos devolver o dinheiro de vocês também.

Nós agora fazemos como faz uma dona de casa honesta, uma dona de casa que cuida da sua família: nós não queremos dinheiro emprestado para levar comida para nossa casa, nós temos o nosso próprio dinheiro, nós produzimos riqueza, geramos exportações, geramos divisa, geramos reserva, nós não precisamos e vamos, assim, batendo recorde atrás de recorde.

As exportações, então, são um colosso. Vamos chegar logo, logo a 120 bilhões de dólares, coisa que nem o mais otimista empresário, cientista político ou economista imaginava que nós fôssemos chegar. E não estamos



exportando apenas minério de ferro ou produtos *in natura* como grãos, não, estamos exportando produtos manufaturados, as nossas empresas estão competindo, do ponto de vista da tecnologia, e cada vez mais estamos vendendo. Não dependemos apenas dos Estados Unidos como este país estava acostumado: “ah, nós temos que fazer tudo porque senão nós temos que exportar para os Estados Unidos; ah, se a gente não exportar para a União Européia acabou o Brasil”.

Obviamente que a União Européia é uma grande parceira comercial, obviamente que os Estados Unidos são um grande parceiro comercial, mas é com muito orgulho que eu posso dizer para vocês: graças à nossa política de integração, hoje o maior mercado para o Brasil chama-se América do Sul, onde as nossas exportações cresceram 87% e onde nós estamos vendendo cada vez mais e também queremos comprar; e ainda estamos crescendo 20% ao ano com os Estados Unidos, 26% com a União Européia. Nós não queremos brigar com ninguém, queremos apenas dizer: olha, nós somos adultos, temos 500 anos de história, conquistamos a nossa independência, proclamamos a nossa República e agora queremos ser donos do nosso nariz no estabelecimento da nossa política econômica, da nossa política social e não queremos ingerência, queremos solidariedade, queremos parceria.

É isso que estamos fazendo para o mundo e isso incomoda, Tião, muita gente, isso incomoda gente demais pelo Brasil fora porque não tem nada que cause mais inveja a um ex-marido do que ele ver a mulher dele mais feliz do que quando estava casada com ele. Não existe nada que cause mais inveja do que um ex-governante ver que o seu sucessor está fazendo mais do que ele, não existe nada que possa causar mais rancor, mais mágoa, do que o sucesso de um adversário político. Eu sei que nós ainda temos muito para fazer, muito, muito. Vai precisar muitos anos, vai precisar muitos governos comprometidos com os trabalhadores para a gente fazer o que tem que ser feito no Brasil.

Mas eu vou dar um dado otimista para o povo de Osasco. A sua cidade,



meu caro Emídio, em janeiro deste ano conseguiu 701 vagas no programa do ProUni. O programa do ProUni é uma engenharia. O que nós fizemos? Na medida em que você não tem todo o recurso para fazer universidade federal, nós pegamos alguns impostos que as universidades particulares tinham com a União, reduzimos esses impostos, pegamos o equivalente ao que eles teriam que pagar para nós e transformamos em bolsa de estudos.

No ano passado, no Brasil inteiro, foram 112 mil jovens da periferia que entraram na universidade. Este ano, meu caro Emídio, serão mais 100 mil em janeiro e fevereiro. Em junho, serão mais 50 mil. Nós chegaremos em julho com 262 mil jovens a mais na universidade com bolsa integral ou parcial do governo federal. O que é mais importante é que em São Paulo foram 35 mil vagas, uma nova USP, nós colocamos para fazer universidade neste país. E o que é mais orgulhoso é que de 112 mil que entraram este ano, 38 mil eram afrodescendentes, eram jovens negros e negras que entraram na universidade brasileira, possivelmente o maior número de toda a história de 500 anos deste país. Este ano, dos 100 mil que vão entrar, outros 30 ou 40% serão de jovens negros e negras, para que a gente acabe de uma vez por todas com a desigualdade que existe neste país, com o preconceito racial, com a perseguição àqueles que são diferentes da costumeira elite dirigente do Brasil.

Além disso, os indígenas, sabem os companheiros do movimento negro que estão aqui, nunca, em 500 anos de história, os remanescentes de quilombos foram tratados com o respeito com que estão sendo tratados agora, com o programa Luz para Todos, com o programa Bolsa Família, com o programa Alfabetização, fazendo com que a totalidade da sociedade brasileira tenha acesso aos benefícios dados pelo país e não apenas nós, que achamos que somos maioria porque somos brancos e não nos lembramos que durante 400 anos foram os negros que derramaram suor e sangue para construir esta nação que nós somos hoje, para construir a cor que nós temos, a beleza que nós temos e a alegria estampada no rosto do povo brasileiro.



Agora, vamos mais, estamos esperando que o Congresso Nacional possa votar o Fundeb. O Fundeb será a revolução do ensino fundamental para que a gente possa garantir às crianças, desde a creche até a oitava série e depois o ensino técnico, que as crianças possam aprender com mais qualidade. Eu tenho fé em Deus que agora, quando for votar o Orçamento, o Congresso Nacional aprovará o Fundeb e aí a gente vai poder tornar as regiões Norte e Nordeste do país iguais às melhores escolas que a gente possa ter em qualquer lugar do Sul e do Sudeste. É este país, meus companheiros, que nós estamos fazendo aos poucos.

Ontem, Arlindo, eu tive uma grata surpresa. Primeiro, cumprimos a meta de 115 mil famílias assentadas no campo. Vamos assentar aproximadamente 118 mil e 500 famílias agora, cumprindo o compromisso que nós assumimos. Mas, o mais importante é que o nosso assentamento não é jogar um sem-terra no meio do mato para criar uma favela rural. A nossa política de reforma agrária é levar o trabalhador, mas levar luz, levar educação, levar saúde e levar assistência técnica para ele poder produzir adequadamente. Enquanto entre 1994 e 2002 foram desapropriados neste país, para efeito de reforma agrária 18 milhões de hectares, enquanto em oito anos foram desapropriados 18 milhões de hectares para a reforma agrária, nos nossos 36 meses nós já chegamos a 16 milhões e 400 mil hectares, ou seja, menos da metade do tempo de governo e quase o mesmo número que foi desapropriado nos oito anos anteriores, e isso faz a diferença.

Faz a diferença porque o Brasil hoje é um país mais respeitado, porque o Brasil hoje é um país em que, inclusive, nos empregos que tem gerado, Matilde, a maioria são mulheres. Eduardo, para você fazer discurso no Senado, eu vou te dar um número. Vocês estão lembrados quando houve o apagão? Houve o apagão e a gente teve que cortar a energia da nossa casa. Teve gente que guardou o liquidificador, teve gente que tinha duas geladeiras e desligou uma, teve gente que só acendia a luz em última necessidade. A gente



achou que era para economizar. Aí, quando acabou o apagão, descobriram que as empresas tiveram prejuízo. Ao invés de as empresas ficarem com o prejuízo, o que fizeram? Passaram o prejuízo das empresas para as nossas contas e o povo trabalhador é que teve que pagar os prejuízos do apagão porque as empresas tinham contrato e disseram que não ganharam dinheiro.

Eduardo, não haverá mais apagão neste país. Nós já leiloamos este ano a energia de 2010. Nós vamos fazer em cinco anos, com os leilões de linhas de transmissão, 21% do que foi feito em 122 anos em linhas de transmissão neste país. Preste atenção, em cinco anos estaremos fazendo 21% de tudo o que foi feito em 122 anos neste país. Hoje, quando faltar energia aqui em São Paulo e tiver energia no Sul, a gente vai transferir a energia do Sul para cá, quando faltar no Nordeste e aqui tiver, a gente vai transferir porque nós estamos interconectando todo o sistema elétrico.

Vou dar um dado para vocês que nem a imprensa soube. Há poucos dias caiu, praticamente, toda a rede de Itaipu. Em outros tempos, nós teríamos tido algumas horas de apagão aqui em São Paulo. Ninguém, nem jornalista na redação percebeu que caíram as torres porque em 23 segundos foi interligado o sistema e o que aconteceu? Não faltou energia e ninguém percebeu que tinha caído, praticamente, a rede de Itaipu. É com isso que a gente vai fomentar a implantação de novas empresas, é com isso que a gente vai trazer novos investimentos porque se não tiver energia ninguém pode, efetivamente, fazer uma fábrica e produzir.

Mas, uma coisa importante que eu ouvi o Emídio dizer aqui, o Centro de Tratamento de Saúde Bucal. Eu, sei que vocês conhecem, na rua em que vocês moram, meninas de 18 anos, de 20 anos, meninos de 20 anos, de 23 anos que já não têm os dentes da frente na boca e por não poder pagar, porque é caro, cada vez que eles vão ao dentista, eles arrancam mais um. São daqueles que não conseguem mais sorrir porque têm que colocar a mão na boca.



Emídio, estamos fazendo 400 centros no Brasil, 400. Cada centro vai atender uma população de 500 mil pessoas. Aquele aparelho que vocês vêem na boca, chamado de ortodontia, que só a classe média faz, aquele que as crianças colocam aparelho para corrigir; ou a menina, quando está na adolescência, quer corrigir os dentes da boca e pode pagar, coloca e fica com a boca cheia de aço; parece que só rico podia mas, agora, a criança mais pobre da periferia de Osasco vai poder colocar na mesma qualidade, sem precisar pagar um centavo. Da mesma forma, o tratamento de canal. Tratamento de canal é caro, então, quando um trabalhador está desempregado e vai ao dentista, ele fala: “olha, você está com o canal estragado, vai custar tanto”. Aí, ele fala: “e para arrancar, quanto custa?” “Bom, para arrancar são dez, para fazer o tratamento são 100” “Então, arranca, doutor”. Não, agora não vai arrancar, agora vai tratar, vai fazer tratamento de canal, porque o pobre tem que ser tratado com o mesmo respeito que o ser humano mais rico do planeta Terra. Não pode, pelo fato de ser pobre, ser maltratado.

E, também, a prótese dentária. Quem é do interior, quem é do Nordeste sabe que em época de eleição tem político que anda com uma cesta de dentadura, e vai dando para os pobres. No interior de Minas deve ter, Patrus. Aí, aquilo nem cabe na boca do cara, ele põe e fica... não cabe, mas ele põe. Agora, não, agora ele vai no centro especial de saúde bucal, vai ter um protético, vai ter vários dentistas em cada consultório, vai ter rapazes e moças bonitos para atender com máquinas modernas, equipamento moderno. Vai ter um protético que vai fazer o molde da boca dele, vai voltar, vai experimentar. E não tem que pegar fila, vai ser tudo com horário marcado. Ou seja, não é o pobre virando chique. É o pobre virando cidadão, é o pobre conquistando a sua cidadania neste país.

A prefeita Marta sabe do Samu? Aqui tem Samu, companheiro Emídio? A Marta sabe do Samu, quando nós implantamos o Samu... o Samu não é uma ambulância, o Samu é quase um hospital ambulante, porque tem um Samu que



é tão capacitado que pode fazer os primeiros tratamentos lá dentro.

No primeiro teste que nós fizemos em São Paulo, quando a Marta era prefeita, entre o acidente, colocar o cidadão no carro e chegar ao hospital, demorava 42 minutos. Depois do Samu, o mesmo trajeto passou a levar 12 minutos. Significa que nós ganhamos 30 minutos de tempo para salvar a vida de uma pessoa. E, no ano que vem, a totalidade da população brasileira estará coberta pelo Samu. E também não é um em cada cidade, não, é um conjunto de Samu, uma central para atender um conjunto de cidades.

E, aí, meus companheiros, nós vamos fazendo o que nós aprendemos desde o dia em que nascemos: dando um passinho de cada vez, dando um passinho de cada vez, a gente vai deixando o tempo ruim do Brasil para trás.

Eu digo todo dia, meus companheiros, que eu não vejo a hora de chegar o dia 31 de dezembro de 2006, quando termina o meu mandato. E, aí, talvez num ginásio assim, viu, João Paulo, talvez num ginásio assim, talvez com menos calor do que esse, numa época que... dezembro é muito calor... aí, eu quero fazer uma prestação de contas dos quatro anos de governo nosso, com os quatro anos de quem quer que seja, que veio antes de nós. Eu quero saber quem cuidou mais da educação, quem cuidou mais da saúde, quem cuidou mais do emprego, quem cuidou mais do desenvolvimento. Eu quero medir porque os números, você pode não gostar, mas eles não mentem. Você pode discordar ou não, mas os números são os números. Afinal de contas, Marta, matemática é uma ciência exata e não pode mentir. Você pode não acreditar, mas eles são exatos.

E, aí, a gente vai poder dizer ao povo brasileiro: “Valeu a pena a gente acreditar que um igual a nós poderia fazer mais por nós do que os tantos diferentes que nós tivemos governando este país”.

Muito obrigado, povo de Osasco. Muito obrigado, companheiro Emídio. Muito obrigado a todas as famílias que receberam o Bolsa Família.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração das obras de ampliação da Sala de Embarque e
de quatro Pontes de Embarque do Aeroporto Internacional de Congonhas
São Paulo – SP, 23 de dezembro de 2005**

Meu Caro José Serra, prefeito de São Paulo,
Ministros que me acompanham,
Minha esposa,
Empresários e trabalhadores que ajudaram a concluir esta obra,
Deputados aqui presentes,
Ex-deputados,
Secretários municipais,
Secretários de estado,

Eu penso que a magnitude de São Paulo, do estado e da capital de São Paulo dentro do território nacional, dentro da economia brasileira, dentro da cultura brasileira, dentro da política brasileira é de tamanha grandeza que eu digo a vida inteira que qualquer coisa que nos fizermos por São Paulo ainda é pouco, diante da contribuição que São Paulo dá ao conjunto da nossa Federação.

Esta obra visa, na verdade, demonstrar apenas respeito ao povo de São Paulo, aos visitantes de São Paulo que transitam pelo Aeroporto. Quando o Carlos Wilson tomou posse na Infraero, eu disse ao Carlos Wilson que era uma questão de honra a gente resolver o problema do Aeroporto e o problema do estacionamento, porque eu duvido que tenha alguém que tenha chegado aqui em São Paulo, numa sexta-feira à tarde, e que não tenha xingado pelo menos uma meia dúzia de mães por este país afora, até porque nós temos facilidade



de descarregar em cima de alguém os nossos problemas.

Mas era impossível. Se você viesse de carro para o Aeroporto, com alguém dirigindo para você, você tinha que descer com o carro andando porque, se parasse, o guarda multava. A briga entre os taxistas e os motoristas particulares era um negócio, assim, desumano para uma cidade que representa com muita fidelidade a cara do sucesso que tem o Brasil nesses seus 500 anos de história.

Vir aqui neste momento é quase que fazer justiça à cidade de São Paulo e fazer justiça ao Carlos Wilson. O Carlos Wilson falou bem da Infraero, mas vocês viram que ele está deixando a Infraero para ser deputado. Ele não está deixando porque eu o estou mandando embora, ele está deixando porque a política é um vício. Então, ele vai lá para a arena de guerra e eu acho que o Carlos Wilson merece todas as homenagens que algum dia um presidente da Infraero mereceu, todas as homenagens. Primeiro, porque eu não sei se em algum momento na história dos aeroportos brasileiros algum presidente da Infraero atacou de uma só vez uma quantidade de obras igual a que o Carlos Wilson colocou em andamento nesses três anos em que ele preside a Infraero. Eu já inaugurei vários aeroportos, no Nordeste, no Norte, aqui, já inaugurei aeroporto tecnológico, já inaugurei aeroporto industrial, já inauguramos aeroportos de Recife, de Campina Grande, de Maceió, Navegantes, Viracopos, e outros tantos como Goiânia, Vitória, São Paulo, Rio de Janeiro, Santos Dumont, estão em fase de acabamento.

Aqui, se tudo correr como pensava o Carlos Wilson, como pensa a Direção da Infraero, eu penso que no mais tardar em junho, até o viaduto já estar pronto, já vai estar tudo terminado e ... ou pelo menos até o final do ano. O dado concreto é que o Carlos Wilson, nesses dois anos e meio deve ter, entre conclusão de obras e novos contratos, investido praticamente 2 bilhões e meio de reais, uma quantia razoável para um país que não tem toda a



capacidade de investimento que precisaria ter. E nós vamos continuar fazendo isso pelo Brasil inteiro porque eu acho que os homens ligados ao turismo hoje, e as mulheres, sabem que está acontecendo um outro fenômeno no Brasil que é a quantidade de passageiros que têm descido nos aeroportos brasileiros.

Nós acabamos de aprovar no Congresso Nacional a Anac. A Anac está sendo montada, mandamos os primeiros nomes para o Senado Federal, e eu espero que a Anac trate de tentar ajudar a regular o problema do funcionamento do Aeroporto de Congonhas porque o trânsito aqui, todo mundo sabe que nos vinte minutos que estamos transitando a 500 metros ou a 1000 metros de altura, nós estamos muito mais em perigo do que em qualquer outro Aeroporto, pela quantidade, pelo volume.

Ontem, nós inauguramos a segunda pista de Brasília, que estava encrencada há dez anos por conta de processos judiciais, e apenas ontem nós economizamos 30 mil litros de combustível de aviões que não precisaram ficar circulando em Brasília, não sei se 30 mil ou 30 milhões, mas foi algo em torno de 30.

Agora, em São Paulo também é preciso que haja um ajuste, ou seja, é preciso que a Anac tome conta para permitir que o vôo em São Paulo seja um vôo de melhor qualidade, com mais segurança e que só saiam daqui determinados vôos para determinadas regiões. E que a gente volte a utilizar a plenitude de Cumbica, a plenitude de Viracopos para a gente tentar humanizar um pouco mais a cidade de São Paulo.

Além da beleza arquitetônica que é esta obra, a tranqüilidade das pontes, chamadas modernamente de *fingers*, além dessa coisa importante para São Paulo, não são pouca coisa, Prefeito, as parcerias que foram feitas porque nós tínhamos 700 vagas no estacionamento aí, era uma briga, sabe Deus quantas horas as pessoas chegavam mais cedo, não para pegar o avião, mas para pegar uma vaga no estacionamento. Agora, nós vamos sair de aproximadamente 850 vagas a céu aberto para, praticamente, 3.500 vagas,



nas quais 2 mil e poucas estarão dentro de um prédio em que as pessoas vão ter muito mais segurança.

Portanto, Carlos Wilson, ao invés de uma inauguração, eu acho que a nossa presença aqui é uma homenagem ao seu trabalho, à sua dedicação, às empresas que trabalharam aqui, aos trabalhadores que trabalharam aqui, eu acho que uma homenagem à Infraero, ao seu comportamento como presidente da Infraero. Você não tem data marcada para sair, mas eu já sei que você é candidato, então, logo, logo nós vamos conversar.

Mas eu quero agradecer aos empresários que trabalharam, à Prefeitura, que fez os acordos que precisariam ser feitos, à Infraero, que teve a compreensão de fazer as obras no horário que era possível fazer sem criar mais transtorno aos passageiros que por aqui passam. E quero dizer, Carlos Wilson, que eu acho que a Infraero está dando uma contribuição extraordinária para que o Brasil possa ser melhor visto por quem nos visita, para que o Brasil possa despertar nos nossos visitantes a expectativa de que nós não somos um país onde, na capital mais importante do Brasil a gente tinha um aeroporto tacanho, um aeroporto muito acanhado.

Quem não sofreu, aqui, para pegar os ônibus para ir pegar um avião? Quem não sofreu aqui? Quem não ficou suado antes do momento de suar? Então, eu quero dizer que a Infraero está de parabéns. Deus queira que vocês continuem trabalhando a todo vapor porque isso vai gerar os empregos que nós precisamos.

E quero dizer ao Serra que eu fico esperando que a discussão do Aeroporto do Campo de Marte chegue até a minha mesa, porque é preciso saber que aquela guerra São Paulo perdeu contra o Estado brasileiro, então, vai ser uma discussão entre uma data histórica e um momento histórico que nós vivemos.

Eu acho, Serra, que tudo que o governo federal puder fazer para tornar São Paulo, além da cidade mais rica do país, da maior cidade do país, para ser



a cidade melhor em qualidade de vida, eu acho que nós temos que fazer, porque daqui sai grande parte do pão que nós comemos todo santo dia neste país. Eu sou pernambucano, todo mundo sabe, naturalizado paulista porque foi aqui que eu aprendi alguma coisa, foi aqui que eu virei político, foi aqui que eu cheguei à Presidência da República. Então, eu devo grande parte do que eu sou ao estado de São Paulo, à cidade de São Paulo, embora morando em São Bernardo a vida inteira, trabalhei aqui e eu acho que São Paulo merece tudo aquilo que a gente puder fazer porque por aqui passa quase tudo o que acontece no nosso país.

Meus parabéns ao Carlos Wilson por este trabalho extraordinário, a toda a Direção da Infraero. Meus parabéns ao Prefeito de São Paulo porque recebe mais uma boa obra para a cidade de São Paulo, meus parabéns aos empresários, aos trabalhadores e, agora, meus parabéns aos futuros usuários do novo Aeroporto de Congonhas.

Muito obrigado.

Ô gente, me desculpem, fui meio... eu só queria desejar a todos vocês um feliz Natal, um feliz Ano Novo e que a gente possa ter um 2006 muito melhor do que tivemos 2005.



Declaração à imprensa concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o Terceiro Encontro com os Catadores e com a População de Rua por ocasião do Natal (São Paulo - SP)

São Paulo-SP, 23 de dezembro de 2005

Vejam, primeiro eu acho que 2006 será um ano extremamente vigoroso para o Brasil. Os sinais todos estão colocados, que a economia vai crescer muito. Portanto, se a economia crescer, tudo o mais melhora. Nós vamos ser rígidos no controle da inflação porque não queremos que ela volte. E, portanto, eu acho que nós estaremos num ano muito bom, em 2006.

Mas eu não poderia falar de 2006 sem antes desejar feliz Natal a vocês da imprensa, ao povo brasileiro, e um feliz Ano Novo. E vamos torcer para que tudo seja melhor no próximo ano.

No Brasil, as pessoas ficam impressionadas com muita facilidade, mas o gesto mais importante que foi tomado em 2005, foi a decisão que nós tomamos de dizer ao FMI: olha, nós não queremos mais o dinheiro que estava como salvaguarda. O Brasil já adquiriu sua independência financeira, temos dinheiro suficiente para agüentar nossas exportações, portanto, vamos ficar livres desse acordo e vamos tomar conta do nosso próprio destino econômico. Essa foi a melhor notícia de 2005. Além do quê, eu acho que o cumprimento das metas da reforma agrária foi outra coisa extremamente importante.

Agora, teve um desapontamento com a queda do PIB no terceiro trimestre que, certamente, foi importante acontecer porque foi um sinal de alerta. Estávamos pisando muito no breque, é preciso soltar o breque e acelerar para o carro correr um pouco mais livremente. Eu estou muito confiante com a economia brasileira, estou muito confiante com o futuro do Brasil, e como todos nós estamos muito jovens e vamos viver mais um ano, a gente vai ver o que vai acontecer. Feliz Natal.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de sanção do Projeto de Lei relativo ao Imposto Territorial Rural – ITR

Palácio do Planalto, 27 de dezembro de 2005

Eu quero fazer uso da palavra para agradecer o comportamento que os prefeitos e as prefeitas tiveram nesses três anos em que convivemos. Eu, como presidente da República, e vocês como prefeitos e prefeitas. Obviamente que tem muitos aqui que, quem sabe, estejam no seu primeiro mandato.

E fizemos essa relação porque acreditamos numa coisa desde há muito tempo. Nós podemos rodar o Brasil para onde a gente quiser, podemos rodar o mundo, mas nós terminaremos a nossa vida no município. É para lá, depois que eu deixar de ser presidente da República, que eu vou voltar. Vou voltar para a mesma rua, vou voltar para a mesma casa, vou ter os mesmos vizinhos e, portanto, o município tem que ser tratado com o carinho que merece ser tratado e não como uma espécie de ente federativo em que você, vira e mexe, dependendo da época do ano, faz um ou outro favor para o município. O que nós queremos é aproveitar os princípios que aprovamos na Constituição de 1988, que respeitavam e davam autonomia aos municípios, para que os municípios brasileiros sejam cada vez mais independentes do governo federal, do governo estadual e, cada vez mais, possam elaborar a sua própria forma de arrecadação. Isso será bom para o contribuinte, que vai ver concretamente o dinheiro que está contribuindo, se está retornando ou não como benefício para ele. Isso vai dotar os prefeitos de maior responsabilidade, porque vão ter que cobrar, porque se não cobrarem não terão o dinheiro que existe.

Ainda hoje, andando pelo Brasil, a gente percebe muitas cidades em que prefeitos não querem cobrar nem o IPTU das poucas casas que tem, das



poucas coisas que existem na cidade, porque não é politicamente conveniente cobrar. Muitas vezes é mais fácil cobrar do governo estadual, cobrar do presidente, do que cobrar de quem deve pagar ali.

Então, essa transferência de responsabilidade, que nós tão bem discutimos na Constituição de 1988, e que agora estamos tentando consolidar com repasse de melhores condições para as prefeituras, nada mais é, meu caro Paulo, meu caro José do Carmo, meu caro Elói Pietá, do que o reconhecimento do papel que a prefeitura joga no país. Nada mais é do que a gente criar um patamar de relação entre o governo federal e os governos municipais, que faça com que essa relação seja sólida, seja honesta, seja transparente, e que ninguém fique dependendo de favor de ninguém.

Eu estou convencido de que o meu governo nesses três anos, ou nessas três marchas que vocês fizeram a Brasília, nós nos jogamos de corpo e alma não só para participar ativamente de todos os debates – nunca perguntamos nem ao Paulo, nem ao José do Carmo, nem ao Elói Pietá, nem a nenhum prefeito, de que partido era a maioria que estava presente no encontro. Nunca nos preocupamos com isso, nunca quisemos saber quanta gente do PFL, do PT, do PMDB, do PSDB, do PSB, do PP, do PL, do PTB, nunca nos preocupamos. Nós íamos porque a responsabilidade do governo federal nos obrigava a ter uma relação honesta e transparente com a Marcha dos Prefeitos, coisa que nem sempre foi assim no Brasil e nem sempre é assim nos estados. Nem todos os estados recebem os prefeitos como deveriam receber, nem todos governos estaduais do Brasil tratam os prefeitos como eles gostariam de ser tratados por outros entes federativos.

E nós fazemos o mesmo com prefeitos, com governadores, com os sindicatos, com os sem-terra, com os sem-teto, e fazemos por convicção, porque estamos aqui de passagem e a coisa mais sólida que nós poderemos deixar, depois de terminar o mandato, é saber que nós demos um passo a mais na consolidação dessa relação entre os entes federativos brasileiros.



Eu sei que ainda tem muita coisa para ser conquistada, sei que vocês continuarão reivindicando sempre – e é bom que reivindiquem sempre – sei que nós iremos atender muitas coisas ainda e outras não iremos atender, e iremos explicar por que não vamos poder atender. Mas que a relação seja essa que eu vi hoje aqui, em que a gente não tenha medo de fazer a crítica, mas também não tenha medo de fazer os elogios, que a gente não tenha medo de reconhecer as deficiências, mas também tenha coragem de reconhecer as virtudes. E eu acho que até agora, tanto na relação dos prefeitos para com o governo federal, e do governo federal para com os prefeitos, nesses três anos, certamente, se colocássemos em uma balança erros e acertos, nós acertamos muito mais do que erramos. E acertamos por causa da boa vontade de todos que participaram, acertamos porque todas as instituições que representam as prefeituras, que vieram aqui, vieram com muita lisura, vieram com muita ética, mas também vieram com muita vontade de conquistar coisas. E também conseguimos fazer, porque há uma cumplicidade sadia entre a Câmara dos Deputados, o Senado e a reivindicação dos prefeitos, porque se não fossem os nossos deputados, representados aqui pelo Arlindo, pelo Rubens Otoni, pelo Paulo Pimenta, pelo Eduardo Valverde, pelo João Carlos, pelo Marcondes Gadelha, pelo Vander Loubet e pelo Natan Donadon, se não fossem esses deputados e outros que não estão aqui, certamente nós teríamos tido mais dificuldades de aprovar algumas coisas.

De forma, Paulo, José do Carmo, Elói Pietá, meus companheiros de governo, deputados e prefeitos, eu só posso dizer para vocês: 2006 será um ano ainda mais promissor para os prefeitos. Eu não tenho dúvida de que vocês vão dar conta do ITR e que não se dava conta neste país há muito tempo. Vocês vão dar conta de cobrar de quem deve pagar, vai ter brigas, certamente vocês vão arrumar muitos aliados e vão arrumar alguns adversários, mas é assim mesmo, porque no Brasil quando se trata de pagar imposto sobre propriedade, na hora de vender as pessoas têm uma grande propriedade, na



hora de pagar imposto, têm uma pequena propriedade. Isso nós já sabemos, mas eu estou convencido de que, na mão de vocês, nós teremos muito mais chance de ver as prefeituras arrecadarem aquilo que as pessoas têm o dever e, portanto, devem pagar.

Então, 2006 será melhor por isso, 2006 será melhor porque a economia brasileira vai continuar crescendo, os empresários vão ter mais lucros. Os empresários tendo mais lucros, vão pagar mais imposto de renda, pagando mais imposto de renda, nós vamos ter mais dinheiro para repassar para os municípios, e isso é muito bom. Vai crescer, porque o Brasil não precisa ficar mais falando de estabilidade, porque a estabilidade já está consagrada. Agora, a lógica é crescimento e as condições estão colocadas para o crescimento, e eu acho que, crescendo o Brasil, crescem os estados, crescendo os estados, crescem os municípios, crescendo estados, municípios e União, o que vai acontecer é que vai crescer a qualidade de vida do povo brasileiro.

Feliz 2006 para todos vocês e que as conquistas sejam infinitamente maiores do que aquelas que nós já obtivemos em qualquer tempo na nossa história.

Muito obrigado e meus parabéns.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de assinatura de convênio para extensões universitárias**

Palácio do Planalto, 28 de dezembro de 2005

Eu quero cumprimentar o meu ministro Fernando Haddad, meu ministro Sérgio Rezende,

Quero cumprimento o governador Cássio Cunha Lima,

O senador Antonio Carlos Valadares,

A senadora Serys. Eu nunca consigo falar o sobrenome dela.

Os deputados federais Jorge Alberto, Gastão Vieira, Sebastião Madeira, Inocêncio Oliveira, Arnon Bezerra, Inácio Arruda, Walter Pinheiro, Nazareno Fonteles, Ariosto Holanda, Terezinha Fernandes, Jackson Barreto, Paulo Pimenta, João Grandão, Lupércio Ramos, Paes Landim, Gilmar Machado, Neide Aparecida, Rogério Teófilo, Ademir Camilo, Wasny está aqui também, Assis Miguel do Couto, Wellington Fagundes, Antonio Carlos Biffi, Milton Monte,

O professor, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Piauí, Luis de Sousa Santos Júnior; e cumprimentar todos os reitores aqui presentes,

Cumprimentando o companheiro Filipe, eu estarei cumprimentando os prefeitos e as prefeitas presentes a este evento,

Meus amigos e minhas amigas,

Estamos terminando o ano de 2005, um ano que, certamente, teremos muitas e muitas coisas para conversar sobre ele daqui a alguns anos. Mas era preciso que terminássemos o ano registrando um fato inusitado na história política do Brasil.

Com este ato de hoje, nós estamos querendo dizer aos prefeitos, aos



governadores, aos reitores, aos educadores, à imprensa e ao meu governo que daqui para a frente estará proibido um membro do meu governo, e espero que isso seja estendido a todos os entes federativos deste país, de utilizar a palavra gasto quando se trata de pôr dinheiro na educação brasileira porque, se não for assim, toda vez que você for discutir o orçamento de um município, do estado ou da União, você estará comparando a formação de um ser humano, na sua plenitude profissional e intelectual, a uma outra obra qualquer que, por mais importância que tenha, não terá o resultado de futuro para a Nação que tem a formação cidadã, profissional de um ser humano.

E nesse mundo globalizado, em que o Brasil, hoje, não disputa mais com os países do seu tamanho apenas – o Brasil ganhou muita importância no mundo contemporâneo e no mundo globalizado – portanto, o Brasil disputa espaços importantes com a União Européia, o Brasil disputa espaços importantes com os Estados Unidos, o Brasil disputa espaços importantes com o Japão, porque hoje o Brasil não é apenas um exportador de produtos... de matéria-prima, de produtos *in natura*. O Brasil, hoje, é um exportador de tecnologia, é um exportador de produtos manufaturados e, portanto, o Brasil só terá a dimensão que nós queremos que tenha, na medida em que o Brasil se transforme num país exportador de conhecimento, exportador de inteligência.

É por isso que tomamos a decisão de fazer um forte investimento, e tentar espalhar pelo território nacional, braços das nossas universidades, normalmente incrustadas nas capitais. Era preciso fazer chegar ao interior do país, era preciso levar em conta que não apenas o conhecimento, mas o progresso do interior do país, porque atrás da universidade tem muitos interesses econômicos, tem muitos interesses científicos e, portanto, a chegada de uma universidade, além do conhecimento necessário que ela tem que levar, certamente levará mais progresso, mais desenvolvimento e, portanto, melhoria das condições de vida de toda uma região, de uma micro e de uma macrorregião.



Essa decisão anunciada aqui, hoje, pelo nosso Ministro, e eu quero agradecer ao professor Marculano pelo trabalho feito – era para ele ter falado, como ele não é ministro, não falou –, ao Fernando Haddad e ao nosso querido companheiro Tarso Genro, que assumiu o primeiro ano do Ministério o ano passado, porque acreditaram que isso era possível, não mediram esforços para que a gente pudesse fazer essa extensão e essas universidades novas, mesmo vocês sabendo que, por mais que façamos, a defasagem é tão grande que nós ainda precisaremos levar muitos e muitos anos para que a gente faça a reparação da dívida que nós temos com uma grande parcela do povo brasileiro, muitos da minha idade ou um pouco mais novos do que eu, que não puderam estudar no passado porque não teve, no passado, a preocupação de acreditar no investimento na universidade.

E não é apenas o investimento na universidade. O investimento na universidade já é o investimento fim, porque o que nós queremos, na verdade, é que o Congresso, e aqui é um apelo aos deputados, não permitam que a gente passe janeiro sem votar, aliás, o Fundeb tem que ser votado antes da votação do orçamento, porque quem quiser votar contra não estará prejudicando o Presidente da República. O Presidente da República não vai voltar para a escola. Estará prejudicando milhões e milhões de crianças que poderão estar estudando, já no ano que vem, porque aprovar o Fundeb antes do orçamento ou no mesmo dia – não pode ser depois – porque ao votar o Fundeb nós precisamos colocar, já no orçamento, 1 bilhão e 300 milhões de reais para serem gastos em 2006, porque senão ele só entrará em vigor em 2007.

E eu acho que não há interesse de nenhum deputado, de nenhum senador de fazer com que as crianças brasileiras percam um ano por coisas menores da política nacional ou porque o ano que vem é um ano eleitoral.

Então, é importante votar o Fundeb. Na medida em que você vote o Fundeb, que vai estender benefícios de zero até a formação do ensino médio,



no segundo grau, nós vamos poder, com a expansão das universidades e com o ProUni, não ter medo de que as nossas crianças, ao se formarem no ensino fundamental, não vão desistir, vão poder olhar para a frente e perceber que tem uma cadeira, um professor e um quadro negro esperando por elas para darem o passo seguinte e seguir sua vida profissional. É isso que nós estamos tentando demonstrar, que o Brasil precisa urgentemente recuperar o tempo perdido.

Há muito tempo, se cada governante que passou por este país tivesse feito a sua parte, certamente hoje nós não precisaríamos estar anunciando tudo que estamos anunciando e muito mais que vamos anunciar o ano que vem, porque as cidades que foram premiadas com as extensões, todos vocês sabem que, para cada uma que é premiada, tem uma que está lamentando porque não foi para sua cidade. Obviamente que não dá para fazer uma em cada município, mas é preciso que a gente combine também que, se a universidade vai estar numa cidade, a escola técnica terá que estar em outra cidade do mesmo estado, para que a gente possa criar também condições em outras cidades.

E o ensino profissional é extremamente importante ou quase tão importante quanto a universidade, porque na medida em que o Brasil retoma o crescimento médio anual de 5%, nós vamos ter problemas de mão-de-obra qualificada no nosso país.

Então, o que nós estamos querendo dizer para vocês é o seguinte: acreditem que o Brasil entrou, definitivamente, na rota do crescimento econômico. E não um crescimento de vôo de galinha, que cresce um ano e cai outro ano. O país está preparado, com estabilidade, com a inflação controlada, para crescer durante 10 ou 15 anos de forma sucessiva, obviamente que respeitando as intempéries que podem acontecer pelo mundo econômico afora. Mas, de qualquer forma, vocês têm consciência de que um governo que tem a coragem de tomar a decisão de devolver ao FMI 15 bilhões e meio de dólares,



e vamos devolver também ao Clube de Paris, o que nós estamos querendo dizer para o povo brasileiro? Crescemos, somos donos do nosso nariz, iremos estabelecer a nossa matriz de política econômica, a nossa política de crescimento e queremos com os organismos multilaterais toda solidariedade do mundo, mas queremos tocar a economia brasileira às custas daquilo que nós temos de mais importante que é a nossa força de trabalho.

E se a economia vai crescer, como eu tenho certeza que vai crescer, o conhecimento precisa crescer concomitantemente. Precisa crescer, porque o que pode parecer mais desesperador é, na hora em que as indústrias tiverem precisando contratar mais técnicos, mais profissionais, a gente perceber que há escassez no mercado. Então, nós queremos fazer esse jogo combinado: do ensino fundamental à universidade, da estabilidade econômica à política do desenvolvimento, para que o Brasil, definitivamente, se transforme num país de economia sólida, num país desenvolvido, e que possam as futuras gerações viver num mundo infinitamente melhor do que aquele que nós herdamos.

Por isso eu quero dizer, Fernando, e eu falando em Fernando eu vou cumprimentar todos os companheiros do Ministério da Educação, te dar os parabéns. Lógico que ainda falta a minha São Bernardo receber uma extensão, lógico. Lógico que nós temos cidades muito grandes que ainda precisam de extensão, hoje eu diria para o Fernando, São Gonçalo, no Rio de Janeiro. É uma cidade de 1 milhão e 300 mil habitantes, muito pobre. Na Baixada Fluminense já foi, para a Nova Iguaçu já foi, já está funcionando, já tem aluno na sala de aula, então, tem algumas cidades em que ainda vamos fazer mais, porque tem que ser uma definição de Estado, não é a vontade de um Ministro, seja ele da Educação ou do Planejamento, da Fazenda; ou a vontade de um Presidente. Tem que ser decisão do Estado. Ou nós investimos agora ou daqui a dez anos nós teremos gastado, em cadeia, o dinheiro que não gastamos em educação neste ano.



Eu quero desejar a todos que assinaram, aqui, os protocolos, meus parabéns aos governadores, aos prefeitos. Certamente passaremos por alguns deles agora, em janeiro, estou querendo fazer uma viagem para onde vamos fazer as universidades. Mas o que eu queria no fundo, no fundo, é desejar a vocês um 2006 acima daquilo que vocês pensam que merecem.

Muito obrigado e que Deus abençoe todos vocês!